

**GOVERNO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS BAGÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE LÍNGUAS**

**O PROJETO “MALA ENCANTADA”:
DESENVOLVENDO ESTRATÉGIAS VOLTADAS AO LETRAMENTO LITERÁRIO**

ANA RITA FAGUNDES LÉO

**BAGÉ
2015**

ANA RITA FAGUNDES LÉO

**O PROJETO “MALA ENCANTADA”:
DESENVOLVENDO ESTRATÉGIAS VOLTADAS AO LETRAMENTO LITERÁRIO**

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Línguas, linha de pesquisa Interculturalidade, Discurso e Cognição do Curso de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Ensino de Línguas da Universidade Federal do Pampa de Bagé-RS.

Professora Orientadora:
Prof^ª. Dr^ª Valesca Irala Brasil

**BAGÉ
2015**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

L576p Léo, Ana Rita Fagundes

O Projeto "Mala Encantada": Desenvolvendo Estratégias
Voltadas ao Letramento Literário / Ana Rita Fagundes
Léo.

218 p.

Dissertação (Mestrado)-- Universidade Federal do
Pampa, MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE LÍNGUAS, 2015.
"Orientação: Valesca Brasil Irala".

1. Letramento Literário. 2. Leitura e escrita. 3.
Ensino Fundamental. I. Título.

ANA RITA FAGUNDES LÉO

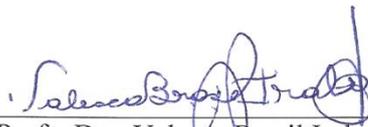
**O PROJETO “MALA ENCANTADA”:
DESENVOLVENDO ESTRATÉGIAS VOLTADAS AO LETRAMENTO LITERÁRIO**

Dissertação de Ana Rita Fagundes Léo apresentada ao programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ensino de Línguas da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Línguas (Modalidade Mestrado Profissional).

Área de concentração: Linguagem e Docência.

Dissertação defendida e aprovada em 08 de dezembro de 2015.

Banca Examinadora:



Profª. Dra. Valesca Brasil Irala
Orientadora e Presidente –UNIPAMPA



Profª. Dra. Maria Thereza Veloso
Examinadora – URI



Profª. Dra. Verônica Camargo da Silva
Examinadora – UERGS

BAGÉ

2015

AGRADECIMENTOS

À minha querida e competente orientadora, Profa. Dra. Valesca Brasil Irala, por não desistir de mim e de me apoiar nos momentos mais difíceis. Por ter acreditado em mim, por ser firme e generosa e por isso admirável. Obrigada por estar no meu caminho e por me fazer melhor.

Aos meus queridos alunos, sujeitos dessa pesquisa, os quais compartilharam dessa caminhada. Obrigada por fazerem parte da minha vida e me ajudarem a crescer. A vocês, todo carinho.

Ao Eduardo Petrarca Léo, meu amor, meu parceiro, meu ouvidor das lamúrias, dos choros, das leituras nas madrugadas. Obrigada pelo apoio incondicional.

À Profa. Dra. Zila Letícia Goulart Pereira Rêgo que, gentilmente, contribuiu com minha dissertação, com suas competentes e valiosas observações. Muito obrigada.

A todos os professores do curso do mestrado profissional por transmitirem conhecimentos valiosos e fundamentais para o meu crescimento pessoal e profissional. Salientando as Profa. Dra. Fabiana Giovani e Profa. Dra. Vera Lúcia Cardoso Medeiros por participarem da Banca Examinadora contribuindo para o aprimoramento de minha dissertação. A cada um, o meu afeto.

Aos queridos e inesquecíveis colegas pelos momentos que compartilhamos nessa jornada difícil e gratificante.

À mãe, Norma Barbosa Fagundes, pelas rezas ao Pai Eterno, pelas garrafinhas de água benta na bagagem das viagens para Bagé e pelo cursinho de Língua Espanhola, juntamente com o Leti, dias antes da prova.

À sogra Odessa Menna Barreto Petrarca, pelo apoio e carinho em todas as situações.

Ao mano Marcus Vinícius Fagundes, por duas viagens e esperas intermináveis nas provas de seleção, sempre confiante.

À amiga Terezinha Souto Almeida, a principal responsável pela minha decisão de enfrentar esse desafio. Obrigada por me ajudar na elaboração de meu currículo, por me incentivar, acompanhar e acreditar no meu trabalho.

À querida amiga Adelma Ribeiro Teixeira, por me aguentar, fazer a leitura dos meus textos, sem reclamar, me incentivar e, principalmente, acreditar na minha capacidade.

À Diretora e amiga Maria Cristina Andreta Barros da Silva, pela compreensão e apoio aos meus projetos, em especial, ao “Mala Encantada”.

Ao talentoso sobrinho Vinicius Capiotti Fagundes, responsável e incansável nas ilustrações do produto pedagógico.

Ao Alexandre Blanco Fagundes, Leti, meu sobrinho querido, meu socorrista, nas línguas estrangeiras (Inglês e Espanhol) e nas barbeiragens no computador.

Ao querido sobrinho Ricardo Machado Léo, Ricardinho, por me ajudar no abstrat desta dissertação.

Aos queridos sobrinhos Gabriela e Alfredo Dubois Fagundes, cobaias especiais das atividades do produto pedagógico, o livro “Mala Encantada”.

. Aos secretários e funcionários sempre gentis e de boa vontade. Abraço carinhoso.

Ao seu Danilo Cunha Nascimento, taxista, que se tornou um grande amigo fazendo parte dessa trajetória.

À Mel, minha cachorrinha, companheira inseparável dos momentos de estudo.

Enfim... A todos que colaboraram e torceram por mim.

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo o letramento escolar, com foco no letramento literário voltado para o “Projeto Mala Encantada” desenvolvido no 5º ano do Ensino Fundamental, em 2013, em escola de periferia, na cidade de São Gabriel R/S. A questão que norteou esse estudo fundamenta-se nas estratégias pedagógicas socialmente viáveis nesse contexto, considerando a importância de desenvolver as competências e habilidades de leitura e de escrita como instrumentos de mediação entre a construção da aprendizagem e a transformação do aluno frente à sociedade contemporânea. O objetivo central da pesquisa foi analisar estratégias didáticas utilizadas no processo de desenvolvimento do projeto a fim de gerar um material de autorregulação/ autoinstrucional para auxiliar estudantes do Ensino Fundamental com base nas estratégias previamente utilizadas na sala de aula. É uma pesquisa de cunho qualitativo, com fundamentação teórica amparada na pesquisa narrativa (LARROSA, 1994; SCHMIDT, 1990), estudos de letramento em uma abordagem sociocultural (BAKHTIN 2010, 1992; STREET 1984, 2014; ROJO, 2012; TFOUNI 2010; FREIRE 1987; KLEIMAN 1995, 2005, 2006; SOARES 1988, 2005, 2010), estudos de letramento em uma abordagem estética e criativa (ESTÉVEZ, 2009; FREIRE, 2014/ ALENCAR, 2002; BARBOSA, 2012) e estudos de letramento em uma abordagem literária (PAULINO, COSSON, 2009, 2014, 1998 ; COELHO, 1986; SARTRE, 1993). Análise de textos produzidos pelos alunos (BALDI, 2012; 2012; BORDINI, 1986; RICARDO-BORTONI, 2008).

Palavras-chave: Projeto de letramento. Leitura e escrita. Estratégias didáticas. Material de autorregulação.

ABSTRACT

The present work aims to study the scholar literacy, focusing on literary literacy in "Mala Encantada" Project developed in 2013 in a 5th year of primary school situated outskirts of São Gabriel, RS. The question that guided this study is based on socially viable pedagogical strategies in this context, considering the importance of developing the skills, such as reading and writing skills, as tools for mediation between the construction of learning and transformation of the student in a contemporary society. The central objective of the research was to analyse teaching strategies used during the project development in order to generate a self-regulating material / auto instructed to assist students of elementary school based on strategies previously used in classes. This research is a qualitative research with the theoretical foundation based on a narrative research narrativa (LARROSA, 1994; SCHMIDT, 1990), literacy studies in a sociocultural approach (BAKHTIN 2010, 1992; STREET 1984, 2014; ROJO, 2012; TFOUNI 2010; FREIRE 1987; KLEIMAN 1995, 2005, 2006; SOARES 1988, 2005, 2010), literacy studies based on a creative and aesthetic approach criativa (ESTÉVEZ, 2009; FREIRE, 2014/ ALENCAR, 2002; BARBOSA, 2012), and literacy studies based in a literary approach (PAULINO, COSSON,2009, 2014, 1998 ; COELHO,1986; SARTRE,1993). Analysis of texts produced by students (BALDI, 2012; 2012; BORDINI, 1986; RICARDO-BORTONI, 2008).

Keywords: literacy project. Reading and writing. Teaching strategies. Self-regulation material.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Ensaio da leitura das produções.....	48
Figura 2: Apresentação na Biblioteca Pública Municipal.....	48
Figura 3: Sala de aula.....	54
Figura 4: Sala de aula.....	55
Figura 5: Sala de aula.....	56
Figura 6: Sala de aula.....	57
Figura 7: Obra de Webb Steve – Viviana: Rainha do Pijama.....	67
Figura 8: Obra de Tony Blundel – Cuidado com o menino.....	68
Figura 9: Texto original do aluno Gabriel.....	69
Figura 10: Reprodução do texto do Gabriel.....	69
Figura 11: Texto: Pato de sapato.....	70
Figura 12: Texto do aluno Lucas.....	70
Figura 13: Texto da aluna Helen.....	71
Figura 14: Reprodução do texto da aluna Helen.....	71
Figura 15: Reescrita do texto de Helen.....	72
Figura 16: Reprodução da reescrita.....	72
Figura 17: Textos prontos para a publicação em mural.....	73
Figura 18: Sala de aula: um momento de reescrita.....	74
Figura 19: Sala de aula: um momento de reescrita.....	74
Figura 20: Texto do aluno Victor.....	75
Figura 21: Reprodução do texto de Victor.....	75
Figura 22: A mala que inspirou o projeto.....	77
Figura 23: Fotografia da cadeira de balanço.....	78
Figura 24: Lousa com conteúdo da aula sobre os elementos da narração.....	79
Figura 25: Texto de Fabiéle.....	80
Figura 26: Reprodução do texto de Fabiéle.....	81
Figura 27: Texto 2 original de Fabiéle.....	82
Figura 28: Reprodução do texto 2.....	82
Figura 29: Reescrita do texto 2 de Fabiéle.....	82
Figura 30: Texto de Camila.....	83
Figura 31: Reprodução do texto de Camila.....	83

Figura 32: Reescrita do texto.....	84
Figura 33: Texto de Vinicius.....	85
Figura 34: Reprodução do texto.....	85
Figura 35: Novo texto de Vinicius.....	86
Figura 36: Reprodução do texto.....	86
Figura 37: Reescrita do texto.....	86
Figura 38: Texto de Matheus.....	87
Figura 39: Reprodução do texto.....	87
Figura 40: Texto de Matheus.....	89
Figura 41: Reprodução do texto	89
Figura 42: Ilustração referente ao texto.....	89
Figura 43: Reescrita do texto.....	89
Figura 44: Texto produzido por Andriel.....	91
Figura 45: Texto produzido por Robert.....	92
Figura 46: Texto produzido por Antoni.....	93
Figura 47: Dramatização do texto da figura	94
Figura 48: Continuação da dramatização da figura	94
Figura 49: Presença do escritor e historiador Osório Santana Figueiredo no Lançamento do livro.....	96

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Estratégias metodológicas e atividades	49
--	----

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	13
1.1 Remoendo a memória.....	13
2 INTRODUÇÃO	17
2.1 Quando surgiu o termo “ <i>letramento</i> ”?.....	18
2.2 O contexto do projeto.....	20
2.3 A questão da pesquisa e seus objetivos.....	21
CAPÍTULO I	25
3 O LETRAMENTO E SUAS IMPLICAÇÕES NO ENSINO/APRENDIZAGEM	25
3.1 O letramento nas práticas escolares: uma abordagem histórica e sociocultural	25
3.2 Letramento literário.....	31
3.2.1 Os sete pecados capitais do letramento literário.....	33
3.3 Como Calibans: abrindo brechas nas trevas	35
3.3.1 Como é possível desenvolver o princípio estético na Educação Básica?.....	38
3.4 A importância dos agentes de letramento nos diversos contextos	41
CAPÍTULO II	45
4 METODOLOGIA E RESULTADOS	45
4.1 Descrição/Análise da proposta.....	53
4.1.1 A relação ambiente/espaço no desenvolvimento da aprendizagem.....	53
4.1.2 A biblioteca na sala de aula.....	55
4.1.3 Escrita criativa: dom ou aprendido?.....	59
4.1.3.1 As memórias sociogenéticas na escrita.....	59
4.1.3.2 Reflexão sobre alguns conceitos de criatividade.....	61
4.1.3.3 Oficinas para a escrita criativa.....	62
4.1.3.3.1 Minha experiência com as oficinas para a escrita criativa.....	64
4.1.4 Mediação: uma orquestração de vozes.....	67
4.1.5 Revisar não é reescrever.....	72
4.1.5.1 A reescrita na sala de aula.....	73
4.1.6 Análise das produções dos alunos: tecendo o texto.....	76
4.1.6.1 A mala como objeto de narração.....	76

4.1.7 O processo de criação ponto a ponto.....	78
4.1.8 O livro “Mala Encantada, Pé na Estrada”.....	95
4.1.9 O produto pedagógico.....	96
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS	103
ANEXOS.....	108
Anexo A - Fotografia da Turma do 5º Ano.....	109
Anexo B.- Momentos do lançamento do Projeto Mala Encantada.....	110
Anexo C - Livro: Mala Encantada, Pé na Estrada.....	128
Anexo D - Documento de autorização.....	168
Anexo E - Produto Pedagógico– Material autoinstrucional: A Mala Encantada.....	169

Olá, amigo LEITOR...

Escritores são arquitetos das letras

Por isso são inquietos.

Estão sempre inventando

E não se cansam de brincar

Com as palavras

E tudo de sua lavra...

Com as palavras,

Contam contos.

Divertem-se com as aventuras

Frutos da inspiração

E produzem loucuras

Que iluminam a imaginação,

E promovem a fantasia

Daqueles que procuram

Cultura e diversão.

(LÉO, Ana Rita Fagundes – Quesada, Quixano, Quixote, 2009).

1 APRESENTAÇÃO

1.1 Remoendo a memória

Ora, se a vida não é mais que um tecido de experiências de toda a sorte, se não podemos viver sem estar constantemente sofrendo e fazendo experiências, é que a vida é toda ela uma longa aprendizagem. Vida, experiência, aprendizagem não se podem separar. Simultaneamente, vivemos, experimentamos e aprendemos.

Anísio Teixeira (1978).

A inclusão das narrativas de experiências vivenciais nos trabalhos acadêmicos é de grande contribuição para reflexão e melhor compreensão do contexto real em que se realiza a pesquisa. Segundo Larrosa (1994):

o sujeito pedagógico ou, se quisermos, a produção pedagógica do sujeito, já não é analisada apenas do ponto de vista da objetivação mas, também, da subjetivação[...] isto é, do ponto de vista de como as práticas pedagógicas medeiam certas relações determinadas da pessoa consigo mesma. Aqui os sujeitos não são posicionados como objetos silenciosos, mas como sujeitos confessantes; não em relação a uma verdade sobre si mesmo que lhes é imposta de fora, mas em relação a uma verdade sobre si mesmos que eles mesmos devem contribuir ativamente para produzir (LARROSA, 1994, p.54).

O relato pessoal é uma visão particular de mundo, é a identidade, a experiência individual do sujeito, que descrita, compartilha e, nesse momento, ressignifica, pois é reconstituída de um passado para um presente. É uma experiência vivenciada numa determinada situação e reconstituída em outra, com propósitos diferentes, porém se entrelaçando e se complementando num ato de confissão e de reflexão entre a teoria e a prática.

Nosso olhar está viciado em ver nossa prática conforme queremos, o distanciamento, mediado pelo instrumento que for não importa qual seja, desde que leve o modo de ver por outro viés e faça o sujeito se confrontar com a sua própria prática sem medo, possibilitará o enfrentamento e, em consequência, as transformações.

Confesso que tenho um sentimento não de medo, não chega a tanto, mas um receio das evidências possíveis que encontrarei durante o percurso entre mim e minha prática, com um olhar frio e desvelado, na trajetória de investigação, mas creio que com a minha

experiência nesses anos de magistério, tendo a oportunidade, no curso de mestrado, de me aperfeiçoar, de adquirir novos saberes, novos conhecimentos e um novo olhar sobre o meu fazer e o meu ser e procurar ser mais e melhor do que sou, será minha transformação, será uma grande vitória de mim mesma e, sendo assim, terei uma prática mais crítica e libertadora.

Com formação em Letras, dedico trinta anos ao magistério público estadual, no município de São Gabriel, interior do Rio Grande do Sul, o qual possui aproximadamente 60 mil habitantes e tem como base da economia a agropecuária. Também contamos com duas universidades, a Universidade da Região da Campanha - URCAMP, que é uma instituição comunitária e a Universidade Federal do Pampa – Unipampa. A presença dessas duas universidades, gradativamente, está mudando o perfil socioeconômico e político do município, oportunizando milhares de pessoas, principalmente os jovens, a terem acesso ao ensino superior e à pesquisa científica, desenvolvendo e ampliando suas possibilidades e se fazendo constituir em sujeitos da construção do conhecimento, da ciência e da sociedade.

Ao longo de minha trajetória profissional, passei por diferentes e enriquecedoras experiências no campo educacional. Ainda estudante do Curso Normal, na Escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, instituição particular com filosofia religiosa, a coordenadora foi até a nossa sala de aula e explanou um projeto que a escola estava implantando com alunos incluídos, enfim, alunos oriundos de diversas escolas que, devido à indisciplina eram excluídos e dificilmente aceitos por outros estabelecimentos de ensino. Foi-nos passado um quadro negro sem giz, nem apagador. Como enfrentar tamanho problema com pouca ou nenhuma experiência? Em seguida, a coordenadora fez a pergunta que tínhamos: “Quem de vocês gostaria de lecionar a turma da 3ª série (4º ano) do Ensino Fundamental com aproximadamente 20 alunos de diferentes idades? Quem se habilitaria? Quem?”... Fez-se um silêncio tão intenso que não se ouvia nem a respiração das “normalistas”, como eram chamadas as estudantes do curso, a pergunta insistente e desafiadora parecia ecoar na grande sala, muito alta de um antigo prédio. De repente, uma mão salvadora levantou bem decidida e uma voz altiva se fez ouvir: “eu”, os olhares fulminantes e/ou surpresos da classe voltaram-se para a colega corajosa, eu. Foi a minha primeira experiência como professora, valeu para todas as demais. Além de enfrentar os problemas da turma, pessoais e sérios, que não eram poucos, tive que enfrentar um surto de piolhos, sorte que eles desprezaram os meus longos cabelos, contudo, foi difícil a jornada, mas juntos vencemos as diversidades. Depois, formada, fui contratada pela escola para lecionar uma turma de Educação Infantil, a qual já havia passado por duas professoras que não conseguiram dar conta da missão.

Também foi dura experiência, pois havia muitas crianças inclusas. Essas experiências foram primordiais para o meu amadurecimento profissional.

Antes de realizar concursos públicos, fundei, com mais três colegas, uma escola de educação infantil chamada “Artes & Manhas”, que se transformou em escola de ponta no município, onde fui administradora e professora e quando nomeada no Estado, em quarenta horas, ficou difícil administrá-la. Após dois anos, com muito pesar tivemos que desativá-la, o que foi uma perda para a comunidade e para nós, sócias.

Assumi no Estado, lecionando por vinte anos no Instituto Estadual de Educação Menna Barreto, de 1983 a 2004, localizado no centro da cidade, o qual possui aproximadamente mil e cem alunos. Ministrei aulas de Língua Portuguesa, Didática da Língua Portuguesa, Literatura, Ed. Artística e Metodologia Científica, nas diferentes modalidades de ensino, incluindo o curso de magistério e, na área administrativa, ocupei cargo na vice-direção em três gestões e na supervisão geral, por sete anos consecutivos, em diferentes gestões, dando-me uma ampla visão da estrutura escolar.

A convite de uma colega do Instituto Menna Barreto que na época era Diretora da Escola Estadual Dr. Pery da Cunha Gonçalves, dei uma virada radical na minha vida profissional. Deixei a vice-direção do Instituto para assumir o ensino fundamental nessa escola, na qual ingressei em 2004 e, a partir disso, venho desenvolvendo projetos de relevância social e cultural, pelos quais recebi o título de “Destaque em Educação”, em 2006.

A escola possui aproximadamente seiscentos alunos, distribuídos em três turnos, localiza-se na periferia da cidade e abrange seis bairros do nosso município.

Exterior ao recinto escolar, mas vinculado a ele, também atuei como representante, no município, da 13ª Coordenadoria de Educação, junto ao município de Bagé-RS.

Nesse contexto, sinto minha bagagem pesada, não no sentido pejorativo, mas no sentido de experiência, de prática pedagógica, de luta, de comprometimento com a educação e com os sujeitos que dela fazem parte. Sei que ensinar exige desprendimento, dedicação, competência, responsabilidade e reflexão sobre nossa prática pedagógica.

O que me move como educadora é a constante busca do ideal, é essa longa caminhada que enfrento entre caminhos tortuosos e retilíneos, sem desanimar, e perseguindo, permanentemente, aquilo em que acredito, ou seja, uma educação transformadora e emancipadora.

No texto abaixo, Freire (2014) nos dá um testemunho do seu fazer pedagógico e da importância desse fazer ser coerente com todo o entorno de sua prática:

Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina, não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas de minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético ao ensiná-los. É a decência com que o faço. É a preparação científica revelada sem arrogância, pelo contrário, com humildade. É o respeito jamais negado ao educando, a seu saber de experiência feito que busco superar com ele. Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é a minha coerência na classe, entre o que digo, o que escrevo e o que faço (FREIRE, 2014, p. 101).

Esse dizer nos leva a refletir sobre o quão amplo é o papel do professor em ensinar. Como bem afirma Freire (2014), o nosso papel em ensinar ultrapassa as paredes da sala de aula em busca de um universo mais complexo e que exige esforço, não só para entendê-lo, como para nele aprender a viver dignamente, com coerência. E na procura de respostas, o mundo nos ensina e nós ensinamos o que aprendemos com o mundo, não de forma circular, fechada em si mesma, mas num constante movimento de ir e vir, uma dupla vertente, em que nós aprendemos com os alunos e eles conosco numa troca de saberes e experiências que também fazem parte desse mundo e para que juntos, nesse processo do ensino e da aprendizagem, venhamos a ser melhores.

Por tudo que já foi dito e pelos porquês que ainda procuro respostas para o que ainda não foi dito é que me faz enfrentar outros desafios ainda maiores, como o Curso de Mestrado Profissional em Ensino de Línguas, com a intenção de aperfeiçoar a minha prática pedagógica, ampliando a visão profissional, bem como, a construção dos saberes para a formação integral do sujeito, tendo esse como foco central do ensino/aprendizagem, o que justifica que devo estabelecer ainda mais uma sintonia, uma integração entre a pesquisa científica orientada e a prática educativa para obter resultados mais concretos e seguros para trilhar a complexa estrada da educação, sem atalhos.

Nessa caminhada encontrei a caixa preta, nos escombros de minha memória, e revirei meus pensamentos em desordem para reconstitui-la. Mesmo um pouco apagada pelo tempo, valeu apenas lembrar e refazer a caminhada que nem eu sabia que tinha. Redescobri a minha prática, parte de minha vida, remoendo a memória e resgatando uma história, em que gostei de mergulhar.

2 INTRODUÇÃO

[...] Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente [...]

Paulo Freire

Bem se sabe que o mundo está mais exigente, ele requer um sujeito capaz de compreender a si próprio para compreender, refletir e atuar no mundo circundante e, para isso, deve circular, na sala de aula, nesse pequeno espaço de criação, onde se ensinam e se aprendem diversos tipos de textos. Aos textos não basta apenas serem lidos e escritos, mas discutidos com reflexões. Cabe ao professor criar um ambiente propício para o letramento na sala de aula e detectar o conjunto de experiências e vivências que o sujeito traz e, a partir disso, expandir o seu conhecimento, letrando-o para ampliar seus horizontes.

O método tradicional de ensino da leitura e escrita é conteudista, mecanicista e descontextualizado, com o foco em aprender a ler e a reproduzir o que leu, sem uma ordem didática significativa das atividades e sem estímulo e emoção: o fazer por fazer e nada mais, como se o aluno fosse um mero ser passivo, que somente recebe as informações, sem inferi-las. Esse método de ensino está cada vez mais se distanciando da sala de aula e está sendo amplamente debatido nas escolas, nas universidades, as quais buscam novos conceitos, novas metodologias e novas práticas para o ensino da língua materna.

Na década de 70, começou uma mudança significativa e conceitual nas práticas escolares, dando espaço a um novo conceito de linguagem que, até então, era entendido apenas como um instrumento de comunicação entre os sujeitos. Com os estudos e pesquisas na área, diversificaram-se as visões sobre a linguagem. Mikhail Bakhtin (1895-1975), teórico russo traduzido inicialmente para o francês e depois para outras línguas de grande circulação internacional, apresenta-nos uma nova concepção, a qual rompe com uma visão de linguagem instrumentalista: a concepção enunciativo-discursiva, que vê a linguagem como uma forma social e de interação na relação interpessoal e no contexto em que é produzida, nas suas diferentes formas e situações de comunicação. Em questões de ensino, isso mudou a posição do aluno, que, de simples receptor, passou a sujeito ativo do processo comunicativo.

Outros estudos surgiram, alicerçados em pesquisas de grandes pensadores como Lev Vygotsky (1896-1934), que concebe a linguagem como instrumento de interação social e

aprendizagem; Jean Piaget (1896-1980) - teoria construtivista. Nos anos 80, surgem Emília Ferreiro e Ana Teberosky, apresentando como se dá o processo de aquisição da leitura e da escrita e influenciando significativamente as reflexões em torno do ensino de língua materna, especialmente nos anos iniciais. (SOARES, 2010).

Com todas essas mudanças de concepções, novos paradigmas se instauraram na área educacional, abrindo espaço para profundas discussões, reflexões e estudos sobre a língua e seus contextos de uso, visando a alcançar o letramento.

2.1 Quando surgiu o termo “*letramento*”?

O conceito da palavra **letramento** na Língua Portuguesa: *letra* vem do latim - *littera* + *mento* – resultado de uma ação = ao sentido de tornar-se letrado. O termo *letramento* ainda não está dicionarizado, por ser um termo introduzido recentemente na Língua Portuguesa. Magda Soares, (2010, p. 39) define o termo como “resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita. O estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas.”

É uma temática em constante debate no cenário educacional, devido a sua importância e complexidade, em busca de alternativas e novas metodologias para o ensino-aprendizagem. Ensinar a criança a ler e a escrever não é tarefa fácil, muito longe disso, é uma árdua tarefa que tem mobilizado pesquisadores da área, levando-os a buscar caminhos que apontem para novas concepções e métodos, a fim de sanar tão grave problema que vem afligindo os educadores em todas as instâncias (SOARES, 2010).

Faz-se necessário compreender que os conceitos de alfabetização e de letramento são distintos em seus processos cognitivos e metodológicos, mas, ao mesmo tempo, indissociáveis, uma vez que o termo letrado surgiu da necessidade de diferenciar o sujeito que sabe ler e escrever, o qual se torna *alfabetizado*, do *letrado*, o qual ultrapassa a condição de alfabetizado e passa desta para uma situação constante de letramento.

O poema de autoria de uma estudante norte- americana, de origem asiática, Kate M. Chong, conceitua o letramento descrevendo sua própria experiência:

O que é letramento

*Letramento não é um gancho
em que se pendura cada som enunciado,
não é treinamento repetitivo
de uma habilidade, nem um martelo
quebrando blocos de gramática.*

*Letramento é diversão.
é leitura à luz de vela
ou lá fora, à luz do sol.
São notícias sobre o presidente,
o tempo, os artistas da TV
e mesmo Mônica e Cebolinha
nos jornais de domingo.*

*É uma receita de biscoito,
uma lista de compras, recados colados na geladeira,
um bilhete de amor,
telegramas de parabéns e cartas de velhos amigos.*

*É viajar para países desconhecidos,
sem deixar sua cama
é rir e chorar
com personagens, heróis e grandes amigos.*

*É um Atlas do mundo,
sinais de trânsito, caças ao tesouro,
manuais, instruções, guias,
e orientações em bula de remédios,
para que você não fique perdido.*

*Letramento é, sobretudo,
um mapa do coração do homem,
um mapa de quem você é,
e de tudo que você pode ser.*

(CHONG, apud SOARES, 2010, p. 41)

Além do poema trazer um conceito prático e real de um contexto de letramento, Soares, (2010) deixa clara a importância dos alfabetizadores fazerem essa distinção entre alfabetizar e letrar, mesmo que sejam processos diferentes, pois eles são complementares e fundamentais para todo o processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Soares, se há falta de compreensão dos processos, há possibilidade de insucesso no sistema de alfabetização e na progressão continuada dos saberes escolares que envolvem a linguagem. O termo letramento abrange múltiplas linguagens, seus usos e práticas sociais, em ambientes diversificados do cotidiano do aluno. Para Rojo, o termo

busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrando contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola, etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural (ROJO, 2009, p. 98).

Em outras palavras, é uma visão ampliada do letramento, oportunizando aos alunos experiências em outros contextos em variadas funções sociais.

Tanto Soares, (2010) quanto Kleiman, (2005) em seus dizeres, consideram a alfabetização e o letramento como processos e como práticas sociais. Nesse ponto, confundem-se e se diferem quando a *alfabetização* é prática institucional e a escola cumpre esse papel importante. Já o *letramento* não necessariamente tem a ver com a escola, é mais amplo, compreende desenvolver e dominar os usos da língua em práticas sociais. Vejamos, o termo letramento surge como um termo que expande o conceito de alfabetização, das práticas mais elementares às mais complexas, como ler um bilhete simples a escrever um romance.

2.2 O contexto do projeto

Nessa perspectiva, nasceu a necessidade de trabalhar, com projetos de letramento no 5º ano do ensino fundamental, envolvendo leitura e escrita. Até o ano de 2013, tais projetos vinham sendo desenvolvidos com êxito, mesmo que essa professora pesquisadora os realizasse com autoformação e um pouco de intuição. Cada ano se fazia um projeto com a mesma temática, porém, com novas metodologias, adaptando-as às necessidades constatadas no processo de ensino/aprendizagem e aos recursos disponíveis na escola. Em um determinado ano, não havia bibliotecária, foi improvisada uma biblioteca na sala de aula, mas contando com outro recurso: a sala de informática e, no ano seguinte, a situação se inverteu.

Esses obstáculos não impediam o desenvolvimento dos projetos, porém prejudicavam a sua aplicabilidade, ao invés de enriquecê-los com a utilização das mais variadas formas de uso da linguagem. Com o tempo, os projetos foram se aprimorando, aliados às experiências adquiridas no decorrer do processo e de sua construção e, conseqüentemente, na observação e na avaliação, foram tomando corpo e se reestruturando na medida em que evoluíam.

Com base em alguns alunos que saíram das classes de alfabetização e ainda não dominavam as práticas de leitura e escrita, na falta de interesse deles por compreender o sistema da escrita, da experiência de sala de aula com o trabalho linguístico, e do avanço gradativo e surpreendente com o desenvolvimento das estratégias didáticas propostas e pelo contexto escolar histórico-sociocultural, justifica-se uma proposta voltada para o letramento com estratégias didáticas de leitura e escrita mais significativas e prazerosas,

visando a desenvolver as competências e habilidades de leitura, escrita e oralidade, proporcionando ao aluno um novo olhar, mais reflexivo.

2.3 Questão da pesquisa e seus objetivos

A questão da pesquisa deste trabalho fundamenta-se na seguinte pergunta:

- **Que estratégias pedagógicas o Projeto *Mala Encantada* proporcionou às práticas de letramento socialmente viáveis em um contexto escolar de periferia?**

Essa questão norteará a descrição do projeto de letramento, apoiada na fundamentação teórica selecionada para esta pesquisa, considerando a importância da leitura e da escrita como instrumentos de mediação entre a construção da aprendizagem e a transformação do sujeito. Espera-se que o aluno, além de aprender a habilidade de ler e escrever, adquira a competência de refletir e resolver seus problemas do cotidiano; caso contrário, muito pouca é a contribuição da escola e do professor para promoverem mudanças e novos paradigmas para a sociedade contemporânea.

O objetivo central deste trabalho de pesquisa é, com base em um projeto de letramento com foco na literatura, desenvolvido em escola de periferia,

- Analisar estratégias didáticas utilizadas em um projeto de letramento literário realizado no 5º ano do ensino fundamental em escola de periferia, a fim de gerar um material autoinstrucional para auxiliar estudantes.

Para delimitar a pesquisa, fazem pertinentes os objetivos específicos, para preservar o foco do trabalho. São eles:

- Evidenciar as possíveis contribuições de um projeto de letramento literário levado a cabo ao longo de um ano letivo, às posteriores vivências dos estudantes.

- Explicitar as tensões entre a experiência da professora e os temas de letramento.

- Desenvolver um material autoinstrucional para estudantes do Ensino Fundamental, com base nas estratégias previamente utilizadas em sala de aula.

A necessidade de construir estratégias metodológicas bem definidas, voltadas a um projeto de letramento literário, configurou-se a partir das inúmeras dificuldades de ordem cognitiva e linguística detectadas, logo no início do período letivo, durante o processo ensino-aprendizagem do 5º ano do ensino fundamental, no ano de 2013, em escola de periferia com baixo nível socioeconômico, mas, em contrapartida, com uma comunidade colaborativa.

Constatou-se que, na turma de 27 alunos, alguns pais eram analfabetos, outros analfabetos funcionais e, dos alfabetizados, apenas oito possuíam um maior nível de escolaridade.

Na realidade, muitos alunos oriundos de classes populares chegam à escola sem deficiências cognitivas, linguísticas e culturais, mas por terem acesso restrito à leitura e à escrita na vida cotidiana, muitos ainda possuem um nível rudimentar de leitura e escrita, mesmo após um tempo de escolaridade (como é o caso de estudantes do quinto ano). Sanar esses problemas depende da condução da escola no processo de ensino/aprendizagem. O papel da escola é aprofundar essa discussão e, ao invés de ficar focando somente uma discussão metodológica, deve acrescentar, numa ação dialógico-reflexiva, uma fundamentação nas questões do processo de alfabetização e letramento, enriquecendo as vivências culturais dos alunos com atividades que propiciem seu crescimento, pois, diferentemente de estudantes de classes sociais mais favorecidas, nem sempre tais experiências serão vivenciadas em seus ambientes familiares, dada a escassez de agentes de letramento envolvidos nessa tarefa.

Já na escola, na qual o projeto de letramento foi aplicado, os agentes de letramento (KLEIMAN, 2006) são muitos, como: professores, entre eles, escritores, o guarda escolar, que é poeta e seus textos circulam na escola constantemente, assim como os dos demais.

Da mesma forma, o município de São Gabriel, no estado do Rio Grande do Sul, onde a presente pesquisadora tem atuado como docente, tem um grande legado cultural, com escritores de renome, associações culturais, variedade de jornais, museus, etc. Atualmente a comunidade recebeu “O Casarão da Praça”, espaço cultural que foi totalmente restaurado;

outro espaço cultural, o antigo teatro “Harmonia”, também está sendo restaurado. As igrejas, os quartéis também têm grande influência na economia e na política do município, onde importantes decisões políticas escreveram parte da história do país. Temos nas redondezas o roteiro das Missões e um vasto pampa gaúcho impregnado de histórias, enfim, uma riqueza cultural a ser explorada e usada pelos agentes de letramento das escolas, a fim de inserir o aluno nesse contexto e envolvê-lo no processo de escrita. Escrever não é privilégio de poucos, não é dom, é uma habilidade a ser exercitada, trabalhada e mais uma vez se reforça que a escola é o espaço privilegiado para desenvolver essa habilidade, proporcionando os meios e estimulando o aluno às práticas de letramento.

A turma na qual se desenvolveu o projeto de letramento que a presente pesquisa relatará, possuía uma ampla heterogeneidade, tanto no que diz respeito às experiências de leitura quanto na disciplina e faixa etária, gerando motivo de preocupação. A heterogeneidade é normal e salutar numa sala de aula quando não prejudica o processo ensino/aprendizagem; já quando é muito acentuada, torna-se preocupante, mesmo sabendo que essa não é uma situação isolada ou incomum no sistema educacional brasileiro. A meta de todo professor deveria ser procurar alternativas para preencher essas lacunas e despertar o interesse desses alunos, buscando uma metodologia prazerosa, estimulando-os a construir a aprendizagem, aumentando, assim, a capacidade de fruição, desenvolvendo a criatividade. Alfabetizar o olhar, como se tecesse uma colcha de crochê: um ponto a cada trecho do caminho.

Sabemos que este é um tema complexo e, por isso, buscou-se, como professora, um aprofundamento teórico e um aporte metodológico que viabilizasse compartilhar com outros docentes essa experiência realizada em um contexto que, dados os inúmeros fatores já traçados, não era o mais favorável. Nesse sentido, buscou-se uma metodologia de pesquisa que lançasse mão de instrumentos como a coleta documental que irá subsidiar a proposta da dissertação intitulada: *O projeto “Mala encantada”: desenvolvendo estratégias para o letramento literário*, de forma a mostrar passo a passo o processo utilizado durante o seu desenvolvimento didático.

É um projeto de cunho qualitativo, com fundamentação teórica amparada na pesquisa narrativa (LARROSA, 1994; SCHMIDT, 1990), estudos de letramento em uma abordagem sociocultural (BAKHTIN 2010, 1992; STREET 1984, 2014; ROJO, 2012; TFOUNI 2010; FREIRE 1987; KLEIMAN 1995, 2005, 2006; SOARES 1988, 2005, 2010), estudos de letramento em uma abordagem estética e criativa (ESTÉVEZ, 2009; FREIRE, 2014/ ALENCAR, 2002; BARBOSA, 2012) e estudos de letramento em uma abordagem literária

(PAULINO, COSSON,2009, 2014, 1998 ; COELHO,1986; SARTRE,1993). Análise de textos produzidos pelos alunos (BALDI, 2012; BORDINI, 1986; RICARDO-BORTONI, 2008).

A proposta apresentada nesse projeto também visa a tornar os alunos seres mais sensíveis, mais criativos, mais inventivos capazes de criar e recriar a realidade, a fim de saírem da sua área de conforto e enfrentarem o mundo expandindo suas concepções, ainda que imaturas. É nesse ambiente, nesse contexto de ensino e aprendizagem, de criação e fruição, que a escola deve traçar suas metas, mobilizando e priorizando o que há de mais relevante e essencial para o aluno, na elaboração de seu planejamento, desde que haja flexibilidade.

Esta dissertação está organizada em dois capítulos. O **Capítulo I** apresenta o referencial teórico: **O letramento e suas implicações no ensino/aprendizagem** que fundamenta as reflexões das teorias voltadas para o letramento e para o letramento literário. O **Capítulo II** descreve a **Metodologia e Resultados** utilizados no desenvolvimento do projeto e traz as orientações e estratégias metodológicas que irão gerar o produto pedagógico proposto.

CAPÍTULO I

3 O LETRAMENTO E SUAS IMPLICAÇÕES NO ENSINO/APRENDIZAGEM

O presente capítulo faz uma breve trajetória pela história da educação brasileira e dialoga com as concepções de letramento, de letramento literário e suas práticas que sustentam a fundamentação desta pesquisa de âmbito educacional, desenvolvida em uma escola de periferia, no ensino fundamental (séries iniciais 5º ano), no município de São Gabriel/RS.

3.1 O letramento nas práticas escolares: uma abordagem histórica e sociocultural

Vai já pra dentro, menino!
Vai já pra dentro estudar!
[...]
Eu sei que aprendo nos livros,
eu sei que aprendo no estudo,
mas o mundo é variado
e eu preciso saber tudo!
[...]
Quero ver com os meus olhos
quero a vida até o fundo,
quero ter barro nos pés,
eu quero aprender o mundo!
(Pedro Bandeira)

A história da educação brasileira iniciou com a chegada dos padres jesuítas em 1549, a fim de imprimir sentimentos religiosos e promover a fé cristã, método de ensino que se estabeleceu por duzentos e dez anos, influenciando profundamente a cultura do país. Depois veio o período pombalino, de 1760 a 1808, quando os jesuítas foram expulsos do Brasil e de Portugal, pelo então primeiro-ministro Marquês de Pombal, o qual trazia a missão da coroa portuguesa de promover reformas para recuperar a economia (SAVIANI, 2013).

Através dos tempos, a trajetória da escola e da educação foi se delineando com os acontecimentos sociais, culturais e políticos, sofrendo transformações, ainda que tímidas dentro desse cenário, interferindo diretamente nas estruturas educacionais. A partir da independência do país em 1822, as mudanças na educação começaram a se consolidar e,

somente em 1823, a educação popularizou-se com garantia na Constituição de 1824. Movimentos pró-universidades começaram a despontar com propostas e com o comprometimento do Império de implantá-las no país, o que não ocorreu. O Império comprometeu-se, também, em expandir e popularizar o ensino “primário”, a fim de promover o acesso democrático à escola, o que não veio a ocorrer, apesar de estar institucionalizado na constituição de 1827, instaurando sua expansão nas cidades e vilarejos do país, determinação que não foi cumprida, atrasando a nação em uma das suas maiores conquistas, considerada, se implementada, a “Lei Áurea” da educação básica e, hoje, sem esta lacuna, estaríamos com outra mentalidade e, conseqüentemente, com outra realidade e com outros patamares.

Segundo Saviani (2013), o país passou por períodos alternados de guerras e de revoluções, cujas conseqüências levaram a transformações sociais e políticas, porém, na área educacional, somente a partir da constituição de 1988 é que se consolidaram garantias mais significativas, através da democratização do Ensino Fundamental e do esforço por erradicação do analfabetismo.

As décadas de 50 e 60 foram marcos de projetos promissores, como o movimento ocorrido em Pernambuco, que revolucionou a alfabetização de jovens e adultos com o método de Paulo Freire. Em 1996, é promulgada a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e, nessa sequência, o Ministério de Educação e Cultura edita os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), norteadores da proposta educacional ainda vigente, para garantir os direitos sociais e individuais do cidadão. Em 1998 foi criado o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), para avaliar os conceitos aprendidos pelos estudantes no final da Educação Básica, e mais adiante, a Prova Brasil, entre outros, estabelecendo uma cultura de avaliação externa no ensino brasileiro.

Essa passagem rápida pelo histórico da educação brasileira promove “uma reflexão e ao mesmo tempo uma constatação de quão lenta foi a sua evolução no sentido de transporte, preservação ambiental e segurança pessoal” (PCN, 1996, p. 1), para o exercício pleno da cidadania, com acesso à cultura e com domínio da língua falada e escrita, como inserção no meio social, promovendo mudanças significativas no contexto político, econômico, cultural, histórico e social do país. E constata-se também, quão tardia foram as reformas.

Para compreensão desse contexto e de uma nova proposta, os especialistas na área da Educação e da Linguística, trouxeram o termo *letramento* (SOARES, 2010, p.45), como uma palavra nova que surgiu no século XX para redefinir conceitos e fenômenos no ato de alfabetizar, que desde o Brasil Colônia, o país vem enfrentando o problema de ensinar as

peessoas a ler e escrever diante da sombra do analfabetismo, que ainda é uma realidade e, para combatê-la, todo o esforço torna-se pequeno. Todavia, o “alfabetizado” apenas não configura mais um ser letrado. Segundo definições dadas pela UNESCO, em 1958, já se fazia menção às concepções dos termos letrados e iletrados:

É letrada a pessoa que consegue tanto ler quanto escrever com compreensão uma simples e curta frase sobre sua vida cotidiana. É iletrada a pessoa que não consegue ler nem escrever com compreensão uma frase simples e curta sobre sua vida cotidiana (UNESCO apud SOARES, 2010, p.71).

Nessa perspectiva, o conceito de letramento ultrapassa a ideia do alfabetizar, que seria o desenvolvimento das habilidades de ler e escrever com compreensão, mas contempla apenas a dimensão individual, já o letramento visto pela dimensão social, não se satisfaz com a dimensão individual do letramento, atribuindo-lhe não somente um conjunto de habilidades individuais, mas também, os usos e contextos em que serão usados.

Antes de surgir o termo *letramento* no Brasil, Paulo Freire já aplicava a concepção em sua prática pedagógica, ao afirmar que

[...] a leitura da palavra é sempre precedida da leitura de mundo. E aprender, a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa manipulação dinâmica que vincula linguagem e realidade. (FREIRE, 1985, p. 8)

Ao dizer que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, Freire vislumbra a relação dialética entre leitura e contexto e o processo de alfabetização. O conceito de alfabetização vai além da decodificação dos signos, pois, para ele, a educação deve ser um ato de libertação e construção da história. Reafirma a necessidade de que tanto educadores quanto educandos posicionem-se criticamente e solidariamente ao viverem a educação. Essa é a única saída para a construção de uma sociedade justa, sem oprimidos e opressores.

A concepção particular de letramento de Tfouni (2010) abrange também aquela parcela da sociedade excluída: os não-alfabetizados, os quais são relegados por seus colegas especialistas no assunto, e é justamente para esse grupo que seus estudos estão focados, na busca de uma teoria do letramento que expanda seu conceito, abrindo espaço para questões

políticas e sociais de inclusão dentro da esfera educacional. Reforça seu posicionamento dizendo que

[...] não é possível pensar ou propor que o letramento se restringe apenas aos usos sociais de leitura e escrita, como propõem alguns colegas que recentemente aderiram ao tema, e que definem letramento como um conjunto de habilidades, técnicas e competências voltadas exclusivamente para a produção e recepção de textos escritos e para o domínio maior ou menor de técnicas de leitura e escrita. Tais abordagens simplificam a questão do letramento [...] (TFOUNI, 2010, p. 219).

Para ela, essa visão simplista e restrita dificulta o conceito de letramento que vai além do social, que não se preocupa somente com o ato de aquisição da leitura e da escrita, mas também como uma questão “que tenha preocupações políticas e sociais de inclusão e justiça, principalmente dos mecanismos educacionais.” (TFOUNI, 2010, p. 219).

Alguns acadêmicos estudiosos da área se debruçam na dimensão do letramento, com o intuito de fazer a distinção entre a alfabetização e os impactos sociais dos usos da escrita.

Nesse contexto, para Kleiman (1995), a alfabetização é entendida como aquisição da habilidade de ler e escrever para que o sujeito seja considerado alfabetizado e afirma que “não existe um método de letramento”. Nenhum nem vários. O letramento envolve a imersão da criança, do jovem ou do adulto no mundo da escrita” (KLEIMAN, 2005, p. 9).

Segundo Paulo Freire (1987), o sujeito para ser considerado letrado, além de desenvolver as habilidades básicas de ler e escrever tem que entendê-las, sistematizá-las, interpretá-las e desenvolvê-las, a fim de chegar à reflexão crítica, para que tenha a possibilidade de promover as mudanças sociais necessárias.

De acordo com Scribner (1984), não há um conceito fechado em si mesmo para definir a alfabetização como letramento, o qual passa por vários níveis e vai se ampliando, evoluindo e se adaptando conforme a necessidade exige na diversidade sociocultural, que é configurada por ele quando afirma que

Em certo momento, a habilidade de escrever o próprio nome era a comprovação de letramento; hoje, em algumas partes do mundo, a habilidade de memorizar um texto sagrado é a principal demanda do letramento. O letramento não tem uma essência estática nem universal (SCRIBNER, 1984, p. 8).

Em contexto globalizado, com a enorme variedade de gêneros e com as novas tecnologias, o letramento, por ser flexível, foi exigindo novas habilidades de escrita e leitura,

tornando-as necessárias para o desenvolvimento de novas capacidades cognitivas, na busca de entender e expressar essa complexa realidade da contemporaneidade.

Alguns especialistas das áreas da educação e da linguística afirmam ser mais adequado empregar o termo *letramentos*, no plural, em detrimento de um único letramento, no singular. A partir dessa concepção, Street afirma que

seria, provavelmente, mais apropriado referir-nos a letramentos do que a um único letramento, e devemos falar de letramentos, e não de letramento, tanto no sentido de diversas linguagens escritas, quanto no sentido de diversas linguagens e crenças, no campo de cada língua e/ou escrita (STREET, 1984, p. 47).

Da leitura dos textos seminais sobre letramento (STREET, 2014) parece emergir a compreensão de que *letramento* precisa ser concebido à luz das particularidades socioculturais e econômicas dos entornos mais grafocêntricos¹ ou menos grafocêntricos nos quais se inserem os sujeitos em sua materialidade histórica.

A escola não deve ficar à margem das mudanças sociais que estão visíveis no contexto atual. Para Rojo (2012), essas mudanças tornam-se indispensáveis para uma nova concepção de currículo e na construção de uma prática pedagógica que exige múltiplas leituras para acompanhar essas transformações na sociedade. Tanto o papel da escola como o do professor é de promover o ensino e a aprendizagem, instaurando na sala de aula uma diversidade de letramentos (multiletramentos), promovendo uma avaliação reflexiva e crítica (ROJO, 2012). Para enfrentar esse desafio, é mister que o professor e a escola estejam capacitados adequadamente.

Os estudos de letramento, “apesar de alguns notáveis avanços” (STREET, 2014, p. 161), ainda exigem a necessidade de esclarecer alguns conceitos, tais como os modelos **autônomo** e **ideológico**. Street (2014) afirma que esses modelos não são dicotômicos. Em seu entendimento, aqueles que promovem essa divisão de conceitos são os que privilegiam o modelo autônomo (neutro e imparcial), que possui o seu produto centrado em si mesmo, desvinculado do contexto social, com foco nos aspectos técnicos da leitura e escrita, descartando a oralidade. Já aqueles que optam por um modelo ideológico, na realidade não dispensam os “aspectos técnicos da leitura e da escrita, tais como decodificação, correspondência som/forma e ‘dificuldades’ de leitura, mas sustentam que esses aspectos do

¹ **Grafocêntrico** é centrado na imagem gráfica ou escrita. Privilegia a escrita em detrimento do som.

letramento estão sempre encaixados em práticas sociais particulares²” (STREET, 2014, p. 161).

Diante desses modelos de letramento, faz-se a reflexão: qual deles a escola privilegia? Não há necessidade de grande esforço para concluir que a escola ainda está arraigada ao modelo autônomo, o qual valoriza os aspectos técnicos da leitura e escrita, sem levar em conta a pluralidade das práticas letradas e o contexto social.

Esse modelo de letramento prioriza a erudição e a língua escrita, em oposição à oralidade e às experiências dos alunos. Cabe à escola abandonar concepções autônomas de letramento e instaurar mudanças, buscando novos conceitos e abrindo um espaço de igual valor à oralidade, pois isso seria oportunizar alunos de classes sociais menos privilegiadas a terem sua cultura valorizada.

Já vimos anteriormente que tanto a alfabetização quanto o letramento escolar são práticas discursivas que envolvem um conjunto de práticas sociais e que são envolvidas em eventos específicos (observáveis). Segundo Street (2001, p.11), "o conceito de 'evento de letramento' dissociado do conceito de 'prática de letramento' não ultrapassa o nível da descrição". Esta é uma distinção meramente metodológica para auxiliar pesquisadores nas investigações que envolvam leitura e escrita nas diversas situações de uso.

O conceito de **práticas de letramento** (não-observáveis, abstratas) que, segundo Street (2014), por serem mais abrangentes, incluem os **eventos de letramento** (observáveis, isolados), portanto, as práticas de letramento requerem um entendimento mais amplo do contexto sociocultural em que a leitura e a escrita estão inseridas.

Para entender de maneira clara esses conceitos, **os eventos de letramento** são particulares e se referem “a qualquer ocasião em que um trecho de escrita é essencial à natureza das interações dos participantes e a seus processos interpretativos” (HEATH, 1982 apud STREET, 2014), como atividades de letramento rotineiras que instrumentalizam as **práticas de letramento** para que, através das suas análises, possam interpretá-las.

Em suma, o conceito de **eventos de letramento** referem-se a *atividades específicas* de letramento e às **práticas de letramento** referem-se a *modos* “culturais gerais de utilização do letramento aos quais as pessoas recorrem num evento letrado” (BARTON, 1991, p. 5 apud STREET, 2014). São práticas em diferentes contextos sociais de letramento.

² Segundo Street (2014, p. 161) **práticas sociais particulares** “são processos de socialização por meio do qual a leitura e a escrita são adquiridas e as relações de poder entre grupos são engajadas em práticas sociais diferentes são cruciais para o entendimento de questões e ‘problemas’ específicos.”

Os conceitos e modelos de letramento (STREET, 2012) percorridos nesse capítulo são instrumentos balizadores para os pesquisadores e para seus estudos e avanços nessa área, bem como para os docentes em suas práticas escolares, que buscam um letramento crítico, envolvendo o aluno em atividades para esse fim que, através da linguagem, eles utilizam como estratégia a reflexão, o questionamento das relações de poder e das suas representações no discurso e de tudo que representa e que poderá influenciar a vida do sujeito como ser com identidade, crítico, político, social e transformador.

Dentro desse contexto abrangente pela variedade de práticas sociais escolares e não-escolares de letramento e pela variedade de gêneros (verbais e não-verbais) que circulam nessas diferentes esferas das comunidades discursivas (BAKHTIN, 2010), é que se desenvolvem as práticas significativas de leitura, escrita e oralidade em todos esses campos da atividade humana, ligados ao uso da linguagem.

Na realidade, este projeto sobre os estudos de letramento tem por finalidade propor uma flexão sobre o papel da escola, do docente e do aluno dentro do contexto social em que estão inseridos, mas também sobre as funções e contribuições que cada segmento exerce na sociedade em que atua. Portanto, trabalhar leitura, escrita e oralidade tornar-se-ão atividades significativas de aprendizagem se engajadas em práticas sociais reais de letramento. Assim, o aluno terá a oportunidade de agir nas diferentes situações sociocomunicativas, não só se apropriando da leitura, como da produção dos diferentes gêneros usados nessas práticas.

É importante que o aluno perceba, em seu cotidiano, a utilização dos diversos gêneros, sejam eles escritos ou orais, como bilhetes, conversas, celulares, revistas, livros, mensagens, compras... E que cada situação exige uma determinada produção, uma forma particular de comunicação, pois as finalidades, os interlocutores, os meios de comunicação e circulação do texto são diferentes.

Como se vê, no transcorrer dessa reflexão, com enfoque no letramento e práticas escolares, percebe-se que é um tema vasto, denso e complexo, por isso apaixonante. Quanto mais se aprofunda, mais consciência se tem de sua incompletude, que deixa uma sensação de “insaciedade”.

3.2 Letramento literário

Na sessão anterior, dialogou-se sobre o termo letramento, sua origem, complexidade e abrangência, que; além de pessoal, o indivíduo utiliza suas habilidades de leitura e escrita em diversos contextos sociais específicos de seu cotidiano (SOARES, 2010, p. 72).

O foco principal desse projeto está voltado para uma experiência de práticas escolares de leitura e escrita para formação de leitores de literatura de alunos do 5º ano do ensino fundamental. Face ao exposto, antes de fazer uma reflexão e de aprofundar o tema, é bom lembrar que literatura é arte e como bem se sabe “a **arte** é universal e inerente ao homem... como são parte dele os olhos... a fome”, etc. (COELHO, 1986, p. 29). “A arte é linguagem, ou seja, toda expressão artística é vista como um fenômeno expressivo” (ibid.), uma expressão da subjetividade, que na concepção de Sartre,

chama-se arte literária ao conjunto de beneficiamentos que as tornam inofensivas. Curtidas, refinadas, quimicamente tratadas, elas fornecem aos seus compradores a oportunidade de consagrar à cultura da subjetividade alguns momentos de uma vida inteiramente voltada para o exterior (SARTRE, 1993, p. 28).

Assim são as obras literárias, como arte, elas resultam de um ato criador, sempre têm algo a dizer, mesmo não sendo levadas a sério, mas direta ou indiretamente elas “se nutrem de valores essenciais para a existência humana” (COELHO, 1986, p. 30).

O letramento literário proposto por Cosson e Paulino (2009, p. 67) é definido como processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”, pois como processo, o letramento literário requer uma ação contínua, como bem compara Sartre, o objeto literário com um pião, “que só existe em movimento” (1993, p. 35).

O letramento literário, conforme Paulino (1998, p. 16), classifica-se como “outros tipos de letramento”, por tratar-se de uma apropriação³ individual de práticas de leitura e escrita, visto que o sujeito faz suas próprias escolhas, sendo assim, o letramento literário ultrapassa o prazer de ler, da criação do hábito da leitura, ele propicia tanto ao aluno como ao professor a ler e interpretar a literatura (COSSON, 2014). É um modo de despertar para o mundo desbravando-o através da leitura para conhecer o que esse mundo constituído de linguagem tem a oferecer e dessa forma utilizar esse instrumento para, com proficiência, conhecê-lo e articulá-lo.

A relação texto/leitor não é uma dialética verbal de interlocutores que interagem mutuamente, frente a frente com réplicas, mas uma relação em que o interlocutor recebe as informações do texto e com seu “conhecimento prévio” (KLEIMAN, 2008), fará sua leitura e interpretação com os espaços em branco deixados pelo texto nas suas entrelinhas, isso levará o leitor a exercitar sua mente, possibilitando-o a fantasiar quando passa a imaginar tudo aquilo que lê. O autor e o leitor exercem uma cumplicidade, pois um complementa o outro.

O autor depende do leitor para sua obra se concretizar e o leitor precisa da obra para se transformar e essa relação texto/leitor é fundamental para o caráter constitutivo de ambos. Cosson (2009, p. 69) diz que “é assim que a literatura permite que o sujeito viva o outro na linguagem, incorpore a experiência do outro pela palavra, tornando-se um espaço privilegiado de construção de sua identidade e de sua comunidade”. Esse movimento de construção e reconstrução de identidade, segundo Cosson (2009), acontece durante as leituras dos textos, os quais se apropriam e vivem as experiências alheias somadas às vivências do meio. A experiência da literatura fortalece e amplia essa relação proporcionando uma visão mais clara de dar sentido tanto ao mundo quanto ao leitor.

3.2.1 Os sete pecados capitais do letramento literário

Nesse contexto, a escola, como agência de letramento, exerce papel fundamental na formação de alunos leitores proporcionando o acesso e o contato com os livros para estabelecer a relação texto/leitor. Essa relação faz o aluno inserir-se no mundo das palavras, esse será o passo inicial para ele desenvolver os comportamentos leitores e o gosto pela literatura e tornar-se um leitor literário.

Como já foi exposto, esse projeto é centrado principalmente na leitura e na escrita de textos para que se efetive o desenvolvimento e crescimento do aluno como ser e como cidadão. Ele, através dos livros, experimenta várias emoções e experiências como se as vivessem intensamente. A literatura proporciona ao leitor ampliar seu vocabulário, sua escrita, sua criatividade e sua visão de mundo, dando-lhe maturidade, autoconfiança e curiosidade; portanto, é importante que ele seja motivado para adquirir o gosto pela leitura, e se tiver acesso permanente às obras, isso o familiariza com a literatura e faz com que crie gosto pela leitura, o que vai depender do modo como ela será apresentada, conforme Cosson,

é no exercício da leitura e escrita dos textos literários que se desvela arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é de todos” (COSSON, 2014, p 16).

Na verdade, constata-se uma resistência acentuada dos alunos quanto a atividades que envolvem leitura de textos e, principalmente, de obras, literárias ou não. Quando se lança uma atividade de leitura na sala de aula, essa se transforma em paredes de lamentações e termina que somente poucos e, desses poucos, alguns de má vontade cumprem com a atividade. Geralmente, o aluno que tem essa reação frente a uma proposta de leitura e/ou escrita é porque não adquiriu o gosto de ler e tampouco de escrever o que torna a atividade um martírio para ele.

Por que essa reação de repulsa? São muitas as razões e poderiam ser enumeradas muitas delas, porém, citando algumas já bastam para discutir e refletir sobre a questão, que seriam os sete pecados capitais do letramento literário:

1. a escola privilegia o modelo tradicional de ensino/aprendizagem, a homogeneidade, isto é, coíbe a espontaneidade, a criatividade e as multi interpretações advindas do aluno acreditando que, assim, os manterá sob controle. Focar o ensino enfatizando “o conhecido e o mensurável” (COSSON, 2009, p. 71);
2. o docente sem experiência e formação literária, sem leitura de mundo e, por possuir uma visão limitada, não admite ambiguidades nem imprevistos, para tudo só existe uma resposta;
3. não valorizar a cultura, as experiências e os saberes dos alunos trazidos para sala de aula, assim como a comunidade em que vivem;
4. utilizar textos com respostas prontas e/ou como pretexto para ensinar gramática, o que anula as produções de sentido, o pensamento crítico, e a produção criativa,
5. cobrar a leitura de livros com a finalidade de avaliar através de provas ou de fichas de leitura;
6. impor aos discentes a escolha dos livros para leitura. Sem ter essa liberdade, eles não saberão escolher suas próprias leituras e não terão uma formação de acordo com seus interesses estéticos;
7. fazer atividades de leitura como: roda de conversa, seminários, contação de histórias, dramatizações, entre outras, sem uma organização prévia, sem objetivos claros a serem atingidos.

As razões elencadas são apenas um breve subsídio que poderá minimizar a relação entre texto/leitor e literatura/leitor no âmbito escolar, levar à reflexão e que dessa reflexão,

surjam debates e desses, soluções viáveis para que o letramento literário se efetive no espaço escolar.

Cabe à escola, em especial ao professor, proporcionar um ambiente em que o aluno tenha contato permanente com textos e obras literárias, que estes circulem frequentemente e sejam manuseados fazendo parte do seu cotidiano, mas também é importante que essa relação se amplie para além dos textos escritos, como textos orais e outras formas que constituem o sistema literário (COSSON, 2009, p. 75). As estratégias de leitura e produção de textos serão desenvolvidas na metodologia e

é isso que torna a literatura tão importante para o desenvolvimento cultural do ser humano. É isso que torna a literatura para o desenvolvimento cultural do ser. É isso que significa apropriar-se da literatura como construção literária de sentido. É isso que constitui o letramento literário dentro e fora da escola (COSSON, 2009, p.76).

É isso...

3.3 Como Calibans: abrindo brechas nas trevas

A partir de uma perspectiva importante para complementar a presente pesquisa, em sua obra *A Alternativa Estética na Educação*, Estévez (2009) faz uma crítica reflexiva sobre a práxis estético-educativa na modernidade, a qual trata de uma metodologia voltada para a educação estética, no desenvolvimento e aperfeiçoamento da personalidade e na “relação estética do homem com o mundo circundante”, promovendo a sua transformação na integralidade, restabelecendo os equilíbrios perdidos e os estímulos extraviados³.

Segundo Estévez, estético é aquilo que tem significação para a sustentabilidade da existência humana e com essa concepção renova a esperança de uma harmonia estética na humanidade, na sua essência existencial sustentada pelos pilares da identidade cultural-social- histórica para criar uma consciência estética no homem da América, estetizando-o e tornando-o um disseminador de ideias, sujeito das mudanças da sua própria realidade e da sociedade em que se insere.

³ A recuperação dos equilíbrios perdidos e dos estímulos extraviados para Estévez (2009) se dará se houver sobretudo justiça social e a restauração dos mitos e que esses se convertam em esperança e estímulo para a ação para o bem do homem e da educação na modernidade.

Portanto, o autor coloca como um grande desafio a tarefa de construir propostas estético-educativas dentro de um contexto antiestético no cenário das políticas neoliberais.

As contradições nos modelos educacionais de estética em muitos países latino americanos, dão-se, em especial, devido ao contexto social de desigualdades, afetando o desenvolvimento de “uma consciência estética elevada” (ESTÉVEZ, 2009, p. 12). Segundo Estévez, é impossível haver um desenvolvimento técnico-científico sem haver mentes extremamente criativas.

A formação integral do indivíduo se dá através do desenvolvimento da sensibilidade estética no ato criador, onde ele expressa suas potencialidades de caráter cognitivo e afetivo em unidade indissolúvel e, portanto, indispensável para o processo criativo. O desenvolvimento das capacidades criativas define o homem como sujeito, pois modifica a relação sujeito-objeto.

Neste árduo caminho em busca do homem novo, da homonização que nada mais é do que a recuperação das condições naturais e sociais de sua existência, Estévez faz uma referência a Próspero e a Caliban⁴ personagens de Shakespeare, relacionando-os com o opressor e o oprimido com o neoliberalismo e as massas da subcultura. Isso “demonstra que o despertar da consciência estética” não ocorrerá sem uma comoção das condições materiais e espirituais da existência. Só assim, poderá dotar de voz a “cultura do silêncio”⁵ (FREIRE, 1985), impulsionando e desenvolvendo a educação e a cultura em função de um “novo Caliban”, um portador de sensibilidade, condição estética do novo homem.

Freire discute a severidade da globalização em sua obra, “Pedagogia da autonomia” quando diz que a ética no discurso da globalização está disfarçada de “Chapeuzinho”, quando na verdade, é o “Lobo Mau”, pois, para ele

O discurso da globalização que fala em ética esconde, porém, que a sua é a ética do mercado e não a ética universal do ser humano, pela qual devemos lutar

⁴ Personagens de Shakespeare na peça teatral: *A tempestade*. O cenário da peça é uma ilha, onde se passa uma história de vingança, amor e conspiração que contrapõe a figura selvagem, disforme e dos instintos animais existentes no homem representado pelo personagem Caliban, personagem mutante e escravo de Próspero, à figura etérea, espiritualizada e servil de seu outro servo Ariel. Próspero é Duque de Milão, um mago com muitos poderes e no final renuncia a seus poderes. Ele tem uma filha, Miranda.

⁵ Expressão utilizada por Freire (1985) para referir-se ao povo escravizado pela sua própria condição de ignorante, marginalizado pelo Estado.

bravamente, se optarmos na verdade, por um mundo de gente (FREIRE, 2014, p. 124).

A preocupação de Freire com o bem estar comum e a formação ética do sujeito é que este negue a sua identidade frente à persuasão bem trabalhada pelas ideologias capitalistas, deixando-os iludidos e alienados às corrosivas práticas antiestéticas e “gulosas” do mercado:

Há um século e meio Marx e Engels gritavam em favor da união das classes trabalhadoras do mundo contra sua espoliação. Agora, necessária e urgente se fazem a união e a rebelião das gentes contra a ameaça que nos atinge, a da negação de nós mesmos como seres humanos submetidos à fereza da ética do mercado (FREIRE, 2014, p. 125).

Ele discute a diversidade ideológica, mas para dialogar com a diversidade são necessárias reflexão, criticidade e bom senso. Desta forma, a ética na fala de Freire é alicerçada na força da rebeldia contra os lucros abusivos do mercado. “É a ética da solidariedade humana”.

Ressalta a necessidade de a ética estar sempre ao lado da estética e enfatiza dizendo que

decência e boniteza de mãos dadas. Cada vez me convenço mais de que, desperta com a relação à possibilidade de enveredar-se no descaminho do puritanismo, a prática educativa tem de ser, em si, um testemunho rigoroso de decência e de pureza (FREIRE, 2014, p. 34).

Um alerta para não cairmos nas tentações e nos descaminhos, os quais estão sempre a nos tentar, diz que temos que ser fortes a ponto de escolhermos e sabermos enfrentar as diversidades que por ventura se apresentam nos “caminhos verdadeiros”, sob a luz de uma prática transformadora, libertadora e acima de tudo ética.

Já no século XVIII, Rousseau (2008), como crítico à exaltação à razão, põe em questão a artificialidade da época e apresenta uma nova concepção de educação, capaz de introduzir a sensibilidade à razão. Ele propõe uma educação que respeite o seu tempo de acordo com a natureza, respeitando as faculdades dos alunos e valorizando a liberdade de cada um. Essa concepção foi considerada, então, uma proposta inovadora, capaz de revolucionar os conceitos de educação da época.

Todas essas, são questões para debates e reflexões críticas em busca de alternativas para o desenvolvimento estético na educação dos países da América-Latina, numa proposta

de homonização do homem, dotando-o de voz num mundo globalizado, onde a voz mais forte é a do capital.

3.3.1 Como é possível desenvolver o princípio estético na Educação Básica?

O binômio cultura/arte é essencial para desenvolver o princípio estético na Educação Básica e o professor deve possuir uma formação estética, pois, segundo Estévez, o professor que não se emociona, não emociona o aluno. Para ensiná-lo a ler e a compreender o mundo, a relação estética tem que ser sensível e subjetiva. Lidar com o emocional, para então, dar início às atividades pertinentes à leitura dos diversos textos e em especial aos literários e em diferentes contextos, sejam eles palavras, imagens ou sons, em sua amplitude e complexidade, fundamentada nos princípios estéticos, éticos e políticos estabelecendo a harmonia entre o ser, a natureza e a sociedade, numa relação dialógica não apenas contemplativa, passiva, massificadora, opressora, mas crítica, visando à formação integral do educando (FREIRE, 1987).

Cabe ao professor fazer o aluno perceber que o texto vai além do que está escrito nas entrelinhas, existe outro texto, que são os não ditos, os silenciamentos⁶ (BAKHTIN, 2010). Assim, com essa riqueza de elementos, o leitor terá pluralidade de leituras, interpretações, reflexões e articulações com a vida real, posicionando-se criticamente. O processo de análise durante a leitura se dará progressivamente, de acordo com as competências e habilidades dos alunos.

Para harmonizar forma e conteúdo, o professor deve levar o aluno a observar os elementos estruturais da linguagem (aspectos semânticos, gramaticais e sintáticos) e relacioná-los estilisticamente, oferecendo uma articulação entre a linguagem e sua função no texto, pois

ao usar a linguagem, fazemos uma experiência estética: construímos nossos textos a partir de nosso repertório, mas também levando em conta o interlocutor e a forma de interação que estabelecemos com ele. É importante levar os aprendizes a perceberem como as obras são compostas, suas características, estilos, temas e a implicação que todos esses elementos têm uma apreciação estilística, como para a produção e percepção de sentidos, o que somente reforça a quantidade dialógica da linguagem. (ROJO, 2012, p. 134).

Essa possibilidade é que faz com que os sujeitos vivam esteticamente a eticidade, pois é nessa dimensão que o sujeito (re)cria e se (re)inventa. Essa função é da escola em torná-los seres éticos capazes de (re)pensarem valores, respeitarem a diversidade (ROJO, 2012) e tornarem-se solidários, críticos, sensíveis, com uma convivência ética capaz de levá-los para o exercício pleno e ativo de sua cidadania. (FREIRE, 1985).

No mundo pós-moderno, em que o capital, o individualismo e a competitividade tomam o espaço dos valores éticos, estéticos e políticos, o Estado tem o dever de desenvolver e promover, nas escolas, um currículo voltado para esses valores, a fim de humanizar, sociabilizar e sensibilizar o aluno, para que esse venha a ser um homem comprometido com o bem comum.

Como construir um currículo na escola, sem ter noção e/ou conhecimento do que estão a propor em relação aos contextos socioculturais, históricos em que estão inseridos, sem buscar as aspirações da comunidade, sem valorizar as diversidades, e sem dialogar com a práxis da educação emancipadora, com a estética do oprimido, com a complexidade do sistema educacional? Sem ter um olhar curioso, sensível, criativo e transformador e significativo? Um olhar que valorize a cultura e a educação da população mais empobrecida? E como responder com simplicidade essas questões de tamanha complexidade? (FREIRE, 1987, 2014).

Esses princípios devem ser refletidos, amplamente discutidos e inseridos nos conteúdos escolares e, acima de tudo, trabalhados no contexto escolar. Enfim, sair do papel para a sua aplicabilidade.

Os princípios éticos, estéticos e políticos que fundamentam as Diretrizes Curriculares Nacionais (Lei nº 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB), demonstram a preocupação do Estado em inserir um novo olhar à organização curricular: “Os princípios estéticos da criatividade, da sensibilidade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais”.

Na metodologia voltada à educação estética, deve haver o desenvolvimento e aperfeiçoamento da personalidade, na “relação do homem com o mundo circundante” (ESTÉVEZ, 2009), promovendo a transformação na integralidade, reestabelecendo os equilíbrios perdidos e os estímulos extraviados. Enfim, os valores estéticos estão presentes em todas as situações que envolvem as relações do homem, sejam elas sociais, com a natureza e com os seus semelhantes.

E são esses valores: a ética, a estética e a crítica, segundo Rojo (2012), que deverão nortear o trabalho do professor na sala de aula e que a linguagem, como mediadora do ensino-aprendizagem, estabelece uma relação dialógica. Assim, Bakhtin apresentou um novo conceito de linguagem, a *enunciativo-discursiva* considerando o contexto de produção dos textos em diferentes situações de comunicação, levando em conta os gêneros discursivos nas suas variadas esferas de circulação, interpretação e, também a intencionalidade de quem os produz, marcando a diversidade de usos da linguagem nas suas práticas sociais.

Nessa concepção, o aluno passou de mero participante a um sujeito ativo, mais crítico de seu papel na sociedade em que está inserido.

Já na concepção de Freire,

aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto segundo ele, aprender a ler, a escrever e alfabetizar-se... Numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade... a educação deve ser vivenciada como uma prática concreta de libertação e de construção da história (FREIRE, 1985, p.8).

Nesse conjunto de ideias e concepções, entende-se que o aprender é uma prática desafiadora e reflexiva, tendo como princípio básico a estética amparada pela ética, e que nesse ato de amor e compartilhamento, aprende-se ensinando e ensina-se aprendendo (FREIRE, 2014). Portanto, o novo, as tecnologias, a diversidade de linguagens, de cultura, devem ser exploradas e aceitas com bom-senso e criticidade. Que o aluno em sua reflexão, seja capaz de avaliar, discernir e escolher, assim, ele se constituirá como sujeito crítico, democrático e construtor de sua própria história, relegando qualquer forma de discriminação. Pode ser um “ideal”, mas que caminhos são trilhados se não for a busca de um ideal?

Essa constante busca do ideal dá-se pela incompletude do sujeito, que na teoria bakhtiniana, constitui-se na linguagem e no diálogo com o outro. A alteridade é a relação do “eu” com o “outro”, pois o existir se concretiza nessa relação de dialogismo, reflexão e tensão dos “diferentes ‘eus’ ” (GIOVANI E SOUZA, 2014, p. 60-61).

Na concepção de sujeito, segundo Bakhtin (TODOROV apud BRANDÃO, 1995, p. 51) o “outro” desenvolve um papel primordial: “Só me torno consciente de mim mesmo, revelando-me para o outro, através do outro e com a ajuda do outro”, seu dizer certifica-se que a palavra não é monológica, mas plurivalente, e o dialogismo, uma condição constitutiva do sentido.

Conforme Larrosa (1998), devemos pensar a educação como formação se transgredirmos a fronteira que distancia o imaginário do real, pois pensar educação esteticamente é explorar o binômio experiência/sentido para que haja transformação. Ele nos dá noção de experiência quando passamos por alguma coisa que nos sensibiliza, faz nos sentir e nos dá sentido e nos transforma. É um processo subjetivo e, portanto, estético.

A partir desse pensamento, o professor deverá oportunizar ao educando desenvolver o seu potencial criativo, através de atividades, discussões e reflexões de conceitos estéticos, a fim de impulsioná-lo a transgredir suas limitações, fazendo com que supere e assuma com consciência o seu papel no mundo contemporâneo, com um olhar estético. Essa é uma das nossas funções importantes como educadores, fundamentar os princípios e conceitos estéticos, para promover mudanças e, assim, poder desenhar um mundo mais humanizado, mais solidário, pois, de acordo com Estévez, educar o nosso aluno esteticamente é

[...] soltar as amarras de seu espírito, ampliando suas necessidades mais além do puramente corporal; é revelar-lhe os segredos da beleza natural, das formas e volumes que povoam a natureza e o mundo das manifestações artísticas e do trabalho criador; é mostrar-lhe a fonte de sua riqueza interna para enaltecer sua passagem pela vida; enfim, é entregar-lhe uma lanterna mágica para iluminar as zonas mais desamparadas de seu coração e deixá-lo andar, a conquistar um lugar próprio, no pulsar alheio, e reconhecer seu “eu” na alteridade (ESTÉVEZ, 2009, p. 57).

Como Calibans, rompendo o silêncio da ignorância, abrindo brechas nas trevas, libertando-se e sendo feliz. Isso será a transformação do mundo, isso será a volta da rosa.

3.4 A importância dos agentes de letramento nos diversos contextos

Num canto secreto do meu quarto
 Tem uma cadeira de balanço milenar.
 Antes de dormir, ouço uma canção de ninar,
 Que embala o meu sono...
 E a vovozinha sentada na cadeira,
 Com cabelos de algodão doce,
 Adoça os meus sonhos.

Ana Rita F. Léo

Uma luz tênue... Um aroma de mingau quentinho perfumava o quarto com uma delicada fragrância de canela... Uma voz amorosa, embargada e cheia de emoção envolvia-me com canções de ninar e histórias encantadas dos Irmãos Grimm, Charles Perrault, Andersen, entre outros escritores maravilhosos. Elas me cutucavam, assanhavam por demais a minha imaginação. A voz era de minha avó narrando as histórias antes de eu dormir e eu ficava deveras atenta e encantada com aquela experiência motivadora, que remexia os meus sentimentos mais profundos. Queria saber mais do que ela contava, mas ela geralmente dormia primeiro que eu.

Na infância, morávamos na campanha com os avós paternos e na cidade, com os avós maternos. Eram casas mágicas: o contato com a natureza, com o narrar de causos dos peões, por vezes assustadores, por vezes engraçados, professores, muitos livros, revistas, seleções, almanaques, jornais enormes, até muita política... Cresci neste ambiente cultural diversificado e dentro de costumes tradicionais, de valores éticos e morais bem definidos, mas impregnados de amor.

Ao reportar-me à infância, sinto uma forte nostalgia, emociona-me demais, por saber que a nascente do prazer pela leitura e por tudo que ela me proporcionou e ainda proporciona veio de pequenos gestos de paciência e de carinho como os de minha avó materna, Celina, ao cantar “Senhora Santana na beira do rio...”, “Boi, boi, boi... Boi da cara preta...” e ao narrar “Era uma vez...”.

Minha maior emoção, de que tenho lembrança, foi quando ganhei da minha avó o meu primeiro livro: *João e Maria*, de Irmãos Grimm. Senti-me como gente grande, pois, como os adultos, eu já podia ler os meus próprios livros, e quando acabei a leitura, senti uma superação indescritível, havia lido e compreendido a história e ainda insatisfeita, contava-a para toda a pessoa que na casa chegava, fiquei insuportavelmente chata.

Na verdade, foram muitos os agentes e mediadores de leitura na minha caminhada de leitora: avó, mãe, professores, escritores, amigos e muitos outros, mas quando tive que eleger um deles, pensei qual havia me marcado mais, na mente, vinha só a imagem de minha avó.

Este foi apenas o início da minha trajetória de leitora, mediadora e agente de letramento, nunca mais deixei desta prática tão prazerosa e tão imprescindível para melhor compreender a mim, a minha vida e o mundo que me cerca.

A magia e o inesperado mexem até hoje com as minhas emoções de ser humano, de leitora e, principalmente, de professora e procuro transmitir aos meus alunos, através dos textos lidos e trabalhados, emoções, a fim de envolvê-los e chamá-los a sonhar, pois muitos

não tiveram a oportunidade de sonhar... De sonhar... Por não terem na vida real, por vezes dura, alguém que lhes proporcionasse submergir, através da imaginação, ao seu subjetivo e o explorasse acendendo a luz interior de cada um, despertando-lhes o prazer da leitura, em todas as suas dimensões, como forma de conhecimento e de fruição.

Nesse relato, observa-se a variedade de mediadores e de agentes de letramento, em contextos bastante privilegiados, como fontes importantes para esse fim, ampliando o conhecimento e a maneira de olhar o mundo, através da vivência com culturas e tradições divergentes: a oral e a letrada.

A oralidade, como a contação de histórias enfatizadas no texto, são práticas de comunicação milenares, pois muito antes da escrita, já se fazia o uso dessa modalidade, desde a Grécia antiga. Os ensinamentos, os valores eram transmitidos oralmente através de mestres como: Sócrates e Platão e popularmente através de histórias e das fábulas de Esopo. Após o surgimento da escrita, a oralidade passou a ser prática pouco valorizada na escola, por vivermos em uma sociedade grafocêntrica, mas, com o surgimento dos PCNs, passa a ser resgatada com a valorização da oralidade como prática tão importante quanto a leitura e a escrita na formação integral do aluno.

A oralidade e a escrita são processos diferentes, porém, modalidades da língua que se complementam, tanto é fato que os documentos oficiais que balizam os novos Parâmetros Curriculares (2007) destacam três práticas discursivas como primordiais no ensino de Língua Portuguesa: a oralidade, a escrita e a leitura, pois se o oral deve ser um dos domínios da língua, é dever do professor levar essa prática para ser ensinada com igual valor das demais e trabalhá-la em atividades significativas, com seminários, recitações, dramatizações e de outros usos. Só assim será possível trabalhar entonação, dicção, gesto e postura, que na linguagem oral são essenciais para dar vida e sentido aos textos (PCN, 1996, p. 51-52).

Na realidade, observa-se que isso pouco ocorre nas práticas escolares, devido a fatores como o excesso de alunos na sala de aula, que dificultam as atividades com “os orais”, “gêneros que se praticam essencialmente na oralidade” (SCHEUWLY, 1997 p.139).

A leitura é um instrumento essencial no processo de aprendizagem e de autoconhecimento, posto que desenvolve o senso crítico no aluno, deixando-o mais aberto ao saber e, conseqüentemente, alarga sua percepção, deixando-o apto a resolver os seus problemas do dia-a-dia:

[...] é necessário que se compreenda que leitura e escrita são práticas complementares, fortemente relacionadas, que se modificam mutuamente no

processo de letramento – a escrita transforma a fala (a constituição da “fala letrada”) e a fala influencia a escrita (o aparecimento de “traços da oralidade” nos textos escritos). São práticas que permitem ao aluno construir seus conhecimentos sobre os diferentes gêneros, sobre os procedimentos mais adequados para lê-los e escrevê-los e sobre as circunstâncias de uso da escrita (PCNs, 1996, p. 52).

Sabe-se que a formação de leitores é um processo vagaroso, pois o gosto pela leitura não se adquire repentinamente. São muitos os fatores que levam o aluno a ter o gosto pela leitura e, para essa missão, conta-se com os agentes de letramento que, são os responsáveis por essa “conversão”.

O professor, como agente de letramento, é considerado “um promotor das capacidades e recursos de seus alunos e suas redes comunicativas para que participem das práticas sociais de letramento, as práticas de uso da escrita situadas, das diversas instituições.” (KLEIMAN, 2006, p. 8).

O termo “agente de letramento” supõe-se que seja, segundo a definição de Bueno (1996), aquele que atua ou opera com as letras para promover ações.

Mas os contextos de letramento extravasam os muros da escola e da sua comunidade (ROJO, 2012) e hoje eles são mais complexos do que se imagina. Esses contextos estão presentes por todos os lados, considerando que tudo que se reporta a um texto, seja ele histórico-cultural, como a visita a museus ou a monumentos, ou, ainda, a atividades culturais variadas, a igrejas, as escolas, as lan houses, etc. Enfim, todos esses elementos levam a práticas sociais de letramento, por possuírem um texto implícito, pois trazem as ações do passado num presente e num futuro, já é tudo aquilo que se constitui em história de um determinado acontecimento, num determinado tempo e espaço, que faz parte da constituição do sujeito, por interagir e se fundir com a história desse sujeito.

Assim, a escola não só deve ser uma agência de letramento, como também deve ter um papel importante à medida que promove as condições de ensino para garantir a todos os alunos os saberes linguísticos para o exercício da cidadania, necessários ao desenvolvimento e domínio das competências de ler, escrever e refletir sobre a língua escrita.

CAPÍTULO II

4 METODOLOGIA E RESULTADOS

A escolha da metodologia narrativa adotada nessa pesquisa é de cunho qualitativo e versa sobre uma experiência, com foco principal, no letramento literário. O corpus deste estudo foram os textos escritos pelos alunos. Também, contou com a participação dos administradores escolares e algumas pessoas da comunidade envolvidas no projeto, bem como relatos das minhas experiências com as práticas pedagógicas e com as estratégias adotadas durante o processo de letramento literário. Schmidt ao admitir que

a narrativa é preciosa, pois conecta cada um à sua experiência, à do outro e à do antepassado, amalgamando o pessoal e o coletivo. E o faz de uma maneira democrática ou, mais precisamente, da única maneira possível para que uma prática social seja democrática - fazendo circular a palavra, concedendo a cada um e a todos o direito de ouvir, de falar e de protagonizar o vivido e sua reflexão sobre ele (SCHMIDT, 1990, p. 51).

A citação de Schmidt reforça a alteridade, ou seja, quem escuta ou lê o outro partilha de suas experiências e de sua companhia.

Em linhas gerais, sem um aprofundamento substantivo dos aspectos teóricos e do processo de investigação e ação, procurei percorrer alguns passos no processo de elaboração da metodologia.

A proposta do projeto de letramento literário “Mala Encantada” visou justamente a desenvolver as habilidades de leitura, escrita e oralidade, promovendo estratégias didáticas e detalhando-as a fim de organizá-las com as devidas reflexões e com as devidas intervenções, quando necessário.

Sob essa abordagem, o projeto de leitura, escrita e oralidade, “Mala Encantada”, visou a oportunizar ao estudante o contato com a literatura, através de histórias que despertem a fantasia, transportando-o para o mundo irreal e assim, ampliando o seu universo, através do imaginário e de suas competências, oferecendo-lhe várias possibilidades de leitura para melhor compreender o mundo real, com maior sensibilidade e responsabilidade para atuar como sujeito capaz de transformá-lo.

A minha intuição dizia para dar um maior entusiasmo ao projeto, reconduzindo-o para ampliar e aprofundar as atividades. Pensei... Pensei... E me veio a ideia de conseguir uma mala antiga e transformá-la em personagem protagonista, para ilustrar e motivar a criação. A partir daí, fui à busca da mala com o seguinte anúncio:

“Procuro uma mala encantada,
 No formato de um baú, antiga e de papelão.
 O empréstimo será até o final do ano letivo.
 Quem tiver uma, favor comunicar-me.
 Não irá se arrepender, pois a causa é nobre
 E visa uma viagem para o futuro.
Remetente: Profa. do 5º ano “A”.

Dias depois... Surpresa! Uma colega chegou à escola com uma bagagem, que continha três malas de tamanhos e estilos diferentes. Isso provocou uma farra, mas o importante era que a mala imaginada estava ali, bem a minha frente. Foi uma comoção para mim e ela, porque acabara de concretizar o que procurava. Ela, na procura da mala, entre os familiares, encontrou uma malinha velha e surrada que pertencia a seu pai, e em seu interior havia recibos de pagamentos e o inusitado: cartas com descrições do dia-a-dia da família, a troca de preocupações e juras de amor escritas por seus pais e bem acondicionado com cuidado, dentro de uma caixinha desbotada pelo tempo, talvez e, com certeza, o tesouro do casal: onze pedacinhos de cordões umbilicais, secos, de cor escura esverdeada e inodoros. Ali estava guardado para sempre, um pedacinho de cada filho, para vivificar, registrar o nascimento e trazer sorte. Era tradição das famílias mais antigas: guardarem como lembrança o cordão umbilical de seus filhos, quando esses secavam e caíam.

Contei aos alunos a bela história da mala e instiguei-os a imaginar quantas histórias poderiam ser criadas a partir de uma mala.

O projeto com oficinas para a escrita criativa de leitura e escrita enriqueceram e criaram vida e por que não asas? Pois a mala acabara de se transformar em personagem, ela tinha a sua história. E, juntos, a turma e eu, começamos a dar corpo ao projeto. A participação dos alunos, pais e membros da comunidade escolar colaboraram muito para a concretização do projeto.

A partir dessa história, os alunos começaram a compor as suas personagens, dando-lhes as características físicas e psicológicas e depois a construção das histórias. Auxiliei-os a elaborar seus roteiros e as oficinas aceleraram.

No dia do lançamento do projeto, algumas mães limparam a sala de aula, as crianças ajudaram na decoração e ensaiaram seus textos, que seriam lidos para os convidados da imprensa falada e escrita, membros da ACAM (Associação Cultural Alcides Maia) e da Comunidade Escolar, incluindo alguns pais. Na abertura, saudei a todos e agradei a presença. Explanei o Projeto, usando como recurso o Power Point e, na sequência, alunas de projetos anteriores recitaram poemas de autores presentes para homenageá-los. Encerramos com um saboroso lanche compartilhado. Os convidados saíram encantados com tudo, mas, principalmente com o desempenho e a produção dos alunos. Tenho certeza de que aquele momento foi inesquecível para todos os presentes.

No poema de minha autoria, especialmente para o lançamento do projeto, a mala simbolizava a viagem e a menina, a imaginação.

Mala Encantada, Pé na Estrada

Num cantinho do mundo
Completa de mágoa e empoeirada
Uma velha mala encantada
Chorava aborrecida
Por, ali, estar esquecida.

A menina curiosa ficou...
Afinal, qual seria o segredo
Desta bagagem preciosa?
E o segredo desvendou-se:
Era de pura sabedoria...

A menina enternecida
A velha mala restaurou,
E ela, agradecida,
Pra bem longe a levou...
Pra onde ela iria???

Pra Síria?
Pra China?
Pro Japão?

Não, não, nada disso!
A menina e a mala
Irão a qualquer lugar
Que a imaginação queira levar.
E o mundo, com isso...
Pequenino ficará!

(Ana Rita F. Léo)

A intenção desse poema foi estimular aos alunos a refletirem e a escreverem. O primeiro passo foi inserir, na sala de aula, um clima de entusiasmo, motivação, criatividade e solidariedade e que a leitura das diversas linguagens fosse uma fruição e, com isso,

passasse a ser uma constante na vida deles, e que a produção de textos fosse a expressão espontânea daquilo que eles não só vivenciassem nessa viagem, como também daquilo que gostariam de expressar como novas experiências.

Na sala de aula, as obras literárias ficavam à disposição. Após o lançamento do projeto, elas desapareceram como mágica. Com o desempenho positivo que tiveram na apresentação dos textos e o incentivo dos visitantes, o entusiasmo tomou conta... a cada dia os alunos traziam as produções e mais produções, liam para a turma e dramatizavam. A criação tomou conta da turma. Aproveitei o entusiasmo e incentivei-os a produzirem e a lerem. Foi um despertar, como demonstram as figuras 1 e 2. Desde então, passamos a formar uma teia que se vai tecendo aos poucos e com cuidado, como bem expressa o poema de João Cabral de Mello Neto, Tecendo a manhã: “Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos.”

FIGURA 1- Ensaio da leitura das produções



Fonte: arquivo da pesquisadora

FIGURA 2 - Apresentação na Biblioteca Pública Municipal



Fonte: arquivo da pesquisadora

Esse princípio norteou a metodologia deste projeto de letramento escolar de forma colaborativa, participativa, promovendo ações criativas e estéticas à resolução de problemas

na prática das atividades em sala de aula em situações reais, com o propósito de diminuir as lacunas entre a teoria e a prática.

Pensar no ensino de língua diante do cenário atual e de seus avanços extraordinários passou a ser um grande desafio para a educação, em especial à escola e ao professor que deve ter, além do domínio da língua e de seus princípios de aprendizagem, uma visão precisa da realidade, a fim de refleti-la meticulosamente e a partir daí organizar, planejar e articular a seleção de temas e conteúdos a serem ensinados sistematicamente.

Para essa proposta metodológica de letramento literário é importante o professor elaborar um roteiro de ações compartilhado com os envolvidos, de modo que permitam integrar as práticas sociais de linguagem, - escrita, leitura e oralidade -, com as devidas intervenções do professor.

As orientações metodológicas são sugestões de estratégias didáticas selecionadas para o letramento escolar em sala de aula, a fim de gerar um produto pedagógico.

Como metodologia, as oficinas serão desenvolvidas com múltiplas atividades de oralidade, leitura e escrita, agregadas a conhecimentos e valores, com abordagem sociocultural e estética.

No quadro a seguir, estão elencadas as estratégias didáticas selecionadas com as atividades pertinentes ao desenvolvimento do projeto de letramento, com descrição das ações propostas, como sugestões metodológicas com duração de um ano letivo.

QUADRO 1

Metodologia:

Estratégias metodológicas e atividades

Metodologia			
	Estratégias	O que fazer	Como fazer
1.	Fazer da sala de aula um ambiente propício para o letramento.	O ambiente na sala de aula não deve ser inóspito. Fisicamente, deve ter organização e estrutura que sirvam de estímulo ao letramento e sejam bem distribuídos com livros, revistas, jornais e murais para exposições das produções dos alunos e para atividades diversas.	Já no primeiro dia de aula, recebê-los com um ambiente receptivo e com recursos.

2.	Mapear e valorizar os conhecimentos prévios dos alunos.	São informações indispensáveis para o planejamento do projeto “Mala Encantada”: promover uma conversa com os alunos e investigar os seus conhecimentos sobre os gêneros, quais suas finalidades e seu destinatário, que experiências concretas eles têm de uso nas diferentes esferas sócio discursivas (BAKHTIN, 2010) nos contextos de seu cotidiano.	Estimulá-los a produzirem um texto e através da produção, verificar os seus saberes para que o professor possa, a partir dessa ação, intervir no processo ensino/aprendizagem para planejar os próximos passos.
3.	Compartilhar os passos da proposta de letramento e letramento literário com os alunos	O compartilhamento faz o aluno sentir-se comprometido e sujeito do processo. Ele deve opinar e participar da proposta e dos passos do projeto.	Numa conversa informal, o professor fará a exposição da proposta do projeto e discutirá com o grupo de alunos os passos do projeto.
4.	Organizar uma biblioteca na sala de aula.	Garimpar livros, jornais e revistas e todo o material que for pertinente à proposta. Em parceria com os alunos, com os professores da escola e com a comunidade enriquecer o acervo.	Disponibilizar o acervo em lugar acessível aos alunos para que eles possam ter permanente contato. Que a entendam como um espaço prazeroso e que se constituam como leitores. Promover contação de histórias, círculo de leitura e de consulta.
5.	Realizar seminários, contação de histórias, saraus, palestras e encontros.	Eventos de letramento.	Cada evento será planejado com a participação dos alunos envolvendo o processo de aprendizagem de leitura, escrita e oralidade.
6.	Realizar atividades de leitura, oralidade e escrita.	Proporcionar e motivar os alunos a produzirem textos.	Construir caminhos para desenvolver as competências e as habilidades em atividades diversificadas e prazerosas

			de produção.
7.	Montar murais temáticos.	Após a elaboração dos textos os alunos terão espaço nos murais para publicação e divulgação dos mesmos.	1º - Lançar o tema. 2º - Compartilhar o tema com os alunos. 3º - estimular a escrita e a leitura como prática prazerosa. 4º - publicar as produções.
8.	Realizar atividades com oficinas para a escrita criativa.	Elaborar atividades variadas para desenvolver a escrita criativa.	-Aulas expositivas, dialogadas e ilustradas. - Exercícios para ampliar o vocabulário. -Exercícios de aplicação. -Estudos dirigidos. - Leitura de imagens. - Análise, discussão, interpretação e produção de textos diversificados. - Leitura de textos.
9.	Trabalhar os elementos da narrativa com exemplos.	Realizar oficinas com atividades relacionadas ao tema.	Trabalhar os elementos da narrativa um a um em diversos tipos de textos. Motivá-los a escrever um texto observando os elementos e a sua estrutura.
10.	Contar histórias.	Proporcionar momentos de contação de histórias alternando com a professora e com os alunos.	Disponibilizar o máximo de livros para que os alunos tenham opções para escolha. Num segundo momento, abrir espaço para que eles socializem suas narrativas com os colegas. É uma boa oportunidade para exercitar a oralidade e estimular a imaginação. Torna-se uma atividade

			espontânea e muito prazerosa.
11.	Realizar atividades de intertextualidade oralmente com a participação dos alunos e também em atividades escritas.	Desenvolver a criticidade.	Apresentar atividades orais e escritas empregando estratégias de fornecimento de pistas e perguntas orientadas. Os alunos deverão entender a leitura e, provocados, a construir uma visão crítica.
12.	Fazer a revisão e a reescrita de textos individualmente e coletivamente.	Orientar os alunos de como revisarem seus próprios textos.	É uma tarefa para o aprimoramento de suas produções; portanto, requer paciência, atenção e diversas releituras para identificar o que não está claro e o que deve ser melhorado. O professor precisa estar atento e procurar auxiliá-los, quando necessário.
13.	Publicar os textos produzidos pelos alunos.	Estimulá-los a escreverem e a revisarem seus textos.	-Fazer a escrita e a reescrita dos textos selecionados por eles. Organizar os textos para publicação. -Montar o livro.
14.	Lançar o livro.	Participar da feira do livro.	-Convidar a comunidade para participar do lançamento. -Exposição dos livros.

Quadro 1 - Estratégias e atividades

Fonte: Arquivo da pesquisadora

A leitura, a escrita e a oralidade são instrumentos essenciais no processo de aprendizagem e de autoconhecimento, posto que desenvolve o aluno integralmente, despertando-lhe o senso crítico e deixando-o mais sensível ao saber e, conseqüentemente, apto a resolver os seus problemas do dia-a-dia.

Nas próximas etapas da pesquisa serão detalhadas as atividades desenvolvidas em algumas oficinas, exemplificadas com produções de alunos, a fim de responder o primeiro objetivo específico: **evidenciar as possíveis contribuições de um projeto de letramento levado a cabo ao longo de um ano letivo, às posteriores vivências dos estudantes**. Para dar conta do segundo objetivo específico, **explicitar as tensões entre a experiência da professora e os temas de letramento**, a fim de recuperar elementos-chave sobre seu processo de reflexão-ação-reflexão a respeito de sua prática e, por último, para dar conta do terceiro objetivo específico, **desenvolver um material auto instrucional⁶ para estudantes do Ensino Fundamental, com base nas estratégias previamente utilizadas em sala de aula**, será elaborado um material com uma sequência de atividades autorreguladoras⁷ com o propósito de auxiliar os alunos no processo de letramento.

4.1 Descrição/Análise da proposta

4.1.1 A relação ambiente/espço no desenvolvimento da aprendizagem

Tanto o espaço físico quanto o ambiente escolar são relevantes para o desenvolvimento da criança (MEC, 2007). Essa relação deve servir de estímulo à aprendizagem, oferecendo recursos e materiais que auxiliem nas atividades diversas, da brincadeira à cognitiva, integradas em ambiente seguro, respeitoso e agradável, onde a criança sintá-se confortável para interagir com o meio, desenvolvendo sua autonomia e sua socialização. Importante ressaltar que, para Vygotsky (apud BIZZOTTO, 2010), nesse processo, as funções do desenvolvimento da criança se dão primeiro no âmbito social, para depois no individual. A linguagem é instrumento essencial no processo tanto dessa interação, como no de aprendizagem para aquisição do conhecimento (SOARES, 2010).

⁶ Autoinstrucional: é estruturado de forma que os conteúdos sejam autoexplicativos. Nesse formato, não há a presença de professores. (<http://www.priberam.pt/dlpo/auto-regula%25C3%25A7%25C3%25A3o>).

⁷ Atividades autorreguladoras: que se autorregula sem ação externa. Estabelecimento ou verificação de regras feito pela pessoa ou entidade que está sendo alvo de regulação. (<http://www.priberam.pt/dlpo/auto-regula%25C3%25A7%25C3%253o>).

Embora espaço/ambiente, muitas vezes, sejam relegados a um segundo plano pela escola e pelas políticas públicas, são legitimamente pedagógicos, pois são importantes na organização escolar e fazem parte do projeto-político-pedagógico, devem ser cuidados e respeitados. Nessa dimensão, são princípios éticos aliados à estética numa estreita relação, pois a escola é constituída pelas partes que formam o todo pedagógico.

Nesse todo que constitui a escola, a sala de aula é um espaço de interação do processo ensino/aprendizagem numa “relação triádica: o professor, o aluno, e os conhecimentos” (GERALDI, 2010, p.82) formando três polos que se destacam e se alternam dependendo da situação que cada proposta pedagógica exige.

Essa relação salutar na sala de aula é que a torna interessante e um espaço de real ensino e aprendizagem. Administrar a sala de aula não se torna tão difícil quando existe essa troca, esse vai-e-vem de saberes numa constante e respeitosa integração entre os sujeitos protagonistas professor/aluno, como já foi mencionado na apresentação, introdução e metodologia desta dissertação.

Para desenvolver esse projeto de letramento, a sala de aula foi organizada como é descrita no Quadro – 1, da metodologia.

Abaixo, fotos ilustrativas do ambiente da sala de aula:

FIGURA 3 – Sala de aula



Fonte: Arquivo da pesquisadora

FIGURA 4 – Sala de aula



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Essas fotos registram momentos da dinâmica das práticas de leitura e escrita na sala de aula. Para despertar o interesse pela leitura, o aluno, além de ter acesso constante aos livros, deve ser estimulado pelo professor, que tem papel fundamental na aproximação do livro com o leitor, como bem está descrito no item 3.4, p. 28, onde Kleiman (2006, p. 8) diz que o professor, como agente de letramento, é considerado “um promotor das capacidades e recursos de seus alunos e suas redes comunicativas”.

4.1.2 A biblioteca escolar na sala de aula

Na sua época de estudante do ensino fundamental, qual era a imagem do espaço cultural, a biblioteca escolar, na sua imaginação? Se fosse personalizá-la, seria uma senhora muito séria, circunspecta, com roupa comportada de cor escura, discreta e cheirando a mofo. Longe de ser um ambiente convidativo, interessante, isso afastava o

aluno de seu convívio e, conseqüentemente, do gosto pela leitura. Algumas escolas, ainda hoje, mantêm suas bibliotecas com esse ambiente pesado e frio, mas a maioria delas já entendeu que, para desenvolver o letramento, todo o ambiente escolar deve ser voltado para esse fim. Sendo assim, a organização do acervo e o acesso a ele devem se adequar aos leitores e ao trabalho dos professores.

A biblioteca é um espaço importante no processo de letramento (PCN, 1998) e para dinamizar o seu uso, deve ser atrativa, disponibilizando textos e livros variados, promover práticas de leitura e projetos de incentivo à leitura, com atividades interessantes, lúdicas, reflexivas.

Nessa mesma perspectiva, deve ser a biblioteca da sala de aula, porém, em proporções menores, no que diz respeito ao acervo. A sala de aula não tem como comportar um grande acervo, mas pode disponibilizar ao aluno livros e textos variados que atendam às diversas práticas de leitura, em que tenha fácil acesso e contato constante para que mexa e remexa em caixas e estantes, o que instiga a curiosidade e o interesse tanto individual quanto coletivo (MEC, 2007).

FIGURA 5 - Sala de aula



Fonte: Arquivo da pesquisadora

FIGURA 6- Sala de aula



Fonte: Arquivo da pesquisadora

É importante que o professor planeje atividades que sejam atraentes e significativas como contação de histórias, roda de conversa sobre livros lidos, recitais, entre outros. O uso de diferentes recursos e atividades recria o ambiente, ampliando os saberes, as experiências e a visão de mundo. Cada recurso utilizado desenvolve diferentes habilidades no processo de letramento, por essa razão a importância da diversidade de recursos (Pró-Letramento - MEC, 2007, p. 27).

Por meados de março, começamos a montar uma biblioteca na sala de aula, visto que, no turno oposto, a turma também era de 5º ano. Mas o hábito de ir até a biblioteca todas as quartas-feiras não foi alterado. Nesse dia, a turma ficava muito agitada, os alunos ficavam ansiosos para que chegasse a sua vez de trocar o livro. Depois cada grupo que retornava, compartilhava com os colegas, comentavam, folheavam e não deixavam de me pedir opinião ou apenas de me deixar a par das obras escolhidas. Essa movimentação era linda demais, por vezes, até me emocionava de ver aquela fome de fantasiar que a leitura saciava, era como um parêntese na realidade. Eles aprenderam a sonhar e acreditar em seus próprios sonhos e na capacidade que tinham de crescer através deles.

A escola não dispunha de mobília apropriada para expor nosso material de leitura. Improvisamos caixas e uma das divisórias do armário da sala; o importante era ter esse acervo à disposição do aluno. Não havia o controle do movimento de retirada e entrega do material, este era de livre acesso, nada poderia ser impedimento para a leitura.

Com livros de doações que já havia adquirido com o tempo, os meus e de editoras que eu ganhava, mais os enviados pelo MEC (PNDL) e os comprados pela escola, os quais solicitava, formamos um acervo razoável para a sala de aula. Então a sala de aula

tornou-se um ambiente cultural, do qual as crianças e eu tínhamos muito orgulho. O cuidado da turma com o material dispensava catálogos ou qualquer ato burocrático. A convivência nesse ambiente, o contato permanente com o acervo e as atividades relacionadas à leitura, as quais descreverei posteriormente nas estratégias desenvolvidas, aos poucos foram envolvendo os alunos. Não foi fácil esse envolvimento. No início, um que outro retirava livro, gostavam mais das revistas, mais atraentes, satisfaziam-se em olhar as ilustrações. Ficava deveras preocupada, pensava que não iria atingir o objetivo. Foi um processo lento. Senti que não iria mudar muito o quadro, passei a experimentar estratégias variadas, como contação de histórias duas a três vezes por semana. Como o 5º ano do ensino fundamental é unidocente, dava bem para administrar o tempo das atividades. Eles eram convidados a contar histórias, mas ficavam inibidos, só com o passar do tempo foram se desinibindo e ficou difícil administrar, todos queriam sua vez. Eles viviam intensamente esse momento de magia e conhecimento.

Os livros, quando não faziam parte das atividades das oficinas, podiam ser retirados nos intervalos de qualquer atividade. Geralmente, antes de iniciar a aula, lia uma história e nos divertíamos muito. Às vezes, penso até que me divertia mais do que eles, mas tinha consciência de que transmitia esse entusiasmo, porque sempre após a leitura corriam para a retirada de livros e me chamava atenção que já começavam a comentar comigo e com os colegas as histórias lidas. Isto era um ótimo sinalizador de que a prática estava tomando um rumo relevante na aprendizagem que já estava indo para além do recinto escolar, e esta condição era motivadora para seguir adiante com confiança naquilo que estava a oferecer, procurando sempre o aperfeiçoamento e novos desafios nessa tarefa. Afinal, a grande maioria dos alunos estava realmente entendendo o que liam, isto caracterizava letramento e quando partilhavam a experiência e a motivação com os colegas, caracterizava-se fruição.

Essa prática foi estendida aos pais dos alunos, tanto a biblioteca da escola, quanto a da sala de aula eram a eles disponibilizadas, pois entendo que era uma forma dos filhos incentivarem os pais a lerem e estes, a incentivarem seus filhos, havendo assim uma troca que viria beneficiar o projeto. A ideia foi louvável, mas não teve eco. Contudo, alguns alunos diziam que o pai ou a mãe ou o seu responsável lia os livros que levavam para casa e comentavam as leituras feitas, mas era um contingente ínfimo. Mesmo assim, era considerado como uma iniciativa.

A necessidade de organizar uma pequena biblioteca na sala de aula deu-se devido à implantação do projeto de letramento, os motivos já foram expostos na introdução, pois

se torna difícil desenvolver um projeto que tem como foco o letramento e, por consequência, despertar no aluno o gosto pela leitura, com precariedade de acervo.

No processo ensino-aprendizagem de língua a meta principal é o letramento (MEC, 2007), razão pela qual, não há como dissociar a leitura da escrita, existe um vínculo entre essas práticas pedagógicas importantes para a aquisição e a apropriação do conhecimento que aplicado criativamente e adaptado, possa ser utilizado em diferentes contextos para que o aluno possa intervir e mudá-los (VIGOTSKY, 1987). Daí também a importância de desenvolver a capacidade criativa do aluno, a qual, impulsionará a imaginação e a vontade de criar.

Na próxima seção, será discorrido, com mais detalhes do processo criativo.

4.1.3 Escrita criativa: dom ou aprendizado?

4.1.3.1 As memórias sócio genéticas na escrita

O estudo da neuropsicologia comprovou que o homem possui a capacidade de falar e escrever (BOTELHO, 2002, p. 25, apud BIANCHETTI, 2002) e, que havendo essa capacidade, as “áreas anatômico-funcionais” (ibid) referentes a essas ações fazem parte do sistema nervoso central (SNC) desde os primórdios da humanidade. Segundo Botelho (2002), o desenvolvimento e transformação dessas áreas deram-se através da evolução dos humanoides, desde o *homo erectus* até os dias de hoje. Botelho registra essa evolução dizendo que

o neocórtex é um conjunto heterogêneo de áreas encefálicas relacionado com o comportamento emocional e, dessa forma, com a capacidade humana de reproduzir, também o ato ficcional (BOTELHO, 2002, p. 27 apud BIANCHETTI, 2002).

Isso mostra que houve uma evolução na estrutura do Sistema Nervoso Cerebral (SNC) nas áreas anatômico-funcionais responsáveis pela fala e pela escrita. Essa transformação através dos tempos possibilitou a humanidade de hoje a viver na atual realidade. O que ele procura informar ao leitor curioso e interessado no assunto, que as

ações da fala e da escrita não se realizam apenas pela estrutura anatômica do homem, mas também pela influência do meio social e pelas suas necessidades de sobrevivência. Nos primórdios, as necessidades para a sobrevivência do homem eram básicas, suas fontes de prazer estavam no alimento, no sexo e no abrigo para se defenderem (Ibid). Hoje, as necessidades se ampliaram, o homem já não se satisfaz somente com o básico, o qual ficou registrado em seu “cérebro primitivo, onde estariam escritas as memórias indispensáveis à sobrevivência humana” (Ibid., p. 26), assim como suas fontes de prazer, que requerem emoções diversificadas de acordo com o seu estilo de vida.

O homem atual passou a ser mais exigente e mais competitivo. Quanto mais ele evolui, mais cobrado é em suas ações, seja no ato de falar, e/ou no de escrever e de se posicionar socialmente.

Botelho, em seu texto, diz que a única semelhança entre o homem primitivo e o atual é a “polaridade entre o prazer e a dor” (p. 26), é a busca incessante pelo prazer em detrimento da dor e encerra dizendo que

o binômio tempo/espaço, fracionado unicamente pelo pensamento, é o começo, o meio e o fim da interação ajustada entre o ser e o objeto através das MSGs. Como unidade indissolúvel e inseparável, abriga e vivifica a diversidade das aspirações humanas arcaicas para viver sem dor e adiar a morte [...] a ordem social, desde o passado ágrafo, foi montada entre a terra morada dos homens e das mulheres e o céu, abrigo dos deuses (BOTELHO, 2002, p. 46).

Portanto, segundo Botelho (2002), todo o corpo humano foi adaptado a essa “determinante sócio genética” (ibid., p. 27) devido ao ponto comum da negação da dor e aceitação do prazer, importância incontestável no projeto de vida da humanidade. Sendo assim, a ação de falar e de escrever está relacionada a atividades genéticas cerebrais que armazenam em sua memória sensações e conhecimentos adquiridos ao longo da vida da humanidade.

Conclui-se que, na busca do seu bem-estar, o ser humano também desenvolveu as suas habilidades criativas no intuito de burlar o sofrimento. Como viver sem alegria, sem subjetividade, sem arte? A vida seria dura, em preto e branco, objetiva, triste e por que não vazia?

A criatividade não é estudada como algo isolado e sim como parte de uma engrenagem do cérebro que impulsiona o indivíduo a criar mecanismos de defesa e de ação para melhorar e avançar tanto como ser individual quanto como ser social. Daí a

preocupação dos pesquisadores em aprimorar esse estudo em diversas dimensões e aspectos, como o psicológico e o pedagógico, que abordaremos a seguir.

4.1.3.2 Reflexão sobre alguns conceitos de criatividade

Como uma das estratégias citadas no Quadro nº 01 da metodologia desse projeto é desenvolver a criatividade nos textos dos alunos, através das oficinas para a escrita criativa, fez-se necessário refletir sobre o tema e retomar a pergunta: *escrita criativa: dom ou aprendizado?* Porém, antes de responder a esse questionamento instigante, fez-se providencial refletir sobre alguns conceitos de criatividade para poder melhor entender o processo da criação.

A criatividade só teve sua devida atenção a partir de 1950, quando, estudiosos como, Guilford, Torrance, Wallach e Kogan começaram a se interessar e pesquisar sobre o assunto (ALENCAR, 1993). Na antiguidade, a criatividade era considerada como um dom divino (Ibid.), também era compreendida como evasão dos desequilíbrios e devaneios do inconsciente humano, associada à loucura.

Alencar (1993) afirma que a “criatividade implica a emergência de um produto novo, seja uma ideia ou invenção original, seja a reelaboração e aperfeiçoamento de produtos ou ideias já existentes” (p.15) em resposta a uma situação determinada. Considere-se a concepção de Ostrower (2001, p. 10) de que a criatividade é inerente ao ser humano e não privilégio de poucos e compreende que o sujeito necessita criar para se aperfeiçoar.

Já de acordo com Vygotsky (1987), o processo criativo desencadeia a reflexão e a consciência crítica de si mesmo, do outro e do meio e que este poderá estimulá-lo ou reprimi-lo, dependendo da interação utilizada na situação. A necessidade de adaptação ao meio ambiente provoca desequilíbrio e este, provoca vontades e impulsiona a fantasia e o desejo de criar. Sendo assim, ele entende a criatividade não como uma qualidade natural do indivíduo, mas como resultado da interação dele com o meio social.

Assim como o homem possui a capacidade de falar e escrever também possui a criatividade, como faculdade, que está presente em toda e qualquer atividade cotidiana, das mais banais, como apertar os cordões de um tênis, escovar os dentes, arrumar a mochila escolar, às mais difíceis, como o surgimento de um problema que requer uma solução criativa e inovadora (BACH, 1987). Outros importantes estudiosos já conceituam a

criatividade como um provável conjunto de capacidades que proporcionam às pessoas modificarem seus comportamentos adaptando-se a diferentes ambientes (MOUCHIRD e LUBART, 2002). O próprio termo traz em seu étimo a palavra criar. Sua origem no latim implica a **capacidade humana de criar, produzir ou inventar coisas novas, originais**. Ao abordar sobre o estímulo à criatividade, Alencar (2002) enfatiza a importância de motivar os alunos a buscar novas ideias, novos conhecimentos e instigar a curiosidade, incentivando-os a pensar, a raciocinar e a potencializar habilidades de análise crítica.

Por ser uma faculdade humana extremamente complexa e pessoal, não se tem como medi-la. Alencar (2002, p. 69), juntamente com outros pesquisadores, ressalta que *“um ambiente que não dê apoio à criatividade pode inibir ou reprimir as habilidades criativas do estudante, com influência na percepção do estudante de suas próprias habilidades criativas”*, sendo a escola o ambiente ideal para explorar e desenvolver essas habilidades, deverá proporcionar ao aluno a aquisição de novas habilidades e autoconfiança e de ampliar a consciência de si mesmo, possibilitando um novo olhar sobre o mundo, criando outras possibilidades para ultrapassar seus limites.

Torrance (1974) vê a criatividade como processo natural do ser humano que busca soluções em suas experiências prévias ou nas dos outros, as quais ele adapta, experimenta e revela o resultado.

Escrever sobre criatividade é difícil pela diversidade de conceitos que a torna complexa e exige muita reflexão a respeito. Porém a experiência de muitos anos de sala de aula diz que o processo de criação só se entende criando e que a criatividade, respondendo ao questionamento inicial, não é dom, é um conjunto de capacidades que precisam ser estimuladas para que provoquem, no aluno, a vontade de criar (VYGOTSKY, 1987), para torná-lo crítico, sujeito atuante e transformador de sua própria história (FREIRE, 2014). Não se constrói uma educação com alicerces porosos, frágeis e sim com sólidos propósitos, bem definidos e planejados, com currículos que valorizem e estimulem a criatividade como um dos aspectos necessários para uma educação emancipadora.

4.1.3.3 Oficinas para a escrita criativa

No item anterior, conclui-se que a criatividade é uma fecunda faculdade humana que se aprende e se desenvolve se bem trabalhada, principalmente, no ambiente escolar

(Alencar, 2002). Cabe ao professor, descortinar o potencial criativo do aluno e levá-lo a reconhecer o seu próprio processo criativo.

Mas que metodologia utilizar?

Essa questão requer uma escolha criteriosa para ensinar e motivar o aluno a ler e a produzir textos criativos. A metodologia para esse “fazer pedagógico” (ALVAREZ, 2012, p. 82 apud IRALA, SILVA, 2012) sugere estratégias elencadas no Quadro 1, seção 4 desta dissertação como “ferramentas de apoio à leitura e à escrita na sala de aula” (BARBOSA, 2012, p. 40).

Escrever é um processo contínuo de aprendizagem, que requer dedicação e exercícios para desenvolver novas habilidades criativas. Enfrentar dificuldades, como medo de escrever, que causam bloqueios e abalam a autoconfiança é um desafio tanto para o professor quanto para o aluno e para superar as dificuldades que envolvem o processo criativo é preciso ter conhecimento do próprio processo e aperfeiçoá-lo para ajudar a despertar e a revirar o que está “adormecido”(BARBOSA, 2012, p. 42) para então poderem elaborar seus próprios textos.

Na perspectiva freireana, a criatividade deve ser libertadora, democrática imbuída de curiosidade, imaginação e invenção, pois, segundo ele, a curiosidade é que vai impulsionar o aluno a buscar o saber (FREIRE, 2014) e partir para novos conhecimentos com capacidade para produzi-los e recriá-los.

Segundo Barbosa (2012), a leitura é uma forte aliada para aprender e aperfeiçoar a escrita e as oficinas literárias ou oficinas para a escrita criativa⁸ são importantes “ferramentas de apoio à leitura e à escrita na sala de aula” (Ibdem, p. 40), visando a beneficiar o aluno com atividades de socialização, sensibilização e criação proporcionando uma diversidade de atividades as quais oportunizem ao aluno a aprender a sentir, a olhar criticamente, a expressar-se, a argumentar, a ler histórias, a contá-las e a criar suas próprias histórias.

O objetivo das oficinas não é formar escritores, o que poderá vir acontecer, mas de trabalhar os textos dos alunos; sem uma pretensão maior, ensiná-los a escrever. Não é preciso um extraordinário talento para escrever um texto com criatividade, nem uma vocação; basta um aprendizado especial.

⁸ As oficinas têm “a proposta clara e objetiva de discutir o processo de criação do texto literário, suas técnicas, suas dificuldades, suas particularidades, e isso a partir da troca de experiências, da leitura e da discussão tanto de textos de autores consagrados como dos próprios participantes da oficina, sempre na tentativa de olhar friamente para um texto e tentar ver, por trás de sua fachada, os andaimes da criação literária (BARBOSA,2012, p.40).

4.1.3.3.1 Minha experiência com as oficinas para a escrita criativa

Os projetos desenvolvidos com o letramento no Ensino Fundamental repercutiram e, inesperadamente, fui surpreendida, quando escolhida, em 2013, pela 19ª Coordenadoria de Educação em Santana do Livramento/RS, para participar de um curso sobre Oficinas Literárias com vagas limitadas e indicadas pelas Coordenadorias. O curso oferecido pela Secretaria de Educação/RS, a professores de Língua Portuguesa da rede pública estadual foi ministrado pelo professor e escritor renomado Luís Antônio de Assis Brasil, onde muito aprendi e aprimorei conhecimentos sobre oficinas para a escrita criativa.

Ao início do ano letivo, quando propus aos meus alunos do 5º Ano do Ensino Fundamental um projeto de letramento e falei a eles que teriam que ler muito e escrever muito, foi como se eu tivesse lançado uma bomba na sala de aula, tal foi a rejeição. Tive que aguardar alguns segundos, para retomar a conversa. Com o passar do tempo, eles foram se adaptando ao método empregado no processo e passaram a ter um comportamento diferenciado do apresentado ao início das atividades. Eles entenderam que o ato de ler e de escrever não era só para os colegas ditos “inteligentes”, também não implicava um dom ou numa dádiva divina (ALENCAR, 1993), porém, mesmo com as diferenças existentes entre os indivíduos e suas capacidades psicológicas, eles poderiam desenvolver suas capacidades, pois saber escrever criativamente requer aprendizado, ninguém nasce sabendo (BARBOSA, 2010).

As atividades propostas nas oficinas visavam aos alunos como centro do ato criador e autores do produto final o qual se realizou com a obra constituída com os textos escritos pelos alunos “Mala Encantada, Pé na Estrada”. Para isso houve uma seleção de exercícios voltados à escrita criativa, a qual está na obra em anexo, produto dessa dissertação, “Mala Encantada: Atividades de Autorregulação para a escrita criativa”, como sugestões para ajudar o aluno nesse processo.

Para obter um bom resultado nas oficinas, trabalhei com ludicidade, assim o aluno sentia-se mais motivado e liberto (PCN, 1998), o que vinha facilitar a criação de textos sem medo de errar e de ser criticado, pois a produção fluía com mais facilidade e prazer. O processo é lento e ascendente, o caminho percorrido começa com o trabalho de:

- Estímulo e desinibição;
- Sensibilização;
- Desbloqueio da imaginação;

- Criação.

É importante o aluno ter espaço na sala de aula para expressar-se, trocar ideias, contar suas aventuras, expor seus sentimentos e opiniões, enfim, socializar-se (SOARES, 2010). Assim, adquire autoestima e segurança em si e perante os colegas. Não existe aprendizagem sem relação com aquilo que vamos aprender e com quem vai ensinar e com os outros, deve haver uma troca de vivências, um diálogo, uma motivação. Essa relação deve ser de respeito, de convivência com a vontade de ensinar e de aprender, de descoberta e de camaradagem.

Sensibilizar através das oficinas, na relação de experiência, é abrir caminhos nas entrelinhas de um texto assim como nas entrelinhas, da vida, apontando a diversidade de possibilidades, é perceber o mundo em seus diferentes sentidos, é desenvolver a percepção, a imaginação, a criticidade, a criatividade, é mudar a perspectiva da realidade.

Ler é abrangente, não é só juntar letrinhas, é compreender a leitura. “O leitor competente sabe selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a suas necessidades” (PCN, 1998, p. 70) e para estabelecer “relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre o texto e outros textos já lidos” (Ibid.), por isso a importância das diferentes experiências de leitura para “expandir procedimentos” (Ibid., p. 71) para os conhecimentos básicos. Nesse processo de construção, a mediação do professor é fundamental nas práticas de leitura a fim de estimular o aluno a ler para produzir textos criativos. Apresentei uma diversidade de textos orais, escritos, imagéticos e procurei mostrar as possibilidades de leitura, cuidando para não dar uma única interpretação.

Como já mencionei nesta seção, a estrutura linguística das oficinas é crescente, inicia com atividades mais leves, nem por isso menos exigentes, trabalho com ilustrações, palavras, expressões, frases, pequenos parágrafos, ensaio para a próxima etapa, que é o nível de produção e criação de textos.

Então, o aluno passa da fase preliminar estimulado, desinibido, sensibilizado e entra na criação. Tudo que foi trabalhado na fase anterior servirá para ajudá-lo na criação de seus textos dando “asas à imaginação”:



Que tal dar asas à
Que nasce na mente do escritor,
Que impulsiona a criação.

"Pera" aí...
Mas... quem nasceu primeiro?
A imaginação ou a criação?
A criação ou a imaginação?
Até Deus ficou confuso
Na hora da decisão

E assim concluiu...
Que ambas são uma só!
Entendeu?
Eu não.

Nem por isso
Deixo de encantar
As crianças
E os adultos.

Seja em prosa,
Seja em versos,
Deixo sempre uma semente
Para germinar
Na mente de toda gente.

(LÉO, Ana Rita Fagundes, 2010, p. 14)

Nessa etapa, procurei mediar e intervir, quando necessário, nas produções, mas com cuidado de não alterá-las, como mencionado nas seções anteriores como da reescrita. Trabalhei na prática, cada elemento da estrutura do texto narrativo, como também a concentração, a imaginação e a fantasia para estimular a criação (BARBOSA, 2010).

O nosso papel de professor nessa etapa da produção textual é de proporcionar situações que auxiliem a criação e a estruturação de seu discurso, devendo apenas induzir o aluno, através de questionamentos, a perceber os ajustes que deverão ser efetuados em seu texto.

As análises de alguns textos estarão nas seções posteriores e a seleção de atividades temáticas está no produto que acompanha esta dissertação.

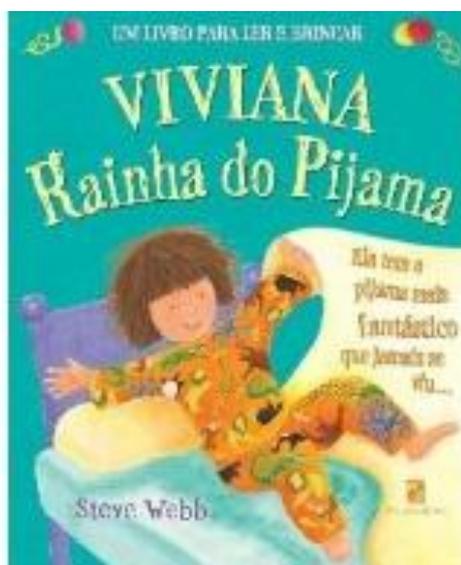
4.1.4 Mediação: uma orquestração de vozes

Abrem-se as cortinas... O palco: a sala de aula; os alunos: os músicos; a partitura: o texto; o professor: o maestro; a batuta: o processo ensino/aprendizagem e o todo: a orquestra, que resulta na constituição da obra: o letramento. O conjunto dos elementos dessa grande apresentação de um projeto de letramento requer ritmo, entrosamento e harmonia, pois se trata de um grupo heterogêneo, com diversos tipos de instrumentos, cada um com sua função na composição da obra e o público: o receptor. Observando essas peculiaridades, coloco-me como a responsável pelo show, a maestrina, a mediadora que orquestra os sons, que se transformam em diferentes vozes. Daí a importância da atuação do docente como agente e como mediador (KLEIMAN, 2006). Seu papel é fundamental no processo ensino/aprendizagem. A intervenção não deve ser invasiva a ponto de apagar as marcas do aluno. Através de suas produções eles expressam sua história, sua identidade, sua cultura e seus sonhos. O texto é a revelação do eu no outro e vice-versa, é o dialogismo (BAKHTIN, 2010), é a alteridade.

A riqueza do ser está no outro, ele se completa na alteridade, na troca de experiências, na convivência e na aceitação do outro, como foi explanada essa relação no item 3.3.1 dessa dissertação.

Numa das tantas mediações que vinha exercitando, li para a classe o livro sob o título “Viviana, Rainha do Pijama”, de Webb Steve.

FIGURA 7 – Obra de Webb Steve – Viviana: Rainha do Pijama



Fonte: Acervo da biblioteca da sala de aula

É um livro infantil em que a protagonista queria saber qual pijama os animais usavam para dormir; então, de curiosa, convidou os seus amigos animais para uma festa com concurso de pijama. Eles ficaram seduzidos pela história e apreciaram demais as ilustrações, por serem muito criativas e por interagirem com o leitor. Compreenderam a mensagem do livro que a personagem queria se dar bem para ganhar o concurso do pijama mais original. Um dos alunos escutou atento e encantado com as imagens. Logo percebeu a intenção da personagem e fez seu comentário enquanto despertava nos demais colegas vontade de participarem na troca de ideias. Observava, enquanto contava as histórias, o brilho nos olhinhos deles, sorvendo cada detalhe e alguns ficavam tão absortos, que a expressão do rosto mudava conforme os acontecimentos, era bastante gratificante.

Este espaço também era oferecido aos alunos. Eles contavam as histórias de suas autorias ou de outros autores para os colegas, era um verdadeiro despertar, era uma troca fantástica (MEC, 2007).

Contei a história “Cuidado com o Menino!”, de Tony Blundell, tradução de Ana Maria Machado, foi uma experiência interessante.

FIGURA 8 – Obra de Tony Blundell - Cuidado com o menino!



Fonte: Acervo da biblioteca da sala de aula

O menino foi capturado pelo lobo faminto e o lobo ao dizer que ia comê-lo, o menino mais esperto disse: “Você vai me comer assim, sem tempero? Que sem graça!” Então ele sugeriu várias receitas, como: Sopa de Menino, Pastelão de Menino, entre outras. O lobo buscava os ingredientes, os mais inusitados como tijolos, carrinho de mão, bicicleta... Quando chegava carregado e exausto o menino dizia: “Faltou o sal”. O lobo reclamava que

ele não havia pedido o sal, e o menino, logo saltava, tenho outra receita saborosa que não precisa de sal... E dava a lista de ingredientes para o lobo procurar e sempre faltava o sal. O lobo exausto desmaiou e o menino vedou o lobo dentro da sua caverna. E chegou a tempo de jantar com a sua mãe. Moral da história: Nunca deixe faltar o sal.

Houve muita participação durante a leitura da história, eles apreciaram demais. Ao término da narração, aproveitando o entusiasmo (ALENCAR, 1993) que tomou conta da turma, coloquei-os em duplas e propus uma atividade lúdica: cada dupla iria elaborar uma nova receita para o lobo. Ressaltei o cuidado com a coerência entre os ingredientes e o modo de preparo. Esta atividade além, de trabalhar o gênero e a criatividade, divertiu-os o tempo todo. A fusão do lúdico ao cognitivo aliado à aprendizagem resulta numa prática mais flexível e eficiente (FREIRE,1987). O resultado foi bem interessante, por não ter sido uma atividade planejada. Após elaborarem as receitas com a listagem de ingredientes e o modo de preparo, leram-nas para o grande grupo e colamos no mural. Escolhi o texto de Gabriel como exemplo das produções:

FIGURA 9 – Texto original do aluno Gabriel

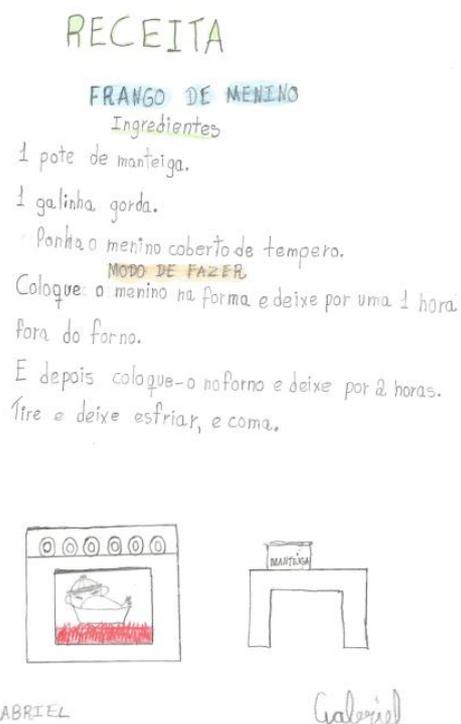
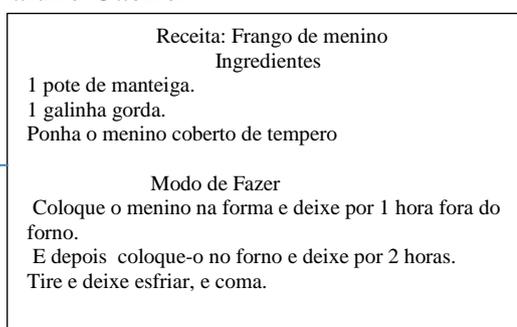


FIGURA 10 - Reprodução do texto do aluno Gabriel



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Incentivar a leitura como instrumento de desenvolvimento das diversas competências, como: de escrever, de se expressar, de se emocionar e de se informar, como meio de crescimento pessoal e de socialização é fundamental no processo educativo (PCN,1998).

Na oficina com o texto “Pato de Sapato”, poema publicado na Revista Recreio Especial, Era uma vez... nº 1, sugeri que, a partir do poema, eles criassem outras histórias mantendo o personagem “pato” e que poderiam também parodiar⁹ ou parafrasear¹⁰ o texto original:

FIGURA 11 – Texto: Pato de sapato

PATO DE SAPATO
 Era uma vez um pato
 Que queria um sapato.
 Como só nadava o dia inteiro,
 Não tinha dinheiro.
 Resolveu, então, tocar violão.
 E de feira em feira
 Juntou um milhão.
 Comprou o sapato
 E resolveu a questão.
 — Vou voltar para a vida boa! — pensou.
 E mergulhou na lagoa.
 Logo se aborreceu, de fato!
 Não conseguia nadar
 Com o peso do sapato.
 Mas teimoso como era
 Não se arrependeu do seu ato:
 — Vou trocar por um pé-de-pato!

Fonte: Revista Recreio Especial. Era uma vez... nº 01

Antes de iniciarmos as atividades da oficina, comentamos o texto lido e provoqueei-os a fazerem relações entre o texto lido e a realidade e a expressarem-se opinando sobre o tema.

Lucas surpreendeu-me com seu texto sucinto. Com apenas quatro enunciados, ele abordou um tema social e suas consequências com irreverência e fez o jogo de sentidos usando trocadilho com a palavra pato. Veja o texto:

FIGURA 12 – Texto do aluno Lucas

<p>O Pato e a Pata O pato fez amor com a pata. A pata ficou grávida. Quem vai pagar o parto? O pato do pato, é claro!</p>

Fonte: Acervo da pesquisadora

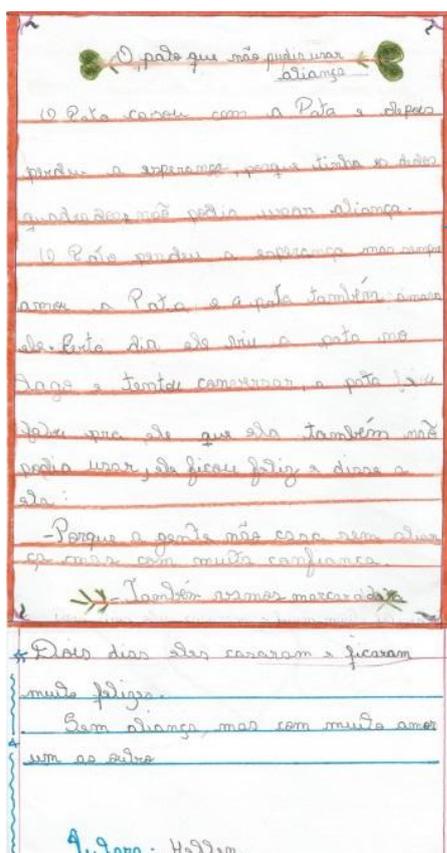
⁹ Parodiar: “é criar paródia. A **paródia** é uma releitura cômica de alguma composição literária, que frequentemente utiliza ironia e deboche. Ela geralmente é parecida com a obra de origem, e quase sempre tem sentidos diferentes” (pt.wikipedia.org/wiki/**Paródia**).

¹⁰ Parafrasear: “Interpretar. Reproduzir as ideias de um **texto**, dando-lhe redação pessoal. fazer a paráfrase de; traduzir” (www.dicionarioinformal.com.br/**parafrasear**/).

Entre outros textos, encontrei a história da aluna Hellen: um pato que queria se casar, mas tinha os dedos quadrados e por isto não podia usar aliança, fato este, que gerou um drama na vida amorosa do pato, mas que foi superado pelo amor, segundo a autora.

Porém, sua narrativa confundiu o leitor. No primeiro parágrafo, o casal de pato casou -se e no seguinte ele pede a Pata em casamento e marcam a data:

FIGURA 13 - Texto da aluna Hellen



Fonte: Arquivo da pesquisadora

FIGURA 14 – Reprodução do texto da aluna Hellen

O pato que não podia usar aliança

O Pato casou com a Pata e depois perdeu a esperança, porque tinha os dedos quadrados e não podia usar aliança.

O Pato perdeu a esperança mas sempre amou a Pata e a pata também amava ele. Certo dia ele viu a pata no lago e tentou conversar, a pata falou pra ele que ela também não podia usar, ele ficou feliz e disse a ela:

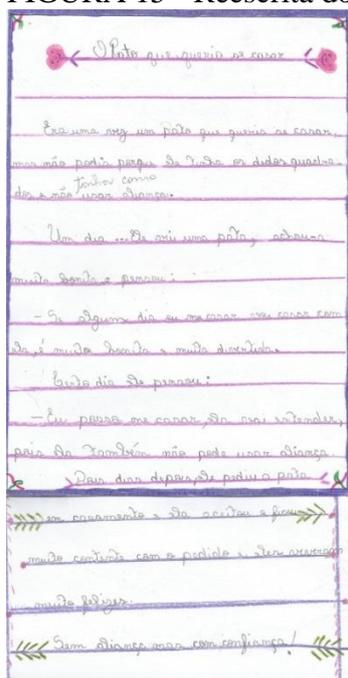
– Porque a gente não casa sem aliança mas com muita confiança.

– Também vamos marcar a data. Sem aliança mas com muito amor um ao outro.

Autora: Hellen

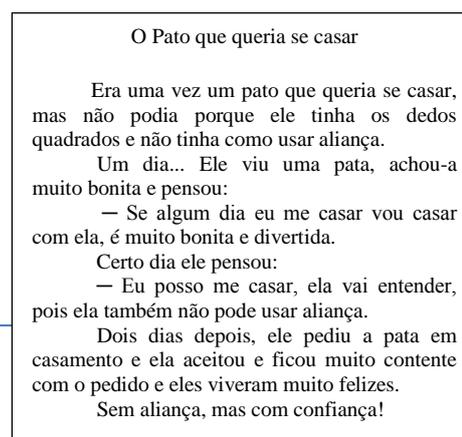
Junto com a aluna Hellen, fiz a leitura do texto em voz alta e solicitei que prestasse muita atenção na sequência dos fatos. Esse exercício de revisão faço com todos, um a um. Ela percebeu que a sequência da história estava confusa. Então solicitei a ela que reescrevesse o texto, deixando-o com coerência e clareza. Com a ajuda de uma colega, reescreveu o texto que ficou assim:

FIGURA 15 - Reescrita do texto de Hellen



Fonte: Arquivo da pesquisadora

FIGURA 16 - Reprodução da reescrita



4.1.5 Revisar não é reescrever

Segundo Rogério Freire¹¹ (2009) por trás de um bom texto há um longo trabalho, posto que escrita não seja dom, como já foi abordado na seção 4.1.3, é algo que se ensina e se aprende. É fundamental a reescrita no processo das produções dos alunos, diferente da revisão que se atém às dificuldades gramaticais enfatizando o binômio certo/errado. Já a reescrita vai além: através dela o aluno tem a oportunidade de substituir e/ou cortar palavras, mudar frases e parágrafos, realinhar períodos. Enfim, abre-se um leque de opções para o aprimoramento de seu texto afim de que atinja o que se propõe (VIANA, 2012, p. 45)¹².

Esse procedimento leva o aluno a perceber que a escrita é um processo e que a reescrita vai ajudá-lo a desenvolver o seu senso crítico e a sua competência discursiva, fazendo com que assuma ora o papel de leitor de seu próprio texto trabalhando-o com o auxílio do professor e dos colegas, ora invertendo o processo, ajudando a trabalhar os textos dos colegas, interagindo socialmente (NÓBREGA, 1997). Dessa forma, ele não reescreve apenas para ajustar problemas de linguagem e expressão, e sim, para ajustá-lo de acordo com a finalidade do texto.

O texto, na Proposta Curricular, é definido como “todo discurso falado ou escrito que constitui um todo unificado e coerente dentro de uma determinada situação discursiva, ou seja, o que define texto não é sua extensão, mas sua unidade de sentido em relação a uma situação” (PCN, 1998, p.18).

Por isso a importância de trabalhar o discurso, a produção textual a fim de formarmos “escritores competentes capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes” (Ibid., 65), pois ler ensina a escrever e ler e escrever ensina a interpretar o mundo e a si mesmo.

A seguir, imagem dos textos produzidos na oficina de paródia “Pato de sapato”, (seção,4.3.4) já revisados, reescritos e prontos para serem publicados no mural do saguão da escola:

FIGURA 17 – Textos prontos para a publicação em mural



Fonte: Arquivo da pesquisadora

4.1.5.1 A reescrita na sala de aula

Trabalhar o processo da reescrita (NÓBREGA, 1997), na sala de aula, foi um grande desafio. O aluno, por não ter consciência da importância substancial desse processo, reclamava, revoltava-se e eu tinha que ter uma paciência especial para convencê-lo. Os dias dedicados às oficinas de produção textual eram árduos, porém gratificantes e significativos. Os alunos eram orientados para que, dado o texto por finalizado, se dirigissem a mim para que, juntos, pudéssemos revisá-lo (COSTA 2010) e, numa próxima

etapa, solicitava a eles que pedissem ajuda a um colega para reescrevê-lo, socializando e compartilhando. Acredito que pela experiência de sala de aula usando essa forma e não uma fórmula de exercitar a escrita e a reescrita os alunos, aos poucos, foram se envolvendo e se convencendo da necessidade desse lento caminhar, mas de crescimento. Eles sentiam que a cada texto produzido, revisado e reescrito adquiriam mais facilidade, crescimento e confiança no ato de escrever (BARBOSA, 2012).

As imagens selecionadas dão testemunho dessa ajuda mútua, da socialização no ato da reescrita:

FIGURA 18 - Sala de aula: um momento de reescrita



Fonte: Arquivo da pesquisadora

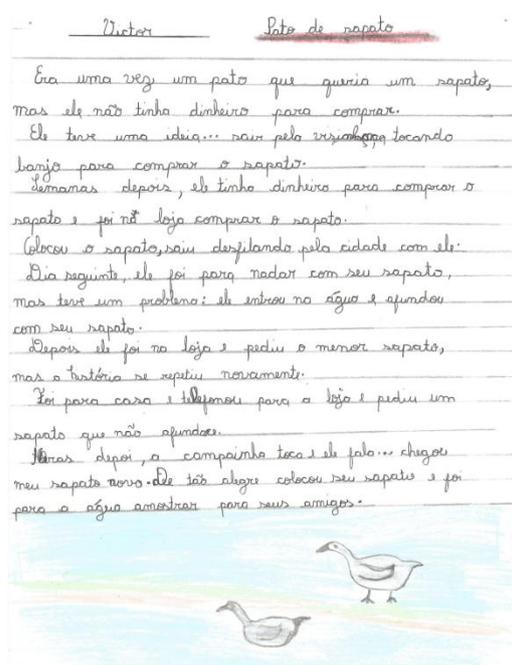
FIGURA 19 - Sala de aula : um momento de reescrita.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

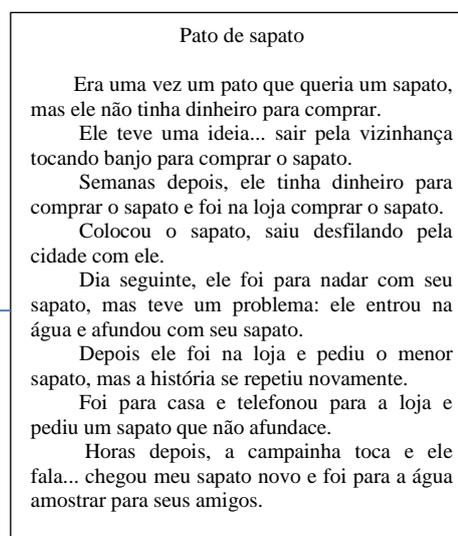
O texto a seguir desenvolveu uma sequência lógica (BALDI, 2012) dos fatos percorrendo sobre a dificuldade da personagem “Pato” em comprar um sapato adequado para o seu pé. O aluno optou por fazer uma paródia do texto-base enfatizando a importância social de ter um sapato novo, tanto é fato, que ao comprá-lo, saiu “desfilando” pelas ruas e depois foi mostrá-lo para os amigos, no lago.

FIGURA 20 – Texto do aluno Victor



Fonte: Arquivo da pesquisadora

FIGURA 21 – Reprodução do texto de Victor



A sequência dos fatos dá linearidade e clareza à narrativa do texto, demonstrando que o aluno já possui certo domínio desse gênero.

A reescrita permite ao aluno perceber suas dificuldades seja na organização de ideias, de coesão, de ortografia, de pontuação, etc., a refletir sobre elas e a saná-las, seja num processo individual, coletivo e, ou com a mediação do professor e, ou dos colegas. O que conta é que ele passa a adquirir novos conhecimentos com as questões trabalhadas na sua produção, as quais vão se incorporando progressivamente à atividade de escrita ao longo do processo e, conseqüentemente, vai melhorar a qualidade de sua produção (PCN, 1996, p.81). A revisão textual e a reescrita (COSTA, 2010) estabelecem uma atitude discursiva consciente e reflexiva, proporcionando estratégias auto instrucionais.

4.1.6. Análise das produções dos alunos: tecendo o texto

4.1.6.1 A mala como objeto de narração

[...] O objeto tornou-se, com uma força incomparável com relação aos séculos precedentes, mediador entre o homem individual e a sociedade.

Abraham Moles¹¹

Os objetos têm uma relação estreita com as pessoas, quando fazem parte do seu dia-a-dia, tornando-se peças importantes numa relação de troca, de alteridade. Eles criam uma identidade e um vínculo afetivo pelo tempo de convívio. Reforçando a epígrafe, o objeto media o homem e o seu entorno estabelecendo uma relação de convivência compartilhada (MOLES, apud CORRÊA, 2013, p. 13)

A importância do objeto está no valor afetivo deste com o indivíduo, tornando-se parte integrante de seu dia-a-dia e de sua história. Segundo Corrêa (2013), essa proximidade influencia na relação de dependência indivíduo/objeto proporcionando uma interação e uma cumplicidade, estabelecendo uma comunicação seja de utilidade funcional, ou de arte, de contemplação.

Enfim, transportando essa teoria para o objeto mala, escolhido para ilustrar o presente projeto, quando pensei em uma antiga mala para guardar as produções dos alunos, não pensei no objeto como mediador, na sua importância funcional ou afetiva, pensei apenas como um objeto estético, representativo de bagagem, que remetesse à viagem. Não pensei na importância de sua funcionalidade e de relação de interatividade na vida das pessoas. Essa concepção mudou quando minha colega chegou com aquela “malinha” com uma bagagem transbordando fragmentos de histórias familiares e afetivas. Naquele momento, houve uma comoção de lembranças resgatadas de uma vida, um pouco apagadas pelo tempo, mas que vier à tona com a presença dos objetos, os quais estavam guardados durante anos, resgatando em sua memória momentos já esquecidos e agradáveis de serem recordados (Cf. item 4, p. 33).

¹¹ MOLES, Abraham A. **Teoria dos objetos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981, p. 19.

FIGURA 22 - A mala que inspirou o projeto



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Foi nesse momento que percebi a influência dos objetos em nossas vidas e a relação de interação e alteridade. Eles significam e ressignificam. André Malraux (1978, *apud* CORRÊA, 2013, p. 47), diz termos um museu imaginário em um espaço mental ilimitado que possuímos. Nesse espaço mental, criei o meu museu transportando a cadeira de balanço do quarto de minha avó, a qual nos embalava no sono, para inspirar-me num poema e este para representar um momento de agenciamento e mediação como leitora e escritora. Para reforçar as ideias de Malraux, eis a fotografia da cadeira de balanço que me surgiu da memória e me inspirou no poema que está como epígrafe na sessão 3.4 desta dissertação, a qual tem uma relação muito profunda de afetividade. Nela, a avó materna embalava-nos com cantigas de ninar até adormecermos em seu aconchegante regaço. Eram momentos de extrema ternura, que ficarão para sempre marcados na minha lembrança através da cadeira de balanço.

Tanto a “cadeira de balanço” como a “mala” alteraram significativamente o processo de construção do meu imaginário, dialogando com a minha memória e ressignificando como objeto/presença.

FIGURA 23 : Fotografia da cadeira de balanço



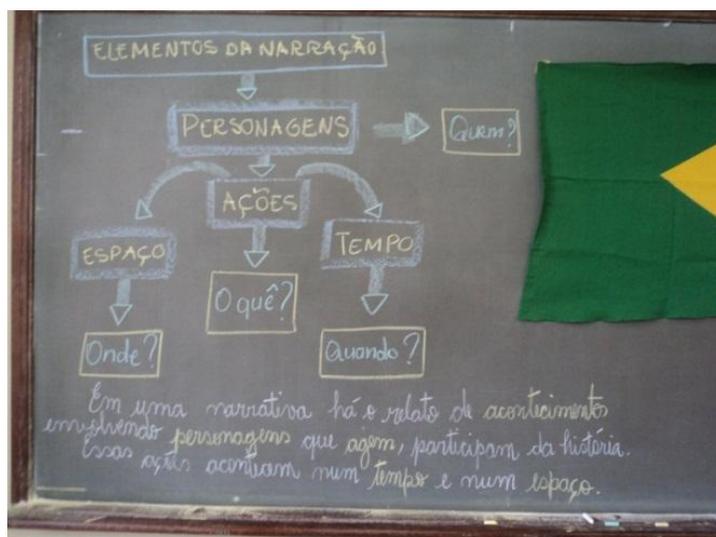
Fonte: Arquivo da pesquisadora

A mala por possuir em seu interior fragmentos de uma história tornou-se de forma muito particular, personagem viva das histórias narradas ora pelos alunos/autores; ora por ela, como objeto-narrador.

4.1.7 O processo de criação ponto a ponto

Os alunos sensibilizados e provocados pela história da mala começaram a construir o processo de criação (BARBOSA, 2012). Iniciamos com os elementos da narração para que eles entendessem com mais clareza o processo. Fazendo um roteiro na lousa, estimei-os a imaginar como seria sua mala/personagem; disse que também poderiam desenhá-la e que imaginassem o papel que ela desempenharia na história. Ela poderia ser apenas um objeto ou poderia ter vida própria, sendo personificada. A imagem a seguir registra esse momento.

FIGURA 24 : Lousa com conteúdo da aula sobre os elementos da narração



Fonte: arquivo da pesquisadora

A partir da explicação do conteúdo exposto na lousa, a história foi se delineando. Com a minha mediação, os elementos da narrativa foram tomando forma. A turma ficou muito entusiasmada e agitada. A movimentação era intensa. Os alunos trocavam ideias e pediam minha opinião a medida que construía seus elementos. Estipulei uma semana como prazo para eles apresentarem seus avanços. Chamou-me a atenção o entusiasmo daqueles que pouco produziam na sala de aula. Nesse período de construção, diariamente chegavam com projetos, e a cada dia era um novo desafio. Ficamos toda a semana com atividades para desenvolver as estratégias e avançar no projeto. A primeira oficina foi a montagem da personagem. Com o auxílio do Datashow passei vários exemplos de narrativas com descrição de personagens (ASSIS, 2013). Depois, solicitei-os que descrevessem a mala/personagem tanto no aspecto físico quanto no psicológico. Feito o exercício, eles leram para o grande grupo (Ibid.). Expliquei a eles que tinham toda a semana para trabalhar a personagem e os demais elementos da história. Alguns tiveram dificuldade em planejar o seu projeto narrativo, mas com mediação e paciência vencemos os obstáculos. Algumas atividades das oficinas estão no material suplementar autoinstrucional.

Determinados alunos, mesmo personificando a mala, tratavam-na como objeto, pois nos textos produzidos, eles não atribuíam letra maiúscula ao nome, quando a ela se referiam. Tomando as produções como exemplo, escrevia-as na lousa chamava a atenção para essa dificuldade a fim de que ela fosse sanada.

Estava diante de um contexto novo, sabia que enfrentaria um desafio, pois, produzir textos a partir de um objeto requer trabalhar muito a imaginação dos alunos; teriam que

passar do plano real, concreto para o plano da imaginação, subjetivo, desenvolvendo progressivamente esse imaginário com paciência-impaciente (PAULO FREIRE, 1987), sensibilizados, emocionados e motivados passassem a criar e a produzir seus próprios textos com criatividade.

A seleção de textos originais escritos pelos alunos utilizados na análise que segue, foi o que a pesquisadora conseguiu resgatar:

FIGURA 25 - Texto de Fabiéle



Fonte: Arquivo da pesquisadora

FIGURA 26 - Reprodução do texto de Fabiéle

A mala Mônica encantada...

Era um dia muito ensolarado onde tudo
começou.

Uma menina chamada Andrea estava passando
por uma árvore e embaixo dela tinha uma mala,
olhou para ela e disse:

— De quem deve ser essa mala?

A mala respondeu:

— Oi sou Mônica uma mala que sonha em viajar
pelo mundo. Meus donos não viajavam nunca
então decidi fugir. Quer me levar para sua casa?

Andrea fala:

— Pode vir comigo!

— Sabia que você tem sorte, porque eu vou ir há
Rio de Janeiro amanhã.

A mala Mônica respondeu:

— Oba!! – Vou viajar!!

— Você vai levar as minhas coisas, meus
casacos, meu guarda-chuva, se chover e eu
precisar e minha touca. Etã as duas felizes
foram embora, logo no seguinte dia, elas
viajaram e tiveram uma viagem encantada.

Conheceram shopping, praias etc.

A mala muito feliz disse:

A produção da aluna Fabiéle conta a história de uma mala, a qual ela singularizou ao nomeá-la Mônica. A mala gostava de viajar e fugiu pelo motivo de seus donos não viajarem mais. Inconformada por não exercer a sua principal função, fugiu. Durante a fuga conheceu uma menina, ficaram amigas e juntas viajaram para o Rio de Janeiro. Realizada, concretizou seu sonho.

No decorrer da narração, a autora deixa claro o desapontamento da mala e inverte a situação ao resolver o seu problema como num passe de mágica, sem rodeios deixando a vida da mala mais significativa. Dessa forma, ela solucionou o conflito com simplicidade. De acordo com Bettelheim(1980), as crianças tendem agir dessa maneira com naturalidade.

Na bagagem, há casacos e touca, o que contraria o clima tropical do Rio de Janeiro. Seria mais apropriado levar roupas leves e de banho para usar na praia, o que evidencia a falta de conhecimento sobre o clima desse Estado. A autora complementa o texto ilustrando-o com imagens da personagem Andrea, da mala e da bagagem enriquecendo a narrativa.

Quanto aos aspectos estruturais (BALDI, 2012), a aluna organizou seu texto com início e conflito, desenvolve os acontecimentos buscando solucionar esse conflito e,

finalmente, soluciona e termina com um final feliz. Há uma boa organização de parágrafos havendo transição entre eles. Utiliza marcas gráficas de diálogo como: travessão, dois-pontos. Emprega letra maiúscula no início dos parágrafos, porém na palavra “mala”, por se tratar de uma personagem, deveria usá-la. Possui um nível de linguagem satisfatório, emprega os sinais de pontuação quase sempre que necessita, utiliza adequadamente sinais de interrogação e exclamação da mesma forma, os elementos coesivos, além de possuir adequação vocabular e gramatical.

Juntas, fizemos a revisão do texto (COSTA, 2010) e, em dupla com uma colega, foi para a próxima etapa: a reescrita.

Assim como outros colegas, vários textos foram escritos em oficinas para escrita criativa (BARBOSA, 2012) com o mesmo tema, como forma de praticar a escrita e a criatividade (ALENCAR, 2002) e obter avanços mais significativos na proposta em questão. Dentre os diversos textos elaborados pela aluna Fabiéle o eleito (por ela) para ser publicado no livro, transcrito a seguir foi “Mala, Malinha, Malona:

FIGURA 27 – Texto 2 original da aluna Fabiéle



Fonte: Arquivo da pesquisadora

FIGURA 28 - Reprodução do texto 2

Mala malinha malona

Duas malas queriam ser bailarinas.
Eram a malinha e a malona

A malona ficava na ponta do pé e só faltava quebrar o dedão do pé.

A malinha dava mil rodadinhas,
E quando caía ficava tontinha.

Pé ali e arródea aqui e a malona e a malinha ficavam a noite toda acordadinhas.

Fabiéle R.W

FIGURA 29 – Reescrita do texto 2

MALA, MALINHA, MALONA

Duas malas queriam ser bailarinas.
Eram a Malinha e a Malona.
A Malona ficava na ponta dos pés
E só faltava quebrar o dedão do pé.
A Malinha dava mil rodadinhas,
E quando caía ficava tontinha.
Pé ali e rodeia aqui, a Malona e a Malinha
Ficavam a noite toda acordadinhas.

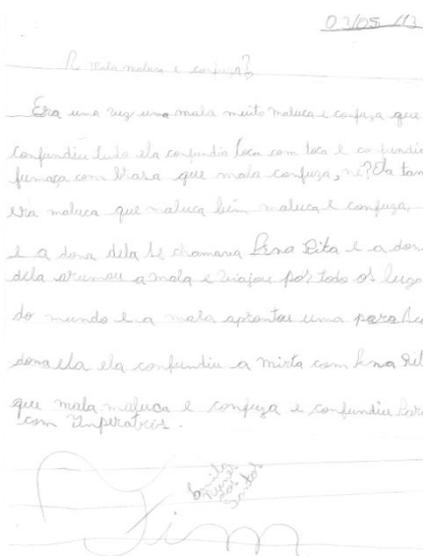
Fonte: Arquivo da pesquisadora

O texto, após a revisão, foi reescrito sofrendo algumas modificações da autora a fim de ser melhorado. Ela suprimiu as estrofes presentes na primeira produção e fez correções em diferentes aspectos, como concordância, uso da letra maiúscula, pontuação e elementos de coesão.

A intenção dessa produção foi divertir o leitor com a brincadeira das malas atrapalhadas que queriam ser bailarinas e passavam a noite ensaiando movimentos e posições. O texto tanto pode ter sido inspirado no poema “A bailarina” de Cecília Meireles¹², das leituras de sala de aula, quanto a vontade de tornar-se bailarina. Maior possibilidade está na segunda alternativa pelo fato da colega e dela procurarem constantemente motivos para dançarem e estarem presentes em eventos que envolviam coreografias. Quanto ao título do texto, a autora ao ser questionada do porquê “Mala, Malinha, Malona” se a história referia-se apenas à Malinha e à Malona, o argumento foi que além de ambas serem malas, ela também queria construir uma rima, isso é um exercício de construção. Ela empregou recursos do gênero poema, usando versos e rimas para dar ritmo e leveza à leitura (BORDINI, 1986). Utilizou frases (versos) sintaticamente bem construídas, com sujeito, objeto direto ou predicado (BALDI, 2012). Essa produção teve um trabalho burilado.

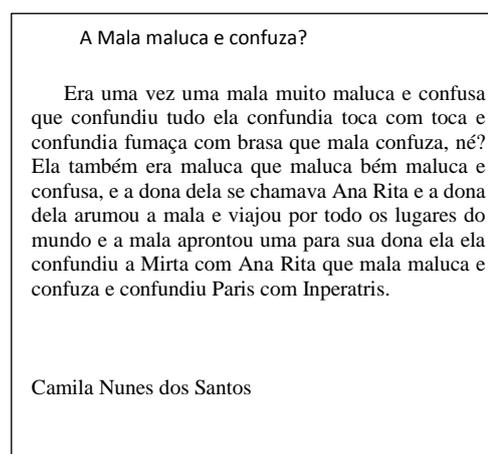
O próximo texto produzido por Camila foi um avanço comparado às suas produções anteriores:

FIGURA 30 – Texto de Camila



Fonte: Arquivo da pesquisadora

FIGURA 31 – Reprodução do texto de Camila



¹² MEIRELES, Cecília. Poesia completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

FIGURA 32 – Reescrita do texto

A MALA MALUCA E CONFUSA

Era uma vez uma mala muito maluca e confusa que confundia tudo. Ela confundia coca com toca e fumaça com brasa. Que mala confusa, né? Ela também era maluca. Que maluca, bem maluca além de ser confusa.

A dona dela se chamava Ana Rita que a arrumou e viajou com ela por todos os lugares do mundo. A mala aprontou uma pra sua dona, confundiu a Mirta com Ana Rita. Que mala mais maluca e confusa! Confundi até Paris com Imperatriz!!!

Camila Nunes dos Santos

Arquivo da pesquisadora

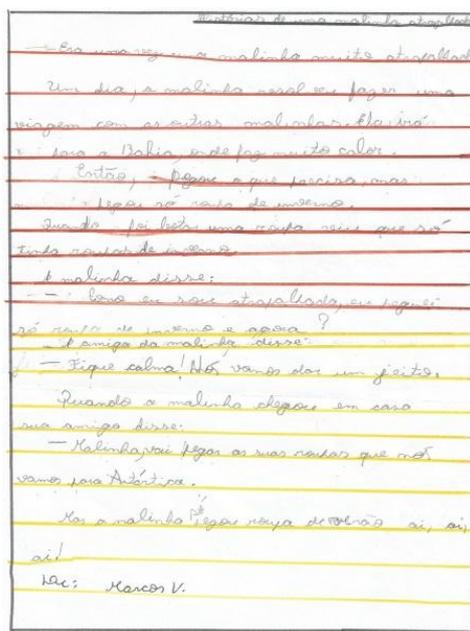
Essa produção fala de uma mala que além de maluca é confusa e o enredo gira em torno das suas confusões, que a autora caracteriza com o trocadilho de palavras. O interessante foi que ela se identificou com o texto, por se considerar como a mala-personagem, confusa e atrapalhada.

A construção do primeiro texto apresenta falta de pontuação, porém a leitura fica compreensível por possuir uma sequência narrativa com coerência e coesão.

Antes da reescrita fiz uma leitura oral do texto para a aluna, exatamente como está escrito. Posteriormente, li com as pausas e entonações necessárias para que ela percebesse a insuficiência de pontuação e revisamos a ortografia. A partir das leituras, houve a reescrita e esta resultou no texto da figura 31 que ficou original.

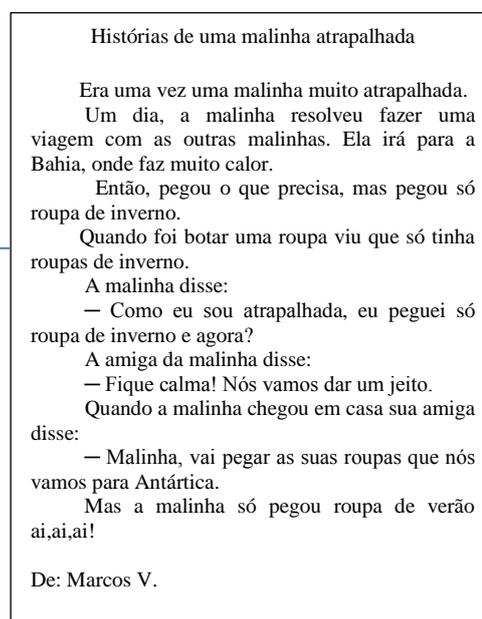
O texto seguinte de Vinicius tem o mesmo tema do texto de Camila: uma mala atrapalhada. Na análise não devemos compará-los nem no aspecto estrutural, levando em consideração o ritmo e o nível de aprendizagem de cada um, nem no psicológico. Ela uma aluna tímida, repetente, pouca autoestima, dispersiva, carente de atenção; ele, um aluno com boa autoestima, interessado e com boa formação literária. O importante é o avanço no processo de produção, levando em conta as limitações e o crescimento de cada um. A seguir o texto de Vinicius:

FIGURA 33 – Texto de Vinicius



Fonte: Arquivo da pesquisadora

FIGURA 34 – Reprodução do Texto de Vinicius

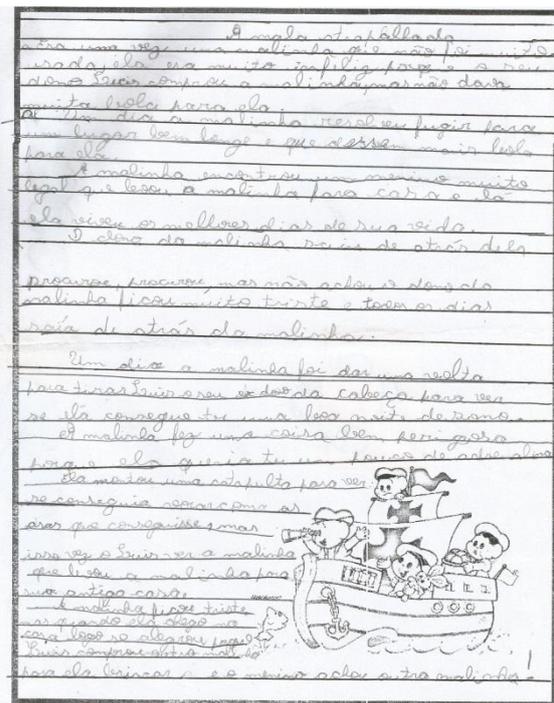


No texto de Vinicius percebe-se que mesmo com a ausência de algumas informações para situar o leitor no enredo, como no trecho em que ele fala sobre a chegada da Malinha na Bahia, a história não chega a ficar prejudicada. A Malinha era atrapalhada, ela não tinha noção de clima.

Quanto à estrutura do texto, ele emprega marcas gráficas de diálogo como: travessão, dois-pontos, utiliza sinais de exclamação e interrogação adequadamente, assim como os demais sinais de pontuação necessários no texto (BALDI, 2012). Distribui os parágrafos ordenadamente. Emprega letra maiúscula no início dos parágrafos, mas não empregou na palavra “mala” que se trata de uma personagem. Possui um nível de linguagem satisfatório, emprega elementos coesivos e possui adequação vocabular e gramatical (Ibid.). Finalizou o texto com ironia, quando usou as interjeições: “ai, ai, ai!”, característica do ser criativo.

Vinicius não ficou satisfeito com seu texto e continuou exercitando com intenção de aperfeiçoar sua produção. Então, escreveu novo texto (COSTA, 2010) com o mesmo tema:

FIGURA 35 – Novo texto de Vinicius



Fonte: Arquivo da pesquisadora

FIGURA 36 – Reprodução do texto

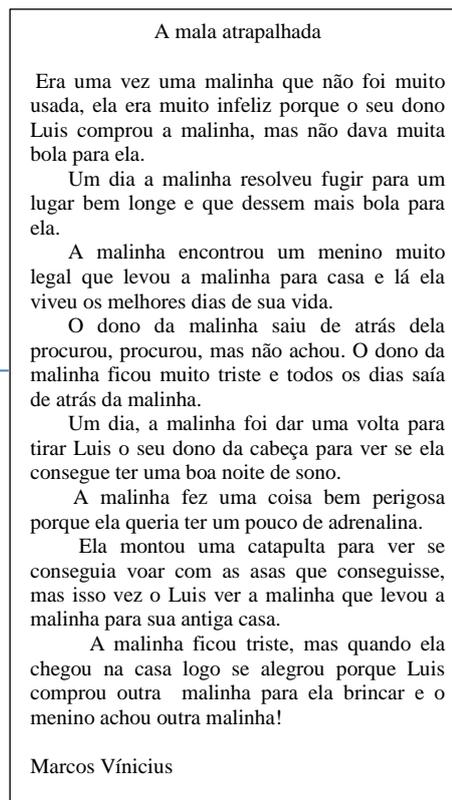
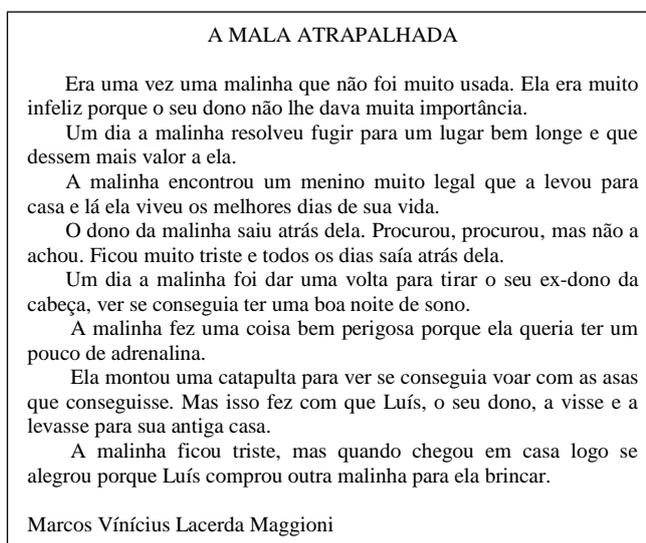


FIGURA 37 – Reescrita do texto



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Na reescrita, o autor foi insistente em deixá-lo o mais próximo de uma estrutura e de uma linguagem mais formal; os parágrafos são curtos, mas bem estruturados substituindo expressões e/ou palavras informais (marcas de oralidade) (RICARDO-BORTONI, 2004), como: “não desse mais bola”= “importância”/ “valor”, “de atrás”, empregando pronomes adequadamente, revendo a pontuação, com alguns incidentes no

emprego de vírgulas. Porém, seu texto está bem elaborado, com transição entre os parágrafos, utiliza letra maiúscula adequadamente, usa metáfora quando diz: “voar com as asas que conseguisse”. Sintaticamente suas frases são bem construídas.

Vinicius está evoluindo na escrita. Suas produções comprovam o esforço e empenho em aprender e aperfeiçoar, além de demonstrar sensibilidade, humor e criticidade, quando questiona valores em seu texto, elementos característicos da escrita criativa. É interessante e gratificante assistir ao crescimento intelectual dos alunos através dos textos que escrevem.

O próximo texto é de Matheus:

FIGURA 38 – Texto de Matheus

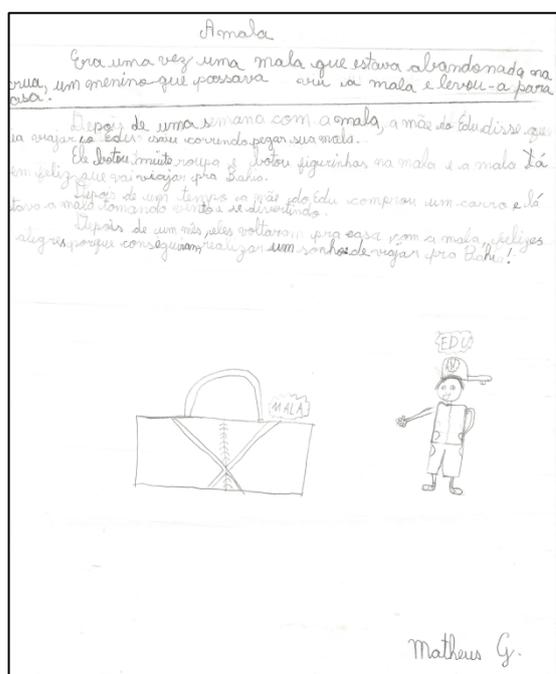
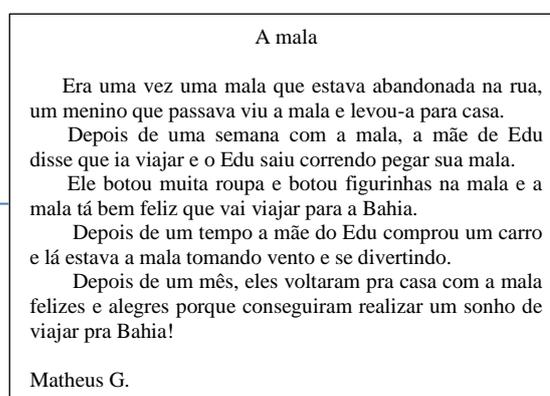


FIGURA 39 – Reprodução do texto



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Na história narrada por Matheus uma mala é encontrada na rua por um menino chamado Edu e foi levada para sua casa. Isso demonstra que o objeto, o qual não serviu para um, serviu para outro, tanto que a partir da aquisição da mala viajaram e realizaram um sonho: conhecer a Bahia.

O autor caracterizou a mala como muito viajada, quando diz que a personagem “botou figurinhas na mala” e as circunstâncias de tempo são marcadas com uma sequência cronológica bem definida dos fatos, assim como as de modo e lugar .

Os elementos estruturais estão bem constituídos no texto (BALDI, 2012) e percebe-se a sensibilidade do autor nas questões sociais marcadas por fragilidades como o abandono. Também presente algumas marcas de oralidade, como “botou”, “tá” e “pra” (BORTONI-RICARDO, 2008).

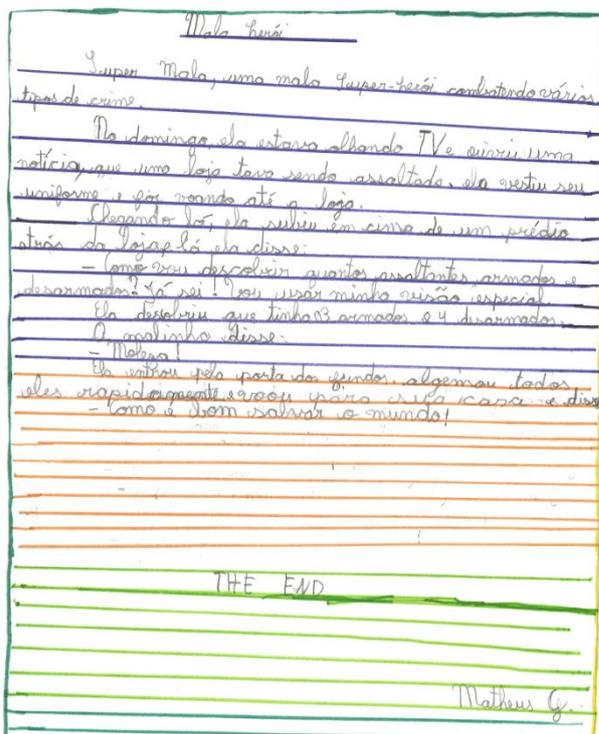
A próxima produção a ser analisada é de autoria do aluno Matheus. Ele criou um texto, cuja personagem é uma mala super-herói. Ele aborda um tema da atualidade, criminalidade de maneira crítica. Nas entrelinhas, ele diz que para combater o crime só um super-herói, pois as instituições públicas não dão conta de tanta violência e impunidade. Essa informação demonstra que há uma preocupação social a qual ele faz justiça. Houve um conflito na história que foi solucionando em um “passe de mágica”, com sua mala super-herói, como nos contos de fadas (BETTELHEIM, 1980), com simplicidade e sente-se aliviado e orgulhoso de sua ação salvadora, quando termina sua história com a exclamação “Como é bom salvar o mundo!”.

O aluno construiu bem o seu texto, pois com uma narrativa concisa, deu sua mensagem. Para isso utilizou os elementos necessários da narrativa, situando o leitor no tempo e espaço dos acontecimentos progressivamente (BORTONI-RICARDO, 2008) e inseriu um monólogo, numa reflexão da personagem de como agir na situação arriscada, a qual se submeteu, empregando as marcas de diálogo: travessão, dois pontos, ponto de interrogação e exclamação. Texto coeso e coerente com adequação vocabular (BALDI, 2012). Ao término do texto, usou a expressão em inglês “the end” para dar um diferencial em seu texto.

Na reescrita, Matheus analisou o seu texto, fez ajustes na ortografia e suprimiu a expressão “the end”, por ser desnecessária.

A ilustração referente à história, também é uma forma de expressão comunicativa, é uma produção em outra linguagem, onde ele representa o momento crucial da ação da personagem a “Mala-Herói”.

FIGURA 40 – Texto 2 de Matheus



Fonte: Arquivo da pesquisadora

FIGURA 41 – Reprodução do texto

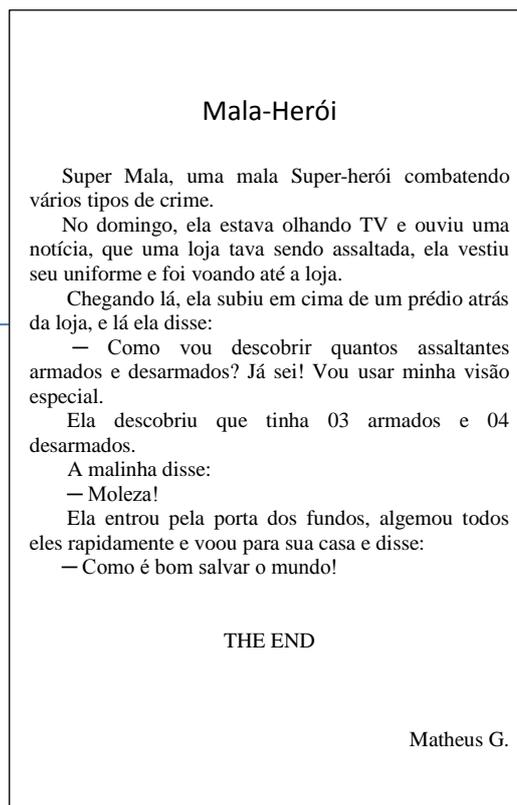
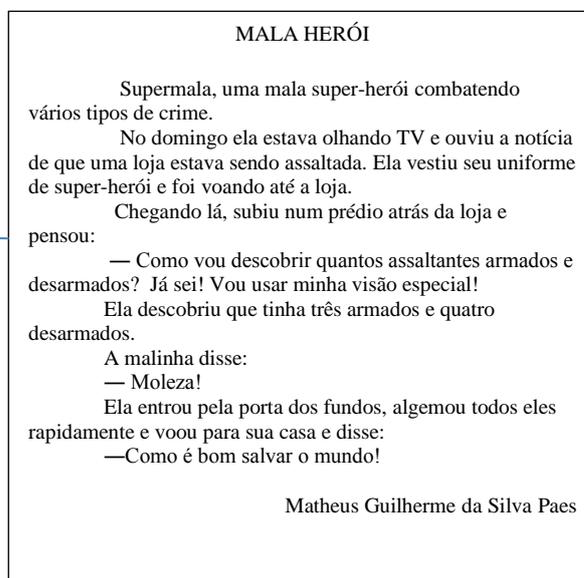


FIGURA 42 – Ilustração referente ao texto



Fonte: Arquivo da pesquisadora

FIGURA 43 – Reescrita do texto



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Durante o processo, vários aspectos da língua materna foram trabalhados, desde o lançamento do projeto até o produto que resultou num livro.

Sabe-se que aprender a escrever é um processo lento, que evolui de forma gradual e deve-se levar em conta as diferenças, visto que, cada um possui o seu ritmo individual. O

trabalho com a escrita é laborioso e requer paciência tanto por parte do aluno como do professor-mediador.

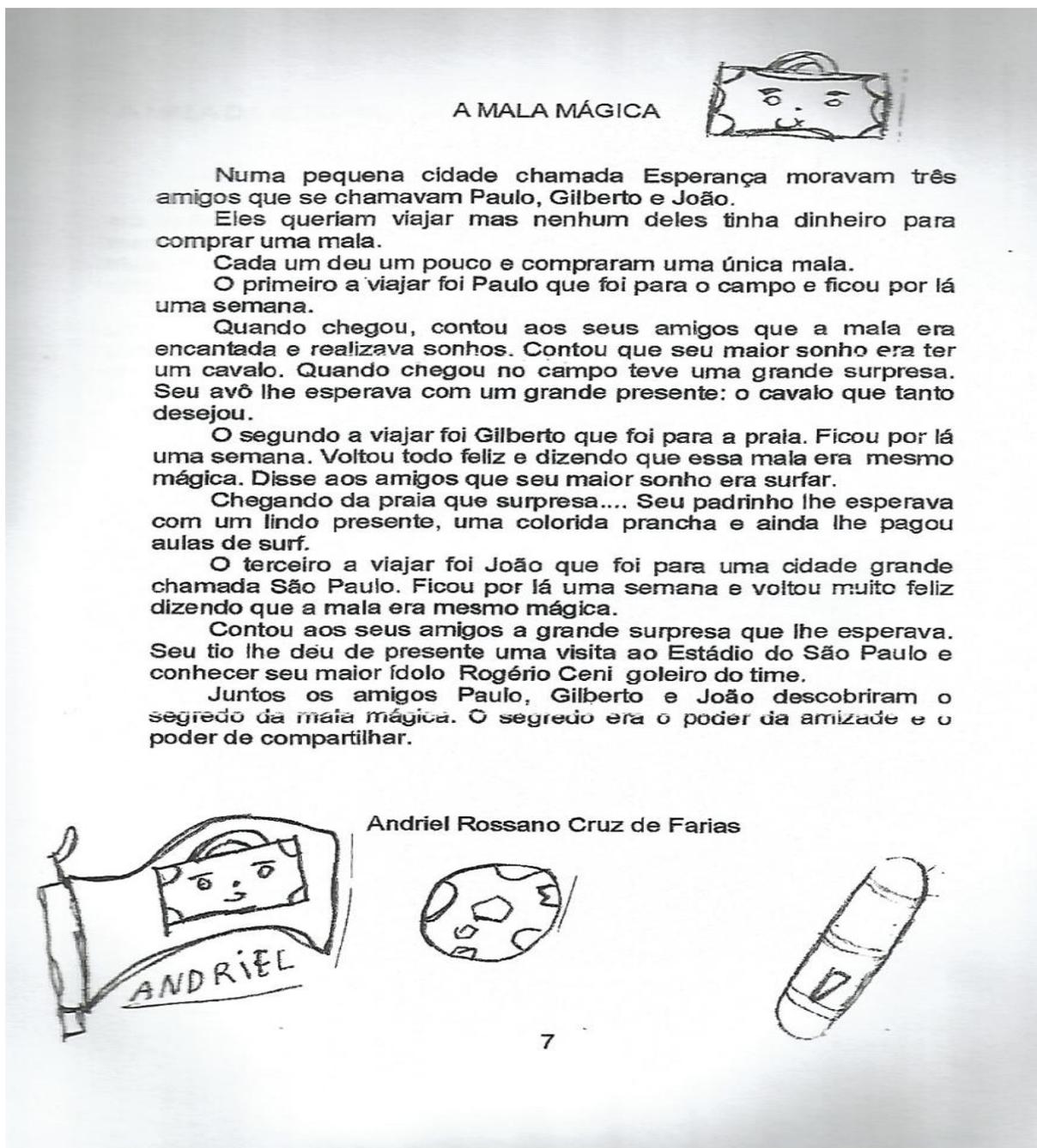
A temática foi apresentada aos estudantes como um desafio, pois escrever sobre uma mala como personagem protagonista requer estímulo, habilidade e criatividade.

O importante foi que eles abraçaram a ideia e participaram do projeto interagindo, construindo e desenvolvendo as estratégias apresentadas no “Quadro I” da metodologia e explicitadas no decorrer do projeto.

O primeiro passo foi organizar as ideias em torno da personagem previamente escolhida e discutida por todos, trabalhar as estratégias estabelecidas no projeto e concluir com a publicação em um livro dos textos dos alunos selecionados por eles, durante o processo de produção.

Creio que essa foi uma experiência vivencial rica e única na vida dos alunos e na minha como docente. O conteúdo dos textos era impregnado de vivências, valores, sonhos e esperança, como mostram os textos analisados, os textos a seguir, já prontos para publicação selecionados para o corpus dessa dissertação e os demais, de igual, valor que estão nos anexos:

FIGURA 44 - Texto produzido por Andriel



Fonte: Livro “Mala encantada, pé na estrada”

FIGURA 45: Texto produzido por Robert

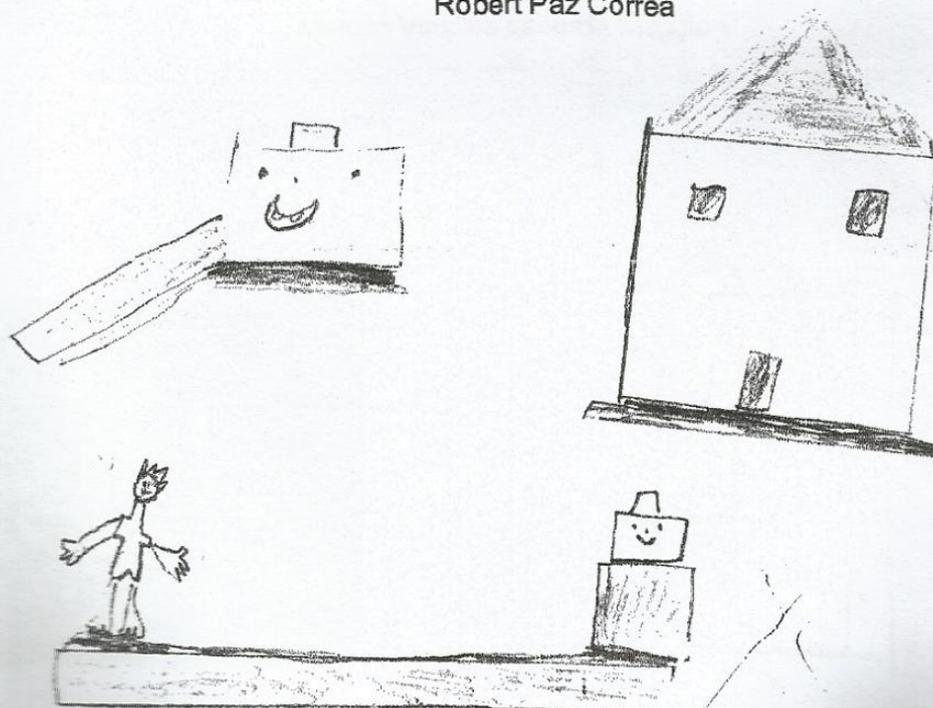
A MALA DA ALEGRIA

Era uma vez uma mala muito animada. Essa mala era muito feliz. Um dia, ela foi passear e encontrou uma menina muito triste, mas não era só a menina que estava triste. A mala olhou ao redor e viu mais pessoas que não estavam alegres. Desde aquele dia, ela não ficou mais feliz.

Num dia de sol, ela foi revê-las e encontrou mais uma vez a menina, ela se chamava Isabela. Convidou-a para brincar e contou piadas e fez brincadeiras muito divertidas e foi aí que ela descobriu que era a mala da alegria.

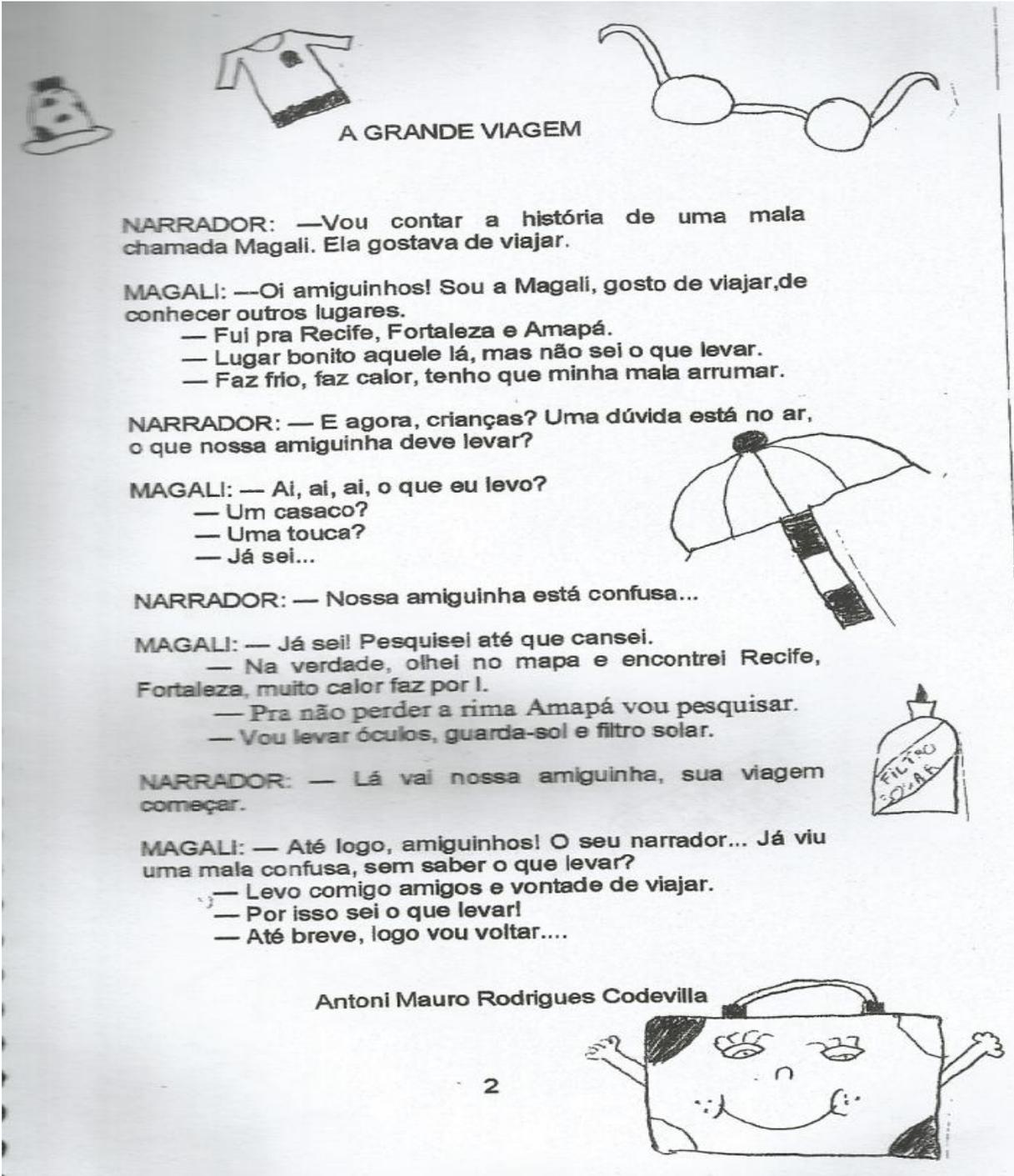
Certo dia, ela reuniu todas as pessoas tristes e fez piadinhas, gincanas e aquele povo que era triste agora não era mais. Todos agradeceram a mala por ter devolvido a eles a alegria e a felicidade.

Robert Paz Corrêa



O texto seguinte é uma peça teatral, onde o aluno utilizou todos os elementos com precisão. Nota-se um texto trabalhado cuidadosamente em seus detalhes, incluindo ilustrações para enriquecê-lo e deixá-lo com mais clareza:

FIGURA 46: Texto produzido por Antoni



A GRANDE VIAGEM

NARRADOR: — Vou contar a história de uma mala chamada Magali. Ela gostava de viajar.

MAGALI: — Oi amiguinhos! Sou a Magali, gosto de viajar, de conhecer outros lugares.
 — Fui pra Recife, Fortaleza e Amapá.
 — Lugar bonito aquele lá, mas não sei o que levar.
 — Faz frio, faz calor, tenho que minha mala arrumar.

NARRADOR: — E agora, crianças? Uma dúvida está no ar, o que nossa amiguinha deve levar?

MAGALI: — Ai, ai, ai, o que eu levo?
 — Um casaco?
 — Uma touca?
 — Já sei...

NARRADOR: — Nossa amiguinha está confusa...

MAGALI: — Já sei! Pesquisei até que cansei.
 — Na verdade, olhei no mapa e encontrei Recife, Fortaleza, muito calor faz por I.
 — Pra não perder a rima Amapá vou pesquisar.
 — Vou levar óculos, guarda-sol e filtro solar.

NARRADOR: — Lá vai nossa amiguinha, sua viagem começar.

MAGALI: — Até logo, amiguinhos! O seu narrador... Já viu uma mala confusa, sem saber o que levar?
 — Levo comigo amigos e vontade de viajar.
 — Por isso sei o que levar!
 — Até breve, logo vou voltar....

Antoni Mauro Rodrigues Codevilla

2

Na sequência, as fotos do aluno Antoni encenando o seu texto com as personagens confeccionadas por ele.

FIGURA 47 – Dramatização do texto da figura 46



Fonte: Arquivo da apresentadora

FIGURA 48 – Continuação da dramatização da figura 47



Fonte: Arquivo da apresentadora

4.1.8 O livro “Mala encantada, Pé na estrada”

O Livro Mala Encantada, Pé na Estrada foi uma inspiração para eu ter mais conhecimento da literatura infantil. Esse livro serve para ajudar milhares de crianças.

Ezequel Robaina Cruz

Todo o contato e envolvimento dos alunos com os livros lidos, as contações de histórias e os eventos de letramento criaram um clima de fantasia na sala de aula e isso veio contribuir para o processo de criação durante a realização do projeto (MEC, 2007).

Após os alunos passarem por todas as etapas previstas no “Quadro I” das atividades e estratégias, iniciou-se um novo processo: o da culminância do projeto com a organização do livro. Com os alunos estimulados e mais comprometidos, a tarefa não ficou muito difícil. Informei que o livro ficaria no acervo da biblioteca da escola e circularia em diferentes ambientes e situações, que muitas pessoas leriam os seus textos, razão pela qual deveriam primar tanto na produção final do texto quanto na apresentação do mesmo e que juntos iríamos construir o nossa obra (MEC, 2007).

As produções passaram por revisões e reescritas individuais, em duplas e com minha intervenção (NOBREGA,1997), com o cuidado em manter ao máximo a originalidade, observando a clareza e coerência (BALDI, 2012), como descrito na seção 4.1.4.

Textos prontos e selecionados, os alunos ilustraram para enriquecê-los. Então, sugeri que fizessem a apresentação da obra com suas impressões. Tudo aconteceu em poucas aulas, pois o dia marcado para o lançamento estava expirando e, dias com chuva, alguns alunos faltavam à aula e o trabalho atrasava, prejudicando um pouco esse processo.

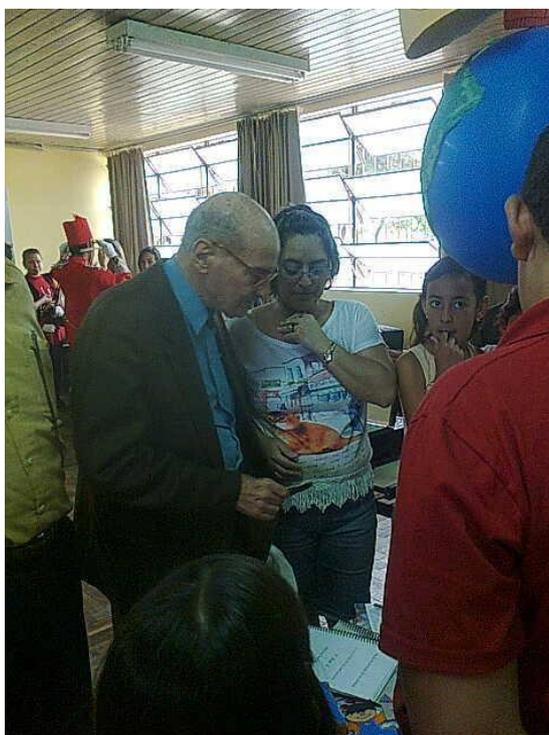
Contamos com a contribuição espontânea de outros escritores da comunidade escolar com seus textos valorizando ainda mais a obra.

Planejamos tudo, sob minha coordenação. Cada grupo previamente formado por quatro elementos, responsabilizava-se por ajudar nas etapas do projeto, como: capa, sumário, apresentação, distribuição dos textos, cópias, encadernação e revisão. Outros grupos coordenados pelos pais de alunos eram responsáveis pela preparação do lançamento e montagem da apresentação do projeto e do livro. Assim, todos tiveram a oportunidade de participarem e sentirem-se parte integrante e importante no processo.

Feito isso, chegou o dia tão esperado. Um evento memorável que envolveu toda comunidade escolar. A abertura oficial feita pela Diretora da Escola contou com a presença

do escritor e historiador renomado o Sr. Osório Santana Figueiredo, que muito nos honrou com a sua presença e com a apresentação da Banda Rítmica da Escola.

FIGURA 49 - Escritor e historiador Osório Santana Figueiredo no Lançamento do livro



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Foi uma manhã movimentada, um marco literário tanto na escola como na vida de cada um que participou e compartilhou da nossa “Mala Encantada” que, além de desenvolver estratégias didáticas importantes de leitura e escrita, viaja levando essa experiência para além das fronteiras da imaginação.

4.1.9 O produto pedagógico

Juntos os amigos Paulo, Gilberto e João descobriram o segredo da mala mágica. O segredo era o poder da amizade e o poder de compartilhar.

Aluno: Andriel de Farias

As atividades e estratégias construídas e desenvolvidas no Projeto “Mala Encantada” na sala de aula e dissertadas nesse trabalho, geraram um material de auxílio ao aluno (o produto pedagógico). Esse material é um livro que, em sete capítulos, conta a história de uma mala encantada que se liberta, através da imaginação e de um caderno composto por uma seleção de vinte oficinas com atividades temáticas graduando o nível de dificuldade. As atividades das oficinas foram previamente executadas em aula, relacionadas à personagem protagonista da história e têm como finalidade desenvolver no aluno as competências e habilidades de leitura e escrita, promovendo um aprendizado significativo, transformando-o em leitor capaz de interpretar e inferir um texto e escritor competente (PCN, 1998), capaz de redigir e se fazer compreender. Enfim, um sujeito que de mero repetidor se transforme em sujeito ativo, reflexivo e que seja capaz de construir, desconstruir e reconstruir o processo do conhecimento, para que ele não veja o mundo apenas como um espaço físico, mas como um conjunto de possibilidades no qual ele pode intervir para ajudar a promover mudanças reconstituindo e escrevendo a sua própria história como cidadão desse mundo (FREIRE, 1987) respeitando e ajudando a derrubar barreiras com a do preconceito. Na verdade, o produto final dessa pesquisa é o aluno, por proporcionar a ele o conhecimento mediado pela leitura e pela professora e, assim, contribua para uma sociedade mais justa, como Matheus expressa esse desejo em seu texto (FIGURA - 41) com a exclamação: “COMO É BOM SALVAR O MUNDO!”. Essa “teia de relações entre o referido processo precisa acontecer a partir do cruzamento que o aluno possa fazer entre o que já sabe e o que está sendo ensinado” (MEC, 2007, p. 42). Essa teia vai se expandindo e dessa forma

cada criança vai construindo sua teia de relações entre o que já foi aprendido, o contexto de aprendizagem e a própria realidade, descobrindo o sentido de aprender mais sobre a língua. E que você passa a entender o significado do ensinar a língua para quem já possui uma experiência linguística que pode ser ampliada e estendida à escrita, favorecendo a inserção dos alunos em práticas reais de leitura e escrita, em práticas de letramento (Ibid).

As relações que se tecem no contexto descrito na citação acima do processo ensino/aprendizagem são importantes na construção da leitura e escrita mesclando-as e relacionando-as com o meio social.

No percurso do processo de desenvolvimento do projeto, observei que as propostas de atividades individuais realizadas com os alunos contribuíram não só para o aperfeiçoamento das competências e habilidades de leitura e escrita, mas também para a efetivação de uma

proposta pedagógica que, de fato, pode concretizar a intenção de promover a leitura e a escrita como práticas sociais situadas. Essa experiência contribuiu para a construção de um material de apoio autoinstrucional que os estudantes poderão utilizar de forma paralela e independente do trabalho presencial do professor. Esse material autorregulador é constituído por oficinas temáticas testadas em atividades executadas na sala de aula é mais uma ferramenta à disposição do professor e do aluno para facilitar e aprimorar ensino e a aprendizagem com outro viés.

Esta forma de trabalho cria uma nova possibilidade de mediação pedagógica (Street, 2006) permitindo um espaço de interação, o qual oportuniza a constante recriação de estratégias metodológicas, orientando-o a estruturar seu estudo e estimulando-o para que ele próprio construa o seu saber.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

E ao final de nossas longas explorações chegamos ao lugar onde partimos. E o conhecemos pela primeira vez.

Thomas Stearns Eliot

A epígrafe de Eliot transmite a exata sensação que experimentei ao concluir esta pesquisa, até porque o processo não termina, há sempre um ponto de partida a partir do ponto final.

Diante da minha caminhada no decorrer desta dissertação, senti um amadurecimento frente a minha prática. As reflexões serviram para inquietar-me ainda mais, mexer com as minhas falsas certezas, isso me incomodou um pouco.

Confesso que tive uma dificuldade aparente durante esta pesquisa, com o embate entre a teoria e a prática. Creio que o afastamento dos bancos universitários, por aproximadamente trinta anos, foi uma das razões dessa dificuldade.

Para transmitir esse embate com mais , -me ao movimento do mar que, ao sinalizar as influências do clima, causa mudanças significativas na maré entre o repuxo e a ressaca.

A maré retrai e avança num movimento constante de ir e vir, este é o meu embate. Como se a teoria fosse a ressaca que avança com força arrastando tudo que lhe vem à frente e a prática fosse o repuxo que se retrai fazendo o movimento inverso, formando buracos perigosos e bancos de areia... Diante do perigo sobram-me duas opções: ou caio no buraco e me afogo ou me protejo nas ilhas de areia e espero por salvamento. Então, a decisão mais coerente encontrada foi de entrar em acordo e deixar o mar fluir normalmente fundindo os fenômenos e transformando-os em maré mansa, espreguiçando-se e acariciando a areia num vai e vem nunca igual ao anterior, desenhando a orla com a beleza proporcionada pela sabedoria da natureza. Assim devo agir, amparada e guiada pela teoria, mas também seguindo a intuição de profissional experiente.

Senti muito forte a influência desse estudo nas minhas concepções. Hoje, sinto-me mais alicerçada ao propor um trabalho de letramento.

E a proposta desta pesquisa foi desenvolver as competências de leitura e escrita em uma ação pedagógica pautada em teorias que deram suporte às estratégias voltadas ao projeto de letramento literário, que “possibilitou aos alunos compreenderem o uso da

língua como forma de interação social” (MEC, 2007). Isso implica na necessidade de renovações no processo ensino/aprendizagem e com essa intenção propus o presente projeto de letramento “Mala Encantada”, que me levou a refletir com maior atenção sobre a minha prática pedagógica e contribuiu para me desestabilizar (VIGOTSKI, 1987) e acender a “lanterna mágica” (ESTÉVEZ, 2009, p.57) para iluminar meu espírito, me sensibilizar e me impulsionar a crescer na alteridade, adquirindo e ampliando conhecimentos, para rever e ressignificar as minhas ações como docente.

Vale ressaltar que, dessa forma, me reciclei e me reconstitui como pessoa e como profissional, numa relação de troca entre eu e os alunos, do que já foi aprendido, do que pretendemos aprender e do sentido real da aprendizagem que vai refletir na vida de cada um.

Nessa perspectiva, a questão da pesquisa e as expectativas lançadas nos objetivos foram observadas e analisadas no decorrer da pesquisa, através da fundamentação teórica selecionada, das descrições, das reflexões, das ações pedagógicas desenvolvidas nesse Projeto de Letramento e as estratégias didáticas que conduziram e possibilitaram a atuação dos sujeitos mediados pela leitura e escrita como instrumentos de aprendizagem e transformação (SOARES, 2010).

A produção dos textos protagonizada pelos alunos através das oficinas para a escrita criativa (ASSIS BRASIL, 2013) com atividades de leitura, escrita, revisão e reescrita, proporcionaram a eles o aprimoramento da estrutura linguística, do conteúdo e da criatividade.

O contexto do projeto descrito na introdução dessa dissertação, no início do ano letivo era desalentador e preocupante, a maioria dos estudantes apresentava dificuldade nas competências e habilidades de leitura e escrita e nos aspectos linguísticos. Problemas que já deveriam estar solucionados nas séries anteriores. A partir desta constatação, questioneime: por onde começar? Como? Que resultado atingir?

É bem verdade que o sujeito que não domina a competência da leitura, não consegue interpretar um texto. Essa relação de dependência fez com que privilegiasse atividades de leitura e contação de histórias nas oficinas e intensificasse exercícios orais de interpretação para que os alunos também refletissem nas entrelinhas do texto. As ações de mediação e interação proporcionaram exercícios para torná-los mais receptivos, criativos e, conseqüentemente, mais críticos.

Pensando a leitura como algo estimulante e inspirador para a produção textual, oportunistei aos estudantes a leitura de diversos gêneros, mas priorizei a literária, não

somente visando a formação de leitores, mas por entender que esta, seja uma maneira de sensibilizá-los e amadurecê-los para enfrentarem a vida cotidiana e a transgredirem do real para o imaginário (LARROSA, 1998), ampliando a visão de mundo e estimulando-os para novas leituras e aventuras.

Percebi que deveria me afastar de minha prática para fazer uma avaliação mais clara do trabalho desenvolvido. Com o exercício de afastamento e proximidade, tive uma visão mais precisa da metodologia aplicada, e constatei que, apesar de haver equívocos e lacunas, ainda assim, desestabilizei-os, e levei-os a pensar, a adquirirem o gosto pela leitura e a terem o prazer em ler e em produzirem textos. Agucei a curiosidade e a criticidade, de acordo com a maturidade, a idade e o ano.

Por vezes, a minha bússola, parecia perder o norte, mas, rapidamente, retomava-a, procurando a direção. O curso de mestrado proporcionou-me o afastamento que precisava da prática e a retomada da direção, redimensionando e aprimorando o projeto descrito com estratégias que resultaram num produto de atividades autoinstrucionais.

E nesse ir e vir para retomar o norte das questões aqui refletidas evidenciei que durante a construção e reconstrução das ações pedagógicas no processo de ensino e aprendizagem do projeto de letramento descrito, iniciou com uma abordagem genérica para pouco a pouco ir se revelando, restringindo-se e tomando outro rumo à medida que me aprofundava e atribuía uma significação aos conhecimentos já adquiridos e aos novos, no transcorrer desse estudo. Com o norte retomado, parei de divagar e centrar esse estudo no *letramento literário*, no qual as estratégias e atividades descritas na metodologia revelam o foco de estudo.

Tenho consciência de que o caminho percorrido foi longo e que cresci com as dúvidas, os questionamentos, os conflitos, a sensação de incompletude e a procura constante de novas fontes de conhecimento, buscando uma postura diferenciada quando a prioridade é ensinar e aprender a ler e a escrever de forma significativa, isto é, quando se faz a relação do que se aprende com a realidade e que essa se relacione com valores e com sustentabilidade para fazer do aluno um sujeito estético, competente, participativo e útil à sociedade (ESTÉVEZ, 2009).

De tudo que foi proposto no Projeto “Mala Encantada”, tenho certeza que procurei ensiná-los a imaginar, a pensar e a perceber e, se eles aprenderam a lição, aí sim, terei a missão cumprida. Isso só o tempo mostrará. Espero ter lançado a sementinha “Para germinar/Na mente de toda gente” (LÉO, 2009). Mas algo me diz que eles estetizaram o

olhar e aprenderam, através de suas experiências, a sentir e a sonhar... (LARROSA, 1998) e tenho a sensação de que deixei a lanterna acesa (ESTÉVEZ) e uma porta entreaberta...

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano de. **O Estímulo à Criatividade em Programas de Pós-Graduação segundo seus Estudantes**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2002, 15(1), p. 63-70.

_____. **Criatividade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

ASSIS BRASIL, Luís Antônio. **Curso de Técnicas de criação literária para professores**. Estado do Rio Grande do Sul, Guarani das Missões, RS, 2013.
Educação em Revista. Vol. 29, nº 1 Belo Horizonte Mar. 2013.
(<http://dx.doi.org/10.1590/50102-469820130001100003>).

BACH, Pierre. **O Prazer na Escrita**. Porto, Editores Asa, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 5ª ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. [1979]. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. Capítulo: **O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária**. in: *Questões de literatura e estética*. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BALDI, Elizabeth. **Escrita nas séries iniciais**. Porto Alegre: Editora Projeto, 2012.

BARBOSA, Amilcar Bettega. **De la lecture à l'écriture : la construction d'un texte, la formation d'un écrivain = Da leitura à escrita : a construção de um texto, a formação de um escritor**. Porto Alegre, 2012. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação, Faculdade de Letras, PUCRS.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução: de Arlete Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BLUNDEL, Tony. **Cuidado com o menino!** Tradução de Ana Maria Machado. São Paulo: Salamandra, 2007.

BORDINI, Maria da Glória. **Poesia infantil**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Falar, ler e escrever em sala de aula: do período pós-alfabetização ao 5º ano.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso.** Campinas, São Paulo: Unicamp, 1995, p. 51.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da educação e do desporto. **Parâmetros curriculares nacionais (documento introdutório).** Versão agosto, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília, 1998.

BUENO, F. **Grande dicionário etimológico – prosódico da Língua Portuguesa.** São Paulo: Saraiva, 1996.

BUNZEN, Clecio. **Os significados do Letramento escolar como prática sociocultural.**In: VÓVIO, Cláudia L.; SITO, Luanda; GRANDE, Paula B. (Org.). **Letramentos: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisa em linguística aplicada.** Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2010.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura & linguagem: a obra literária e a expressão linguística.** 4 ed., São Paulo: Quirion, 1986.

CORRÊA, Mariana Resende. **O processo de criação de objetos autorreferenciais: memória, bricolagem e narrativa.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Urubelândia. Programa de Pós-Graduação em Artes, 2013.

COSSON, Rildo. **Os círculos de leitura e letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA, Margareth Correia Fagundes. **O papel da revisão textual em textos reescritos por Crianças.** Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010, p.116.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Les genres scolaires: des pratiques langagières aux objets d'enseignement.** *Repères*, n. 15, p. 139, 1997.

ESTÉVEZ, Pablo René; traduzido por João Reguffe. **A alternativa estética na educação.** Rio Grande. Ed. Da FURG, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 20 ed., São Paulo: Cortez, 1987.

_____. **A Política de Educação, Poder, Cultura e Libertação.** traduzido por Donaldo Macedo. Massachusetts: Bergin & Garvey Publishers, Inc., 1985.

Review por Michael Galli (OISE / Universidade de Toronto), 2004, em *A Política da Educação*.

GEE, James Paul. **New people in new worlds: networks, the New Capitalism and schools.** In: COPE, B.; KALANTZIS, M. (Eds.). *Multiliteracies: Literacy learning and the design of social futures.* London: Routledge, 2000.

GERALDI, João Wanderley, (org.). **A aula como acontecimento.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

GIOVANI, Fabiana; SOUZA, Nathan B. **Bakhtin e a educação: a ética, a estética e a cognição.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2014, p. 55–76.

IRALA, B. Valesca, SILVA, Silvana, (org.). **Ensino na área da linguagem: perspectivas a partir da formação continuada.** Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2012. (Série Estudos da Linguagem).

KLEIMAN, Ângela. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** São Paulo: Produção Editorial, 2005. Disponível em: http://www.iel Unicamp.br/cefiel/alfaletas/biblioteca_professor/arquivos/5710.pdf.

_____. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola.** in: KLEIMAN, A. (Org.). *Os significados do letramento.* Campinas: Mercado de Letras, 1995.

_____. **Professores e agentes de letramento: identidade e posicionamento social.**

Art. *Filologia e linguística portuguesa.* n. 8, p. 409-424, 2006. Disponível em PDF: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i8p409-424>

_____. **O conhecimento prévio da leitura.** In: *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura.* 11.e. Campinas: Pontes, 2008, p. 13-27.[\[1\]](#)

LARROSA, Jorge. *La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación.* 2ª Edición. Barcelona: Laertes S.A. de Ediciones, 1998.

_____. **Tecnologias do eu e educação.** In: SILVA, Tomaz T. *O sujeito da educação.* Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86.

LÉO, Ana Rita Fagundes. **Quesada, Quixano, Quixote.** Santa Maria: Gráfica Editora Pallotti, 2011, p. 14.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Pró-Letramento: programa de formação continuada de professores dos anos/séries iniciais do ensino fundamental: alfabetização e linguagem.** – Edição revista e ampliada, incluindo SAEB/Prova Brasil matriz de referência/Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Educação, 2007, p. 26 – 27.

MOUCHIROUD, C. e LUBART, T. (2002). **Social creativity: A cross-sectional study of 6- to 11-yearold children**. *Int. J. Behav. Develop.*, 26 (1), 60-69.

NÓBREGA, Maria José. **A reescrita e os caminhos da construção do sujeito**. Série Idéias, no. 28, São Paulo: FDE, 1997, p. 77-108.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

PAULINO, Graça, COSSO, Rildo. **Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola**. In: ZILBERMAN, Regina & RÖSING M. Tania. *Escola e leitura: velhas crises, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009, p. 61-79. (Coleção leitura e formação).

ROJO, Roxane Helena; MOURA, Eduardo (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é literatura?**. Traduzido por Carlos Felipe Moisés. 2 ed. São Paulo: Editora Ática S.A., 1993.

SAVIANI, Dermeval. **Aberturas para a história da educação: do debate teórico-metodológico no campo da história ao debate sobre a construção do sistema nacional de educação no Brasil**. Campinas, São Paulo: Autores associados, 2013.

SCRIBNER, Sylvia. **Literacy in three metaphors**. *American Journal of Education*, Chicago, v. 93, no.1, p. 6-21, 1984.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. **A experiência de psicólogas na comunicação de massa**. Tese de doutorado não-publicada, Instituto de Psicologia da Universidade Massa. Tese de doutorado não-publicada, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

SOARES, Magda. **Um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1988.

_____. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2005.

SOARES, Maria Inês Bizzotto. **Alfabetização linguística: da teoria à prática**. Belo Horizonte: Dimensão, 2010, p. 20-21

STEVE, Webb. **Viviana: Rainha do Pijama**. Tradução de Luciano Vieira Machado – São Paulo: Salamandra, 2011.

STRECK, Danilo R. **Rousseau & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento, no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

_____. Artigo: **Media Anthropology Network**, 2006 - philbu.net.

_____. **What's new in new literacy studies**. in Current Issues in Comparative Education, 2003.

_____. **Literacy and development: ethnographic perspectives**. Routledge: London, 2001.

_____. **Walter Ong on literacy**. Aspects, vol. 1. 1986.

_____. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: University Press, 1984.

TFOUNI, Leda Verdiani. [Org.]. **Letramento, escrita e leitura: questões contemporâneas**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010. – (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

VÓVIO, Claudia, SITO, Luanda, GRANDE, Paula de. (Orgs.). **Letramentos: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisas em linguística aplicada**. Campinas, SP: Mercado das letras, 2010.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. (1987). **Thinking and speech** (N. Minick, Trans.). In R. W. Rieber & A. S. Carton (Eds.), *The collected works of L. S. Vygotsky: Vol. 1. Problems of general psychology* (pp. 39-285). New York: Plenum Press. (Original publicado em 1934).

ANEXOS

ANEXO A

URMA DO 5º ANO



ANEXO B**MOMENTOS DO LANÇAMENTO DO PROJETO
MALA ENCANTADA**

Ensaio dos textos:



Escritora: Elody da Veiga Menezes,
Comunicadora da Rádio Batovi: Claudia Pereira,
Escritora e presidente da ACAM (Associação Cultural Alcides Maya: Maria da Graça Cunha



Apresentação do Projeto para os presentes.



Fala da Escritora Maria da Graça, Escritor e Guarda Escolar José Airton Rodrigues Martins, Diretora da Escola Maria Cristina Andreta Barros da Silva, Guido Ávila jornalista do “Jornal da Cidade”, Presidente do Conselho Escolar e pai de aluno Sr. Augusto Vieira Rios, mães de alunos.



Aluno Vinicius declamando “Mala Encantada, Pé na estrada” (Ana Rita F. Léo)



Aluna Elizabeth (minha ex-aluna) declamando um poema da Escritora que se faz presente Elody da V. Menezes.



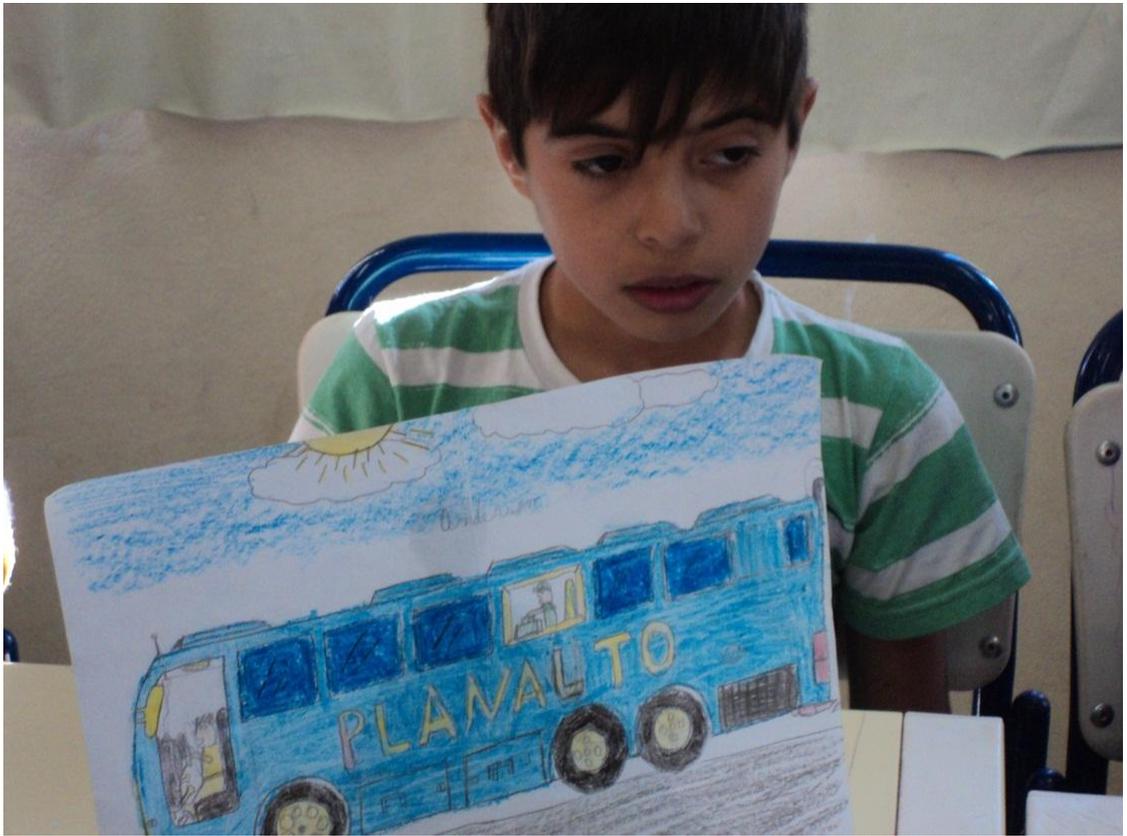
Aluna Carolina (minha ex-aluna) declamando um poema de Maria da Graça Cunha.



Fotos a seguir de alunos apresentando seus textos:













A Mala Encantada que guardava os textos produzidos por eles:



Momento dos autógrafos:



Foto com a mãe Katiussa que confeccionou a boneca e com a Diretora da Escola Maria Cristina.



Momento de um Seminário:



(Idem):



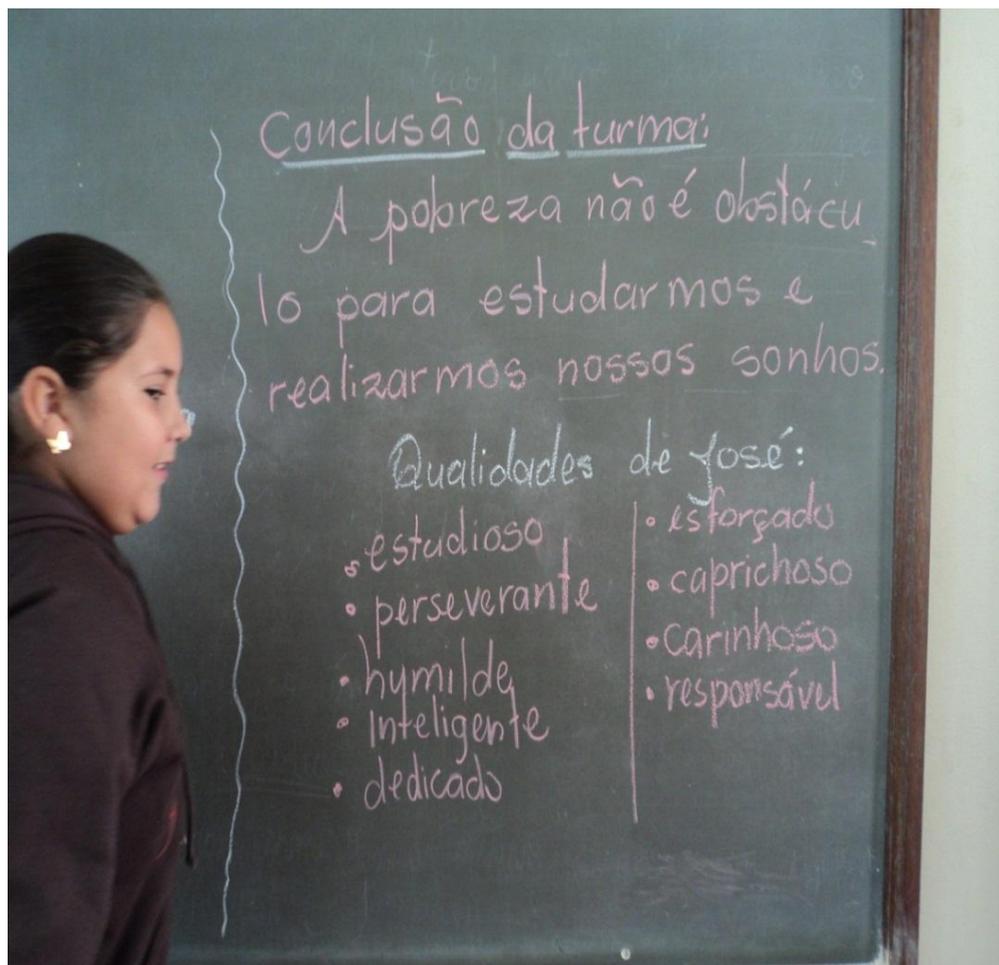


Foto com o escritor gabrielsense César Domity por ocasião de uma conferência:



O aluno Vitor Walax Moreira com a medalha da melhor redação do concurso realizado pelo PROERD (Brigada Militar):



Vitor com seus colegas de classe:



Confraternização natalina:



Lançamento do Livro “Mala Encantada, Pé na estrada” com participação dos pais e da comunidade escolar:



Oficina: um momento de contação de histórias interativa:



Trabalho de pesquisa:



Oficina de leitura e produção na sala de aula:



ANEXO C

**LIVRO:
MALA ENCANTADA, PÉ NA ESTRADA**

Mala encantada, pé na estrada

E. E. E. F. Dr. Pery da Cunha Gonçalves

5º Ano A

Professora: Ana Rita Leo

Out/2013

Mala encantada, pé na estrada



Dedicatória:

Amiguinhos, escrevi esta dedicatória para vocês, porque quero que leiam bons livros: contos de fadas, histórias em quadrinhos, fábulas, poemas, etc...

E também desejo que a imaginação de vocês voe por esse mundão!!!

Fabiéli Rangel Walterman

APRESENTAÇÃO:

O Projeto da Mala Encantada, Pé na Estrada nos inspirou a escrever diferentes textos infantis e nos deu ideia para fazermos um livro.

Luan Pinheiro Rios

Escrevemos esse livro, Mala Encantada, Pé na Estrada, para crianças que querem viajar pelo mundo da imaginação.

A mala pode ser o que você quiser, a minha mala e a de cada um dos meus colegas são diferentes. Minhas malas são duas amigas bailarinas.

Espero que vocês gostem do livro.

Fabiéle Rangel Waltermann

Esse Projeto Mala Encantada, Pé na Estrada foi criativo e me ensinou a escrever o texto: Mala Colorida. A Mala Encantada, Pé na Estrada foi montada com muita calma e com muito amor e carinho para as crianças aprenderem a ler, a escrever e a se emocionar.

Anderson Madri de Martins

O Projeto Mala Encantada, Pé na Estrada foi muito bom e ainda ajuda nossa classe.

Andriel Rossano Cruz de Freitas

A apresentação é bem simples: temos que ler!
Você gosta de ler? Eu adoro uma boa leitura.

Andyely Dias Silva

O Projeto Mala Encantada foi muito bom porque a professora nos ajudou a fazer a história e, principalmente, a ter coragem para lê-las em público.

Gabriel da Silva Xavier

O Livro Mala Encantada, Pé na Estrada foi uma inspiração para eu ter mais conhecimento da leitura infantil. Esse livro serve para ajudar milhares de crianças.

Ezequel Robaina Cruz

O Projeto Mala Encantada, Pé na Estrada foi uma experiência única. O texto foi escrito junto com a nossa professora Ana Rita. A minha inspiração veio de todos os textos que eu já li. Esse texto é um dos muitos que eu vou ter.

Vitor Walax Dias Moreira

Nesse livro tem várias personagens, várias coisas legais. Se você ler, você vai se inspirar cada vez mais e mais...

Vitória Mosseline Silva

O Projeto Mala Encantada, Pé na Estrada foi um incentivo para fazermos um livro infantil. Ideia da professora Ana Rita e dos alunos queridos por ela. E foi assim que se fez esse livro.

Helen Carvalho Nogueira

O livro Mala Encantada, Pé na Estrada é uma sensação única de sentir o que a malinha sentiu viajando pelo mundo de pertinho.

O livro serve para milhares de crianças e adultos e emociona o coração de cada uma delas.

Marcos Vinícios Lacerda Maggioni

O Projeto Mala Encantada, Pé na Estrada, foi uma inspiração para nós fazermos um livro em aula com muitas histórias, foi excelente.

A brilhante ideia foi da querida profª Ana Rita, com a personagem Mala foi uma experiência muito legal.
Boa Leitura!

Antoni Mauro Rodrigues Codevilla

O Projeto Mala Encantada, Pé na Estrada abriu nossos olhos para um mundo melhor!

Lucas da Silva da Costa

Obrigado!



Mala encantada, pé na estrada

*Num cantinho do mundo
Completa de mágoa e empoeirada
Uma velha mala encantada
Chorava aborrecida
Por, ali, estar esquecida*

*A menina curiosa ficou...
Afinal, qual seria o segredo
Desta bagagem preciosa?
E o segredo desvendou-se:
Era de pura sabedoria...*

*A menina enternecida
A velha mala restaurou,
E ela, agradecida,
Pra bem longe a levou...*

Pra onde ela iria???
Pra Síria?
Pra China?
Pra Japão?

*Não, não, nada disso!!!
A menina e a mala*

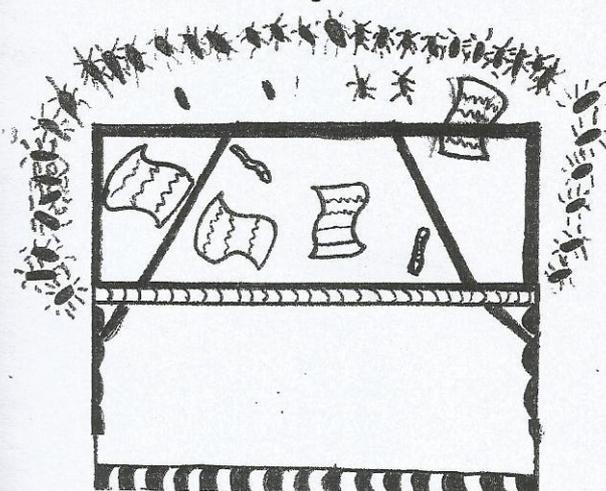
*Vão a qualquer lugar
Que a imaginação queira levar.
E o mundo, com isso...
Pequenino ficará!*

Ana Rita Faundes Léo

MALA

Eu sou mala,
 De história, não de fazer bravatas
 Só de olhar, não dá valor
 Mas na idade que estás já guardei cartas de amor
 Viajei muito nas curtas deste Estado admirável
 Sempre organizada, meu dono me conservou
 Depois serviu aos guardados dos tipos: os mais
 variáveis
 Por isso sou importante, cuida bem quem me levou.
 Dentro de mim guardo notas: água, luz, imposto e
 mais....
 Até papéis de valor, registro e tudo mais...
 Muita coisa, muitas coisas de mala, sabes como
 é...
 Até frutos do amor deste dono
 Onze cordões, sim, cordões, não de algodão ou de
 seda...
 Cordões de vida, são cordões umbilicais...
 Por isso hoje ao me olhar
 Um cordão até chorou, emoção
 O passado não é museu...
 É história pra contar com coração.

Regina Cavalheiro Marques



A MAGIA DA MALA ENCANTADA

Um dia encontrei
Em minhas andanças
Uma menina de tranças
Sozinha na estrada
Como quem procurava
Um tesouro escondido
De algo porque alguém
Ali havia perdido

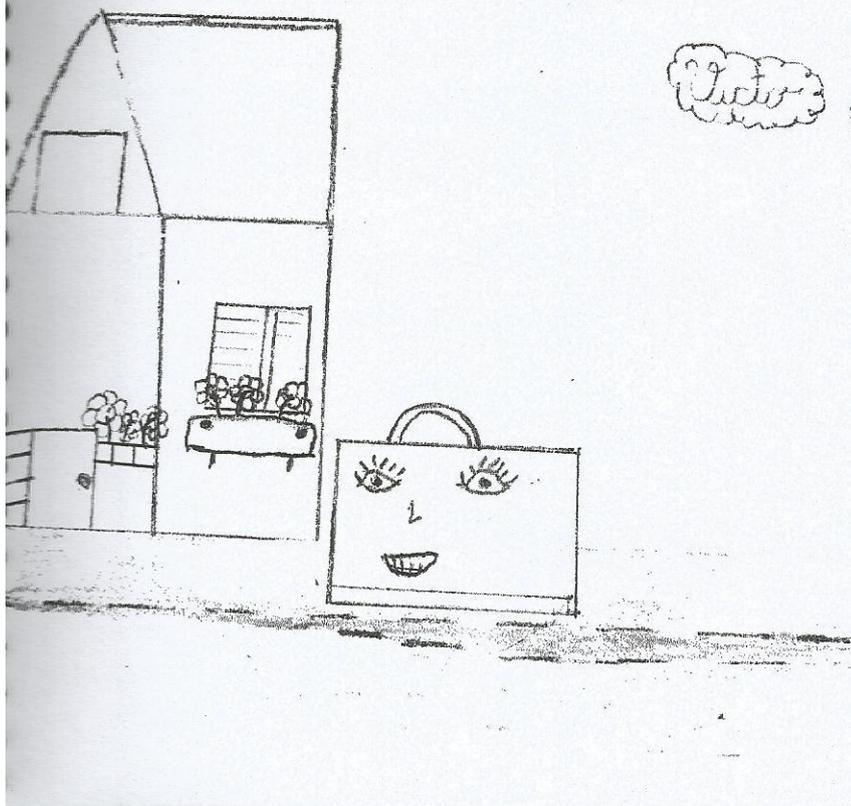
Trazia na mão
Uma mala surrada
Com uma cor desbotada
Parecendo vazia
Porém a magia
Que andava na estrada
Fazia esta mala
Parecer encantada

De repente o tempo
Parou por encanto
E nos olhos da menina
Ao olhar vi um pranto
Porque agora a meu ver
Não se sentia tão só

Pois estava comigo e a mala
Toda coberta de pó

E a menina afinal
Encontrou uma linda flor
Que lhe inspirou o amor
O sentimento mais profundo
Esse foi espalhar ao mundo
Numa missão divina
Botando o pé na estrada
Com a sua mala encantada

José Airton Rodrigues Martins



SUMÁRIO

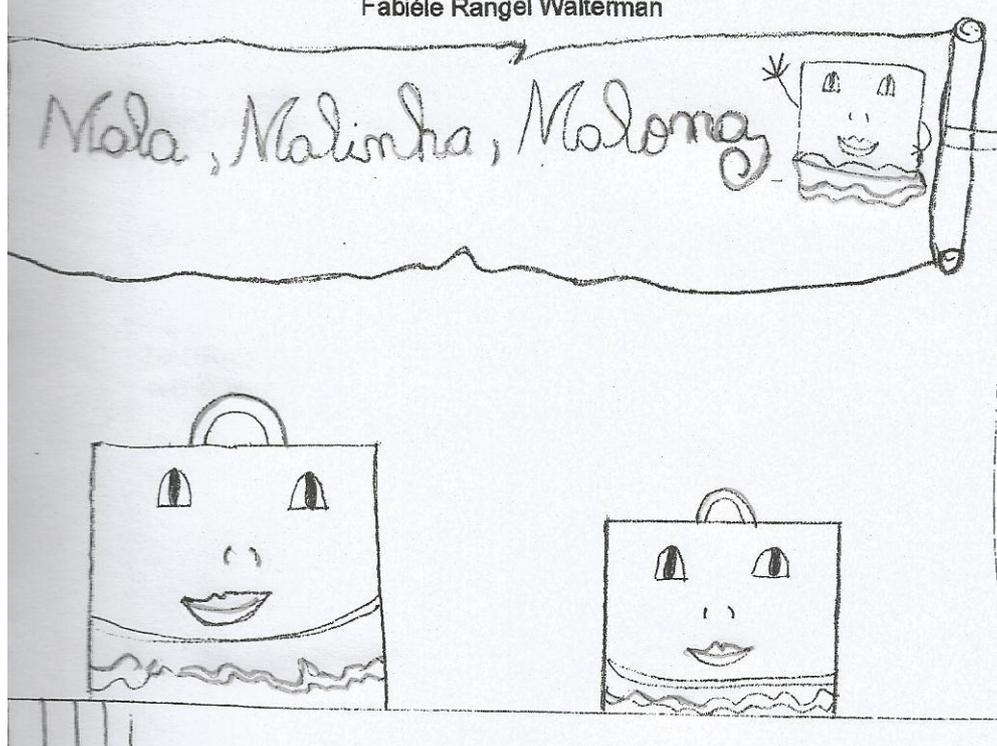
MALA, MALINHA, MALONA.....	1
A GRANDE VIAGEM.....	2
UMA VIAGEM INESQUECÍVEL.....	3
A MALA ENCANTADA.....	4
HISTÓRIAS DE UMA MALINHA ATRAPALHADA...	5
A MALA MALUCA E CONFUSA.....	6
A MALA MÁGICA.....	7
A MALA DA ALEGRIA.....	8
A MALA INDECISA.....	9
A MALA ENGRAÇADA.....	10
A MALA PERDIDA.....	11
A MALA LULU.....	12
A MALA MÁGICA.....	13
A MALA ATRAPALHADA.....	14

A MALA VOADORA.....	15
MALA-HERÓI.....	16
A MALA.....	17
A MALA QUE ADORAVA VIAJAR.....	18
A MALA FALANTE.....	19
A MALA FELIZ.....	20
MALA VIAJANTE.....	21
A MALA FABIÉLE.....	22
A MALA COLORIDA.....	23
A MALA MÁGICA.....	24
MALA AMADA.....	25
A MALA LALA.....	26

MALA, MALINHA, MALONA

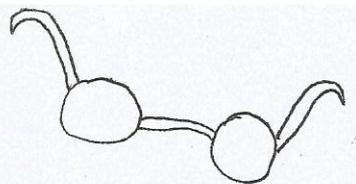
Duas malas queriam ser bailarinas.
Eram a malinha e a malona.
A malona ficava na ponta dos pés
E só faltava quebrar o dedão do pé.
A malinha dava mil rodadinhas,
E quando caia ficava tontinha.
Pé ali e rodeia aqui, a malona e a malinha
Ficavam a noite toda acordadinhas.

Fabiéle Rangel Walteman





A GRANDE VIAGEM



NARRADOR: —Vou contar a história de uma mala chamada Magali. Ela gostava de viajar.

MAGALI: —Oi amiguinhos! Sou a Magali, gosto de viajar, de conhecer outros lugares.

- Fui pra Recife, Fortaleza e Amapá.
- Lugar bonito aquele lá, mas não sei o que levar.
- Faz frio, faz calor, tenho que minha mala arrumar.

NARRADOR: — E agora, crianças? Uma dúvida está no ar, o que nossa amiguinha deve levar?

MAGALI: — Ai, ai, ai, o que eu levo?

- Um casaco?
- Uma touca?
- Já sei...



NARRADOR: — Nossa amiguinha está confusa...

MAGALI: — Já sei! Pesquisei até que cansei.

- Na verdade, olhei no mapa e encontrei Recife, Fortaleza, muito calor faz por I.
- Pra não perder a rima Amapá vou pesquisar.
- Vou levar óculos, guarda-sol e filtro solar.

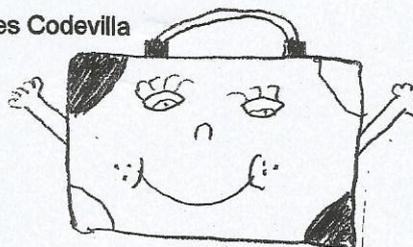


NARRADOR: — Lá vai nossa amiguinha, sua viagem começar.

MAGALI: — Até logo, amiguinhos! O seu narrador... Já viu uma mala confusa, sem saber o que levar?

- Levo comigo amigos e vontade de viajar.
- Por isso sei o que levar!
- Até breve, logo vou voltar....

Antoni Mauro Rodrigues Codevilla



UMA VIAGEM INESQUECÍVEL

Um dia minha família
foi viajar para Porto Alegre.
Já eram quatro horas da tarde
quando sumiu a nossa mala.

Meu pai estava muito preocupado.
Minha mãe me falou:
—Será que a gente vai achar
a mala antes do embarque?

Já eram seis horas...
E, na hora do embarque,
um senhor de capa preta
achou e nos entregou a mala.

Embarcamos...
Vimos muitas flores...
As paisagens, os shoppings,
os mercados e voltamos para
casa com a nossa mala.

Gabriel da Silva Xavier



A MALA ENCANTADA

Era uma vez uma mala que vivia triste. Porém quando seu dono Alex viajava, ela ficava muito triste porque ele não a levava a lugar nenhum, mas seu dono voltou de viagem e viu aquela mala em cima do guarda-roupa e pensou: já que eu não uso esta mala posso jogá-la fora. Pensou de novo: mas eu a comprei tão cara, porque não posso usá-la na minha próxima viagem para Alegrete?

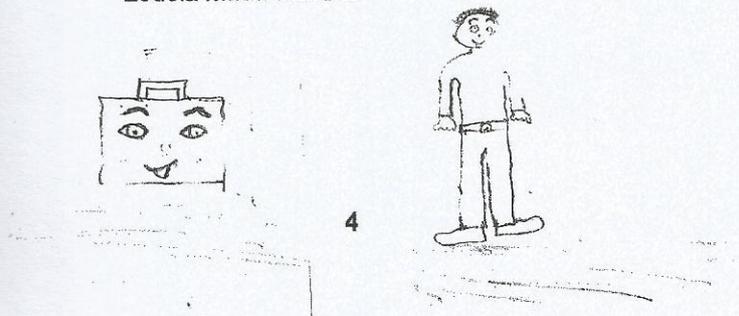
E a mala ficou muito feliz porque ela estava em cima do guarda-roupa já fazia três anos. Quando seu dono a pegou, ela pulou de alegria.

Seu dono foi escolher no guarda-roupa, uma jaqueta, uma calça, uma roupa para dormir, uma toalha, uma touca, um blusão e, se caso ficasse quente, poderia levar também um calção, uma blusa e um chinelo.

A mala ficou tão feliz com a viagem que até nem pensou em ficar no Alegrete, mas se não ficasse, seu dono ficaria muito triste, então, resolveu ir com ele.

O seu dono Alex achou a viagem tão legal que se fosse programar outra viagem, iria para o Alegrete com ela outra vez.

Leticia Madri Martins



HISTÓRIA DE UMA MALINHA ATRAPALHADA

Era uma vez uma malinha muito atrapalhada.

Um dia, a malinha resolveu fazer uma viagem com as outras malinhas. Ela irá para Bahia, onde faz muito calor.

Então, pegou o que precisa, mas pegou só roupa de inverno. Quando foi botar uma roupa viu que só tinha roupa de inverno.

A malinha disse:

— Como eu sou atrapalhada. Peguei roupas de inverno e agora?

A amiga da malinha disse:

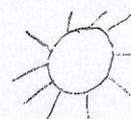
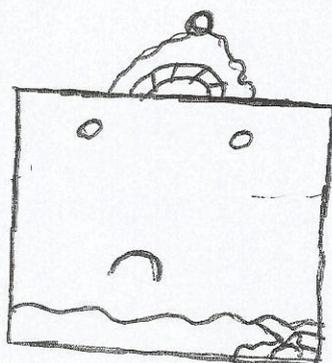
— Fique calma! Nós vamos dar um jeito.

Quando a malinha chegou em casa sua amiga disse:

— malinha, vai pegar suas roupas que nós vamos pra Antártida.

Mas a malinha pegou roupa de verão... ai, ai, ai!

Marcos Vinícios Lacerda Maggioni



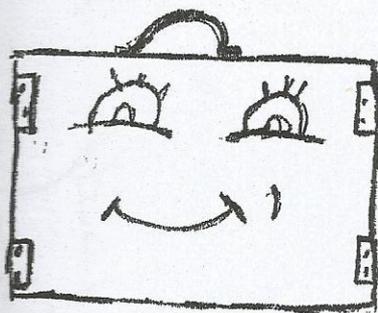
A MALA MALUCA E CONFUSA

Era uma vez uma mala muito maluca e confusa que confundia tudo. Ela confundia coca com toca e fumaça com brasa. Que mala confusa, né? Ela também era maluca. Que maluca, bem maluca além de ser confusa.

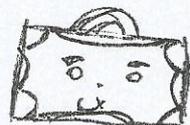
A dona dela se chamava Ana Rita que a arrumou e viajou com ela por todos os lugares do mundo. A mala aprontou uma pra sua dona, confundiu a Mirta com Ana Rita.

Que mala mais maluca e confusa! Confundiu até Paris com Imperatriz!!!

Camilla Nunes dos Santos



A MALA MÁGICA



Numa pequena cidade chamada Esperança moravam três amigos que se chamavam Paulo, Gilberto e João.

Eles queriam viajar mas nenhum deles tinha dinheiro para comprar uma mala.

Cada um deu um pouco e compraram uma única mala.

O primeiro a viajar foi Paulo que foi para o campo e ficou por lá uma semana.

Quando chegou, contou aos seus amigos que a mala era encantada e realizava sonhos. Contou que seu maior sonho era ter um cavalo. Quando chegou no campo teve uma grande surpresa. Seu avô lhe esperava com um grande presente: o cavalo que tanto desejou.

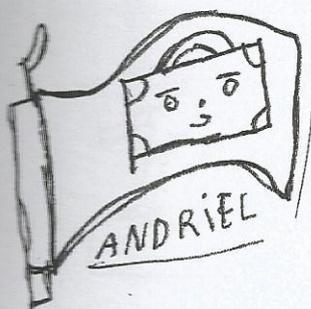
O segundo a viajar foi Gilberto que foi para a praia. Ficou por lá uma semana. Voltou todo feliz e dizendo que essa mala era mesmo mágica. Disse aos amigos que seu maior sonho era surfar.

Chegando da praia que surpresa.... Seu padrinho lhe esperava com um lindo presente, uma colorida prancha e ainda lhe pagou aulas de surf.

O terceiro a viajar foi João que foi para uma cidade grande chamada São Paulo. Ficou por lá uma semana e voltou muito feliz dizendo que a mala era mesmo mágica.

Contou aos seus amigos a grande surpresa que lhe esperava. Seu tio lhe deu de presente uma visita ao Estádio do São Paulo e conhecer seu maior ídolo Rogério Ceni goleiro do time.

Juntos os amigos Paulo, Gilberto e João descobriram o segredo da mala mágica. O segredo era o poder da amizade e o poder de compartilhar.



Andriel Rossano Cruz de Farias



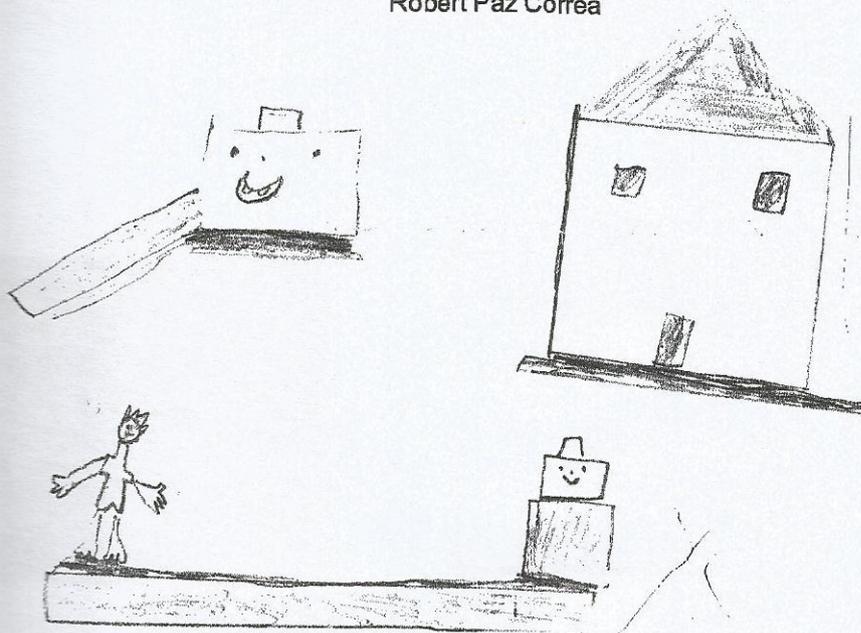
A MALA DA ALEGRIA

Era uma vez uma mala muito animada. Essa mala era muito feliz. Um dia, ela foi passear e encontrou uma menina muito triste, mas não era só a menina que estava triste. A mala olhou ao redor e viu mais pessoas que não estavam alegres. Desde aquele dia, ela não ficou mais feliz.

Num dia de sol, ela foi revê-las e encontrou mais uma vez a menina, ela se chamava Isabela. Convidou-a para brincar e contou piadas e fez brincadeiras muito divertidas e foi aí que ela descobriu que era a mala da alegria.

Certo dia, ela reuniu todas as pessoas tristes e fez piadinhas, gincanas e aquele povo que era triste agora não era mais. Todos agradeceram a mala por ter devolvido a eles a alegria e a felicidade.

Robert Paz Corrêa



A MALA INDECISA

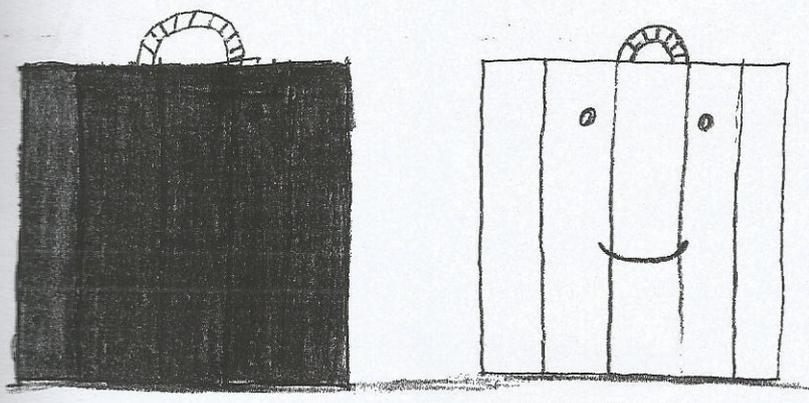
Um dia, uma mala zangada
queria ir para Paris,
mas era atrapalhada.

A prima da malinha chegou e
trouxe as passagens para Paris
e a malinha logo se alegrou.

Mas a mala ficou triste
Porque a prima dela ia sozinha.
A malinha chorou, chorou...
Mas ninguém deu bola
Para essa pequenininha.



Marcos Vinícius Lacerda Maggioni



A MALA ENGRAÇADA

A mala vivia fazendo piadas e seu dono se divertia muito. Um dia o dono da mala falou para ela:

—Você é muito engraçada. Adoro você! Você é legal e divertida.

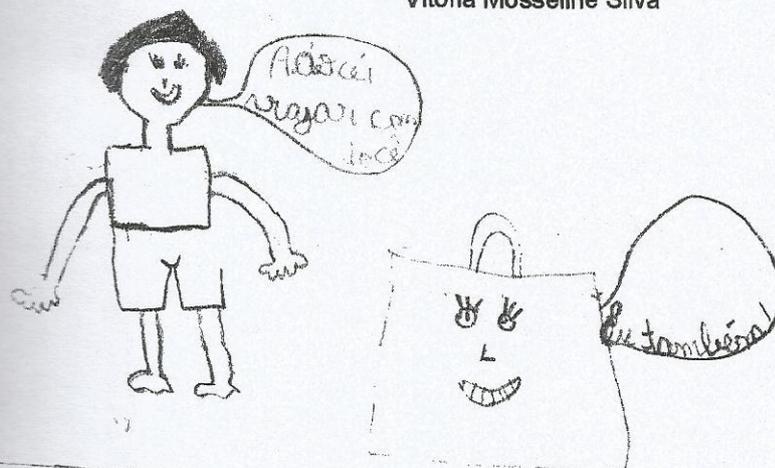
Então, ele falou:

— Vou te levar para um passeio na Europa.

Eles se divertiram muito e quando voltaram para casa, a mala que se chamava Engraçada fez muitas piadas. O dono da mala só ria:

— Rá, rá, rá! Que legal! Eu me diverti muito com você.

Vitória Mosseline Silva



A MALA PERDIDA

A mala perdida está jogada na frente duma lanchonete. Passou um menino chamado José e viu aquela mala jogada e a pegou.

O menino disse:

— Uma mala! Vou pegá-la pra mim. É bonita! — Ele falou.

— Obrigada! — Disse a mala.

— Mas, agora me tira desse lixo.

— Tá bom, vou tirá-la daí, disse o menino.

Eles foram para casa. Chegando lá, a mãe perguntou:

— Que é isso meu filho?

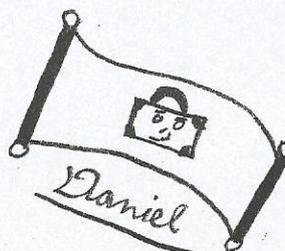
— Uma mala que achei na frente da lanchonete, mãe. —

Falou o menino.

Andryely Dias Silva



A MALA LULU

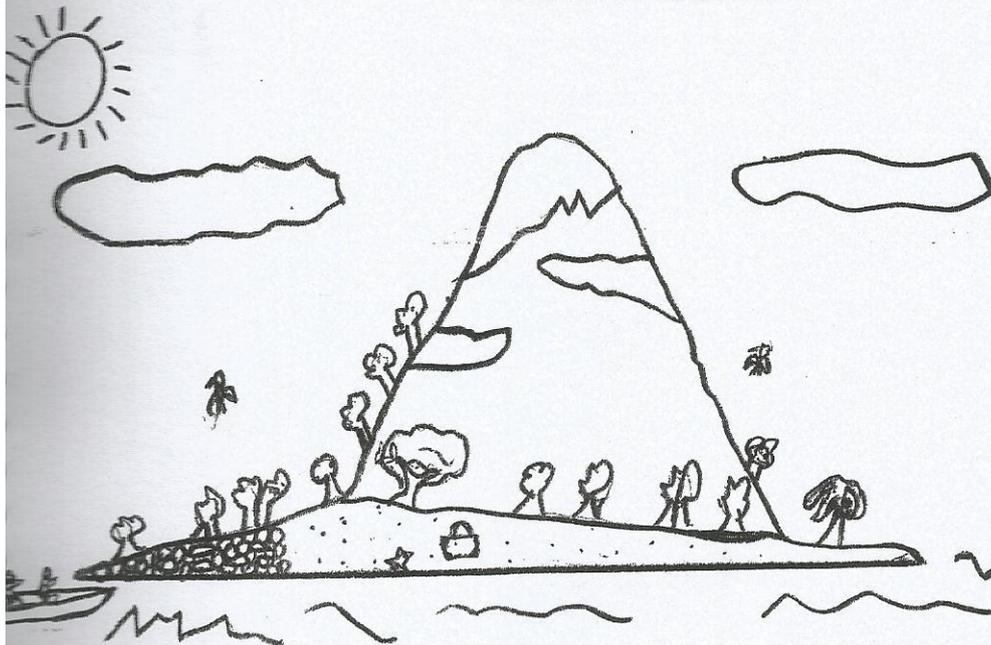


A mala Lulu era azul como o céu. E queria sair duma ilha que morava há quinze anos, sem contato humano.

Numa tarde quente, a mala avistou um pequeno barco com quatro pessoas que foram estudar a ilha. Um rapaz pegou a mala Lulu e dentro dela tinha fotos antigas de uma mulher. Foram direto para Santa Maria.

O rapaz descobriu que a mala Lulu era da sua mãe e ele entregou a mala para ela e ela ficou muito alegre por ter ganho a mala que tinha perdido em um navio há quinze anos. E ela a guardou com muito carinho.

Daniel dos Santos Azevedo



A MALA MÁGICA

— Oi! Eu sou a mala mágica! Meu nome é Paula.

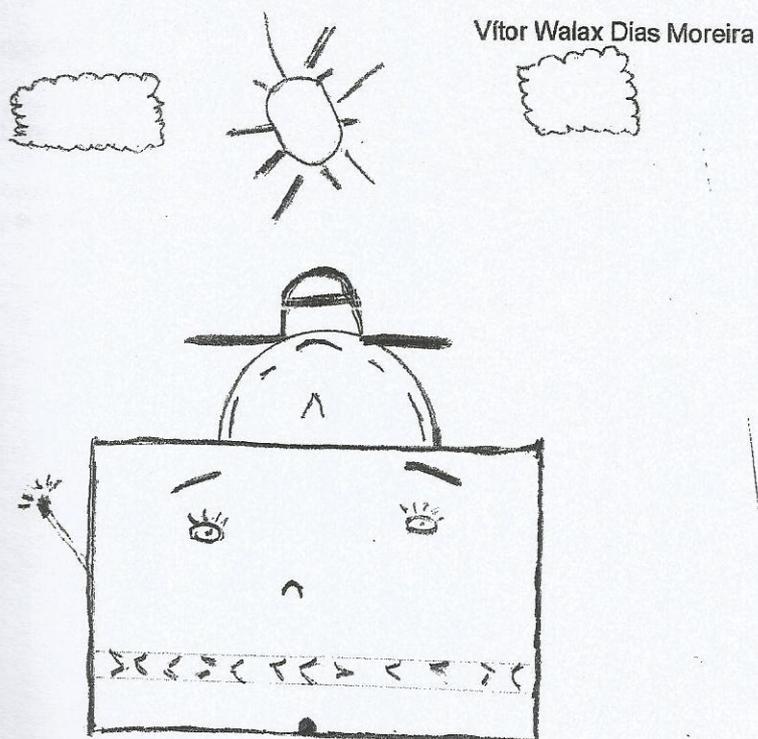
— Eu sou mágica, porque um dia eu era uma simples mala de bagagem, mas no aeroporto um mágico largou um feitiço com sua varinha e eu comecei a falar, pensar e ouvir.

Meu dono se assustou quando eu falei. Ah! Eu esqueci, eu faço mágica também.

Meu dono é legal. O nome dele é Vítor.

Eu e ele nos divertimos muito até o dia que eu fiquei velha e não podia mais brincar. E meu dono me deu uma ideia.

— Você é mágica! Faça uma magia para ficar nova. E aí ela ficou nova e muito alegre. Eles vivem brincando e fazendo mágicas.



A MALA ATRAPALHADA

Era uma vez uma malinha que não foi muito usada. Ela era muito infeliz porque o seu dono não lhe dava muita importância.

Um dia a malinha resolveu fugir para um lugar bem longe e que dessem mais valor a ela.

A malinha encontrou um menino muito legal que a levou para casa e lá ela viveu os melhores dias de sua vida.

O dono da malinha saiu atrás dela. Procurou, procurou mas não a achou. Ficou muito triste e todos os dias saía atrás dela.

Um dia a malinha foi dar uma volta para tirar o seu ex-dono da cabeça, ver se conseguia ter uma boa noite de sono.

A malinha fez uma coisa bem perigosa porque ela queria ter um pouco de adrenalina.

Ela montou uma catapulta para ver se conseguia voar com as asas que conseguisse. Mas isso fez com que Luís, o seu dono, a visse e a levasse para sua antiga casa.

A malinha ficou triste, mas quando chegou em casa logo se alegrou porque Luís comprou outra malinha para ela brincar.

A MALA VOADORA

Era uma vez uma mala chamada Fani.

— Olá pessoal! Sou a Fani. Moro no Rio Grande do Sul.
Eu e meu pai viajamos no tapete voador. Nos divertimos

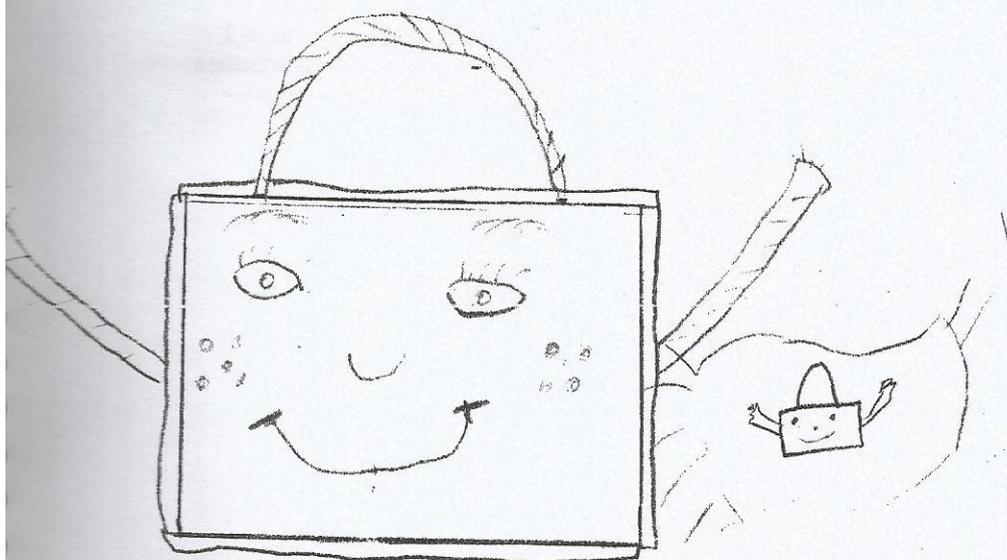
muito.

— Olá pessoal! Sou o pai da Fani.

— Eu e ela nos divertimos muito. Gostamos de viajar para
vários lugares. Por exemplo: Passo Fundo, Santa Maria e Porto
Alegre.

— Eu e ela vamos para todos esses lugares e para Fortaleza.
Fortaleza nossa terra natal.
Espero nos ver em breve.... até logo!

Luan Pinheiro Rios



MALA-HERÓI

Supermala, uma mala super-herói combatendo vários tipos de crime.

No domingo, ela estava olhando TV e ouviu a notícia de que uma loja estava sendo assaltada. Ela vestiu seu uniforme de super-herói e foi voando até a loja.

Chegando lá, subiu num prédio atrás da loja e pensou:

— Como vou descobrir quantos assaltantes armados e desarmados? Já sei! Vou usar minha visão especial!

Ela descobriu que tinha três armados e quatro desarmados.

A malinha disse:

— Moleza!

Ela entrou pela porta dos fundos, algemou todos eles rapidamente e voou para sua casa e disse:

— Como é bom salvar o mundo!

Matheus Guilherme da Silva Paes.

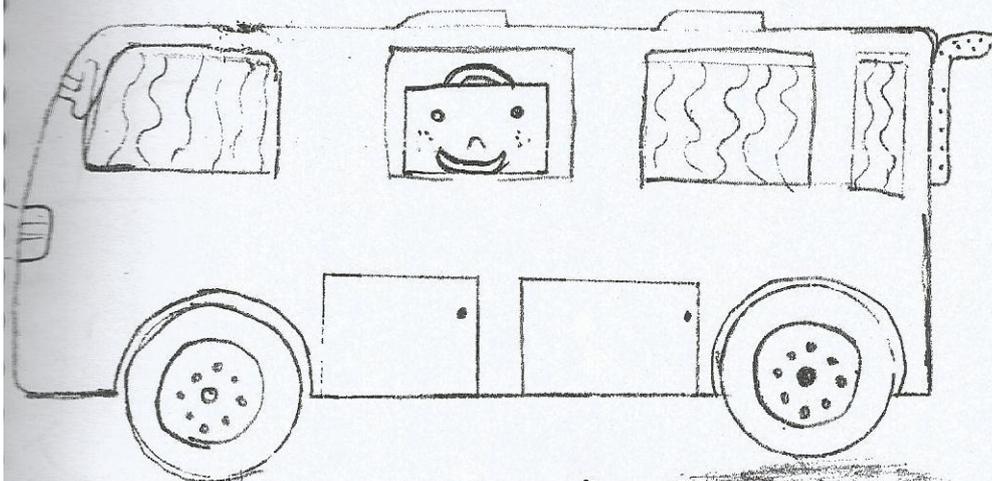
A MALA

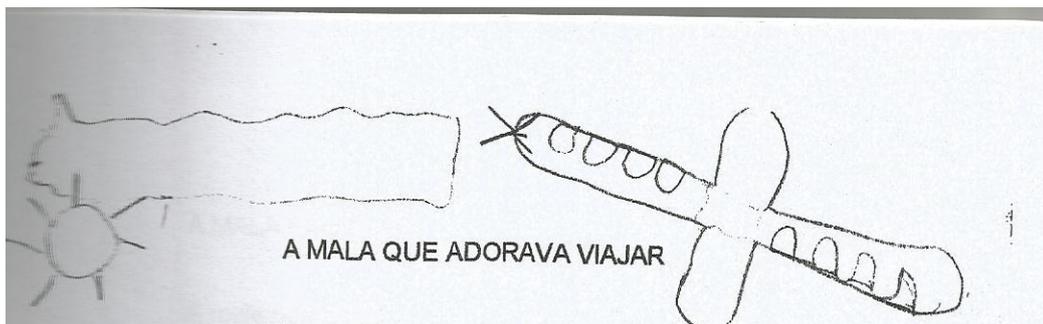
Era uma vez uma mala chamada Paula. Ela tinha um sonho: viajar para Porto Alegre.

Um dia, seu dono pensou em viajar. Pegou a mala e foi para a rodoviária. Pegou ônibus para Porto Alegre. A mala não sabia para onde ela estava indo. O ônibus parou e o seu dono a pegou e saiu.

A mala descobriu aonde estava sendo levada. O seu sonho se realizou. Ela ficou muito feliz e finalmente a mala foi para Porto Alegre.

Ezequiel Robaina Cruz





A MALA QUE ADORAVA VIAJAR

— Olá, amiguinhos! Eu sou a Rosinha. Vocês querem ouvir uma história?

Era uma vez uma mala que adorava viajar. Ela viajava para a Itália, França e outros países. A mala não parava nem aqui nem lá.

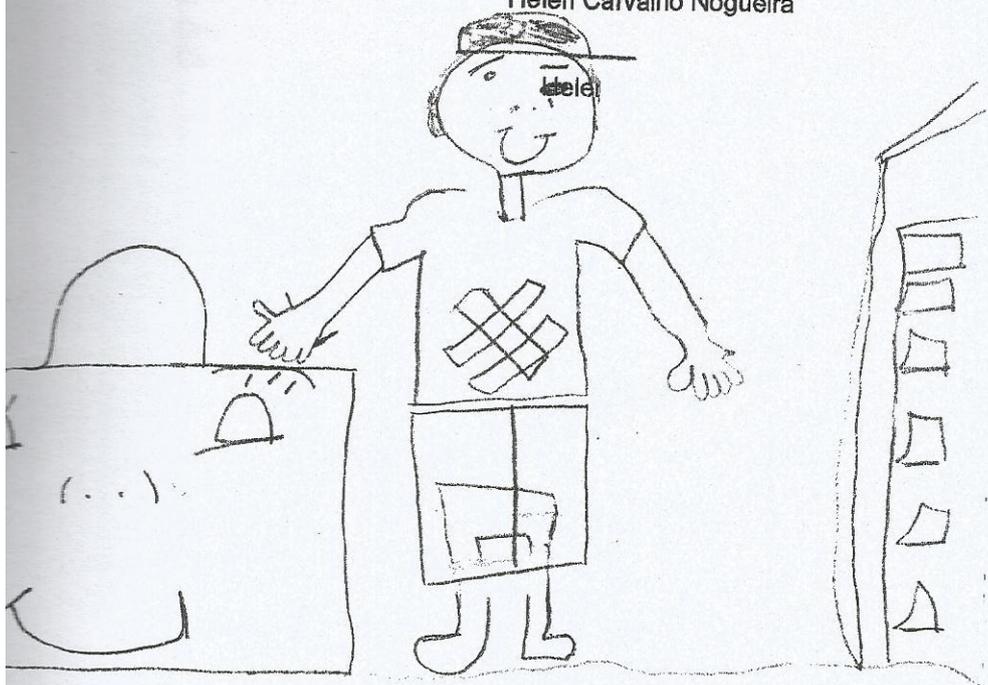
Ela adorava viajar. Ela queria ficar uma semana em cada país, mas o dono não parava nos países.

Ela queria conhecer a cidade de Porto Alegre, mas o dono não queria ir para Porto Alegre.

E ela acabou conhecendo Porto Alegre.

Ela voltou feliz para casa.

Helen Carvalho Nogueira



A MALA FALANTE

A mala perguntou:

— Mamãe onde vamos passar as férias?

A mãe respondeu:

— Vamos para a praia, filha.

— Onde fica essa praia?

— Fica em Capão da Canoa.

— Ai que bom! Passar todas as férias numa praia.

— O que você vai levar, filha?

Vou levar biquine, guarda-sol, protetor solar e um chinelo.

— E você mãe, o que vai levar?

— Vou levar chapéu, biquine, protetor, roupas, etc.

— Em que dia vamos, mãe?

— Vamos ir depois de amanhã.

— Oba! Vou arrumar minhas coisas.

— Eu também, filha.

Dois dias depois elas foram viajar e passaram toda as férias em Capão da Canoa.

Darciele

A MALA FELIZ

Era uma vez uma mala que adorava dar risada, ela era feliz. Um dia deu uma dor de barriga na coitada e ela foi ao médico que lhe falou que não se assustasse, pois não era nada grave. A mala ficou tão contente que saiu pulando de alegria e nisso deu outra dor forte, mas como o doutor disse que não era nada de mais, foi embora com a sua mãe.

Quando falou pra sua mãe, ela perguntou:

— Filha, tem certeza que não quer voltar ao médico?

— Sim, claro que não.

Chegando em casa arrependeu-se de não ter voltado porque vomitou muito. Sua mãe preocupada mandou que se deitasse. Ela obedeceu, dormiu e acordou no outro dia bem, então brincou e se divertiu muito.

Vitória Rodrigues Noroefe

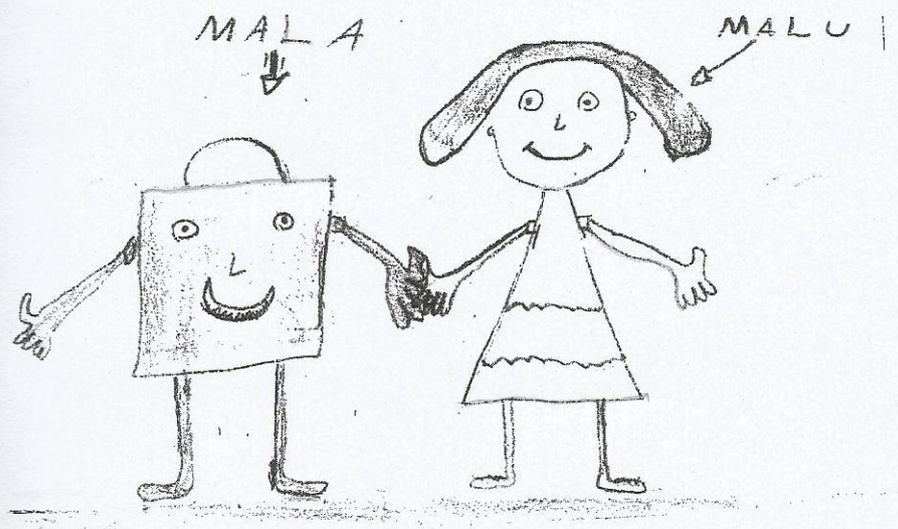
MALA VIAJANTE

Era uma vez uma mala que viajava muito. Ela ia para muitos lugares e a sua dona se chamava Malu.

Malu levava a mala junto com ela e elas se divertiam muito.

Malu comprava roupas e a mala adorava que colocassem as novas roupas nela. Ela fica muito feliz e faceira.

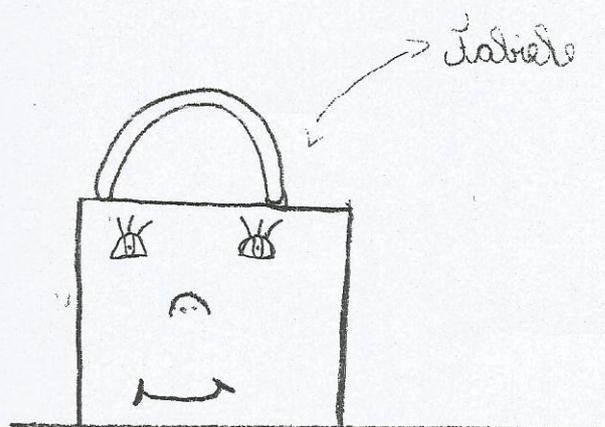
Matheus Pinto Jardim



A MALA FABIÉLE

A mala Fabiéle gostava muito de viajar e por isso eu ia levá-la para conhecer mais cidades. Minha mala ia para Porto Alegre e minha vizinha perguntou se dava para ela ir também.

Andrea Silvia Faria Leandro

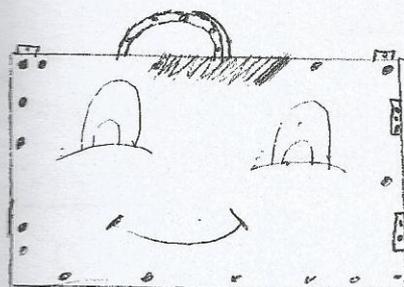


A MALA COLORIDA

Era uma vez uma mala jogada na rodoviária.
Um mês depois, passou um menino muito triste que morava numa fazenda muito grande e perto da rodoviária.
O menino se chamava Henrique. Ele viu a mala jogada e a levou para casa. Dois dias depois ele iria viajar e não sabia onde levar suas roupas, aí pensou: vou levar na mala que eu achei.

Coloquei o nome da mala: de Colorida!

Anderson Madri de Martins



A MALA MÁGICA

— Oi! Eu sou a mala mágica, meu nome é Paula.
Eu sou mágica, porque um dia, eu era uma simples mala de bagagem, mas no aeroporto um mágico largou um feitiço com sua varinha e eu comecei a falar, a pensar e a ouvir.

Meu dono se assustou quando eu falei:

— Ah é? Eu me esqueci, eu faço mágica também.

Meu dono e legai, o nome dele é Vítor.

Eu e ele nos divertimos muito até o dia em que eu fiquei velha e não podia mais brincar. Então, meu dono, deu-me uma idéia:

— Você é mágica! Faça uma magia para ficar nova!

E, aí, ela ficou nova e muito alegre. Eles vivem brincando

muito alegres e fazendo mágicas.

Vitor Waiax

ANÚNCIO!!!

agora *um* *police* *da* *Mala* *Pinata!*

A Mala Pinata

Ela já enfrentou os
maiores perigos do mar.
Submarinos, de todos os tipos.

Em breve em maiores perigos.

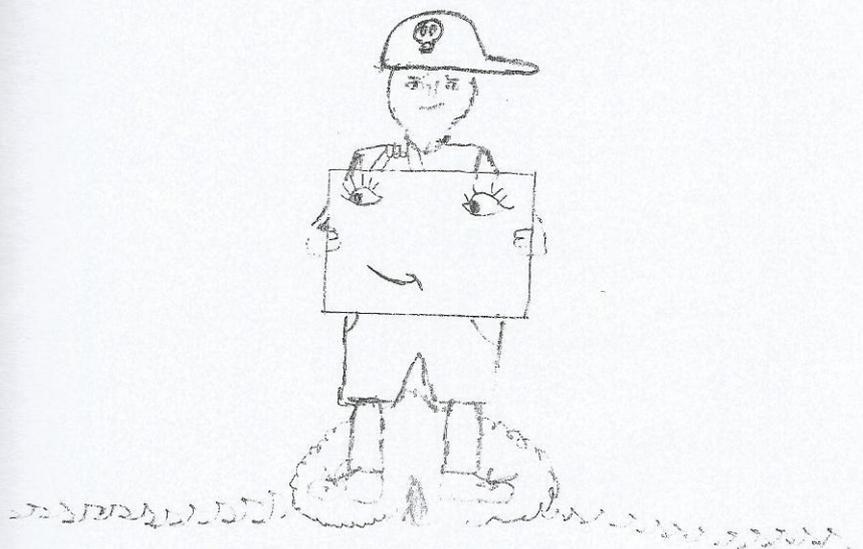
MALA AMADA

Confesso que não quero a mala.
Se eu quisesse a mala
la,pois, amá-la.
Mas como amá-la não posso,
Vejo a mala,
Mas ao vê-la,
Também não cabe viver sem ela.

Procuro alguém, não sei quem.
Sem a mala não sou ninguém.
Nem a mala, sendo a mala,
Eu sei que vou amá-la.

Confesso que não quero a mala,
Mas sei que sem a mala
Não sei viver sem amá-la.

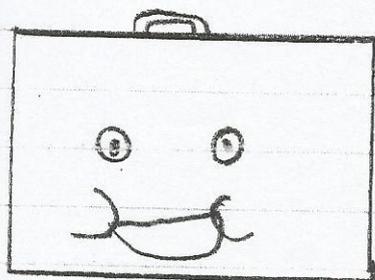
Victor Nunes de Carvalho



 A MALA LALA

Era uma vez uma mala chamada Lala.
Lala era uma mala triste,
Porque ninguém gostava dela.
Mas aí, ela encontrou um garotinho
Que a adotou como dona.
E ela trocou a vida triste e insegura, para uma vida feliz.

Lucas da Silva da Costa



ANEXO D

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL DR. PERY DA CUNHA GONÇALVES

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo o uso de imagens, áudios e textos dos aluno(a) (nome completo) _____ documento de identificação nº (Carteira de Identidade ou Certidão de Nascimento) _____ na divulgação e publicação do Projeto de Letramento Mala Encantada sob a responsabilidade da Professora Ana Rita Fagundes Léo.

São Gabriel, ___ de dezembro de 2014.

Assinatura do Responsável

PRODUTO PEDAGÓGICO

GOVERNO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS BAGÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE LÍNGUAS



Mala Encantada

Ana Rita Fagundes Léo

Supervisora:
Prof^a. Dr^a. Valesca Brasil Irala

Mala Encantada

Ana Rita Fagundes Léo

ANA RITA FAGUNDES LÉO – Formação em Letras pela Universidade da Região da Campanha (URCAMP) em São Gabriel, Pós-Graduação em Língua Portuguesa e Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC) e mestranda do Curso Profissional em Ensino de Línguas da Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé.
anarita_leo@yahoo.com

VALESCA BRASIL IRALA – Mestre e Doutora em Letras, com área de concentração em Linguística Aplicada pela Universidade Católica de Pelotas. Fez Pós-doutorado na Universidad de la República, em Montevideo, no Uruguai. É professora da área de Estágios Supervisionados e Linguística Aplicada na Universidade Federal do Pampa (Unipampa), em Bagé.
valesca.irala@unipampa.edu.br

VINICIUS CAPIOTTI – Ilustrador e artista gráfico freelancer, com experiência no mercado editorial e publicitário.
viniuscapiotti@gmail.com
viniuscapiotti.com

Supervisão:
Prof^a. Dr^a. Valesca Brasil Irala

Ilustrações e diagramação:
Vinicius Capiotti

Ficha Catalográfica:

Léo, Ana Rita Fagundes
Mala encantada: Oficinas com atividades autoinstrucionais para a escrita criativa/Autoria de Ana Rita Fagundes Léo; Supervisão de Valesca Brasil Irala; Ilustrações de Vinicius Capiotti, 2015.
I. 1. Linguística Aplicada 2. Linguagem e línguas – Estudo e ensino 3. Leitura – Escrita 4. Língua Portuguesa (Ensino Fundamental).

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
CAPÍTULO I O SÓTÃO	9
CAPÍTULO II AS LEMBRANÇAS	11
CAPÍTULO III A SURPRESA	12
CAPÍTULO IV. O DIA “D”	15
CAPÍTULO V O LANÇAMENTO	19
CAPÍTULO VI A DEVOLUÇÃO	21
CAPÍTULO VII A LIBERTAÇÃO	23
APRESENTAÇÃO DA ATIVIDADES	24
1. DESENHE A MALA ENCANTADA DA SUA IMAGINAÇÃO	25
2. LISTE TODOS OS PERTENCES QUE VOCÊ NECESSITA LEVAR NA BAGAGEM	26
3. ESCREVA-O(A)	27
4. ESCREVA, EM POUCAS PALAVRAS, ALGO SOBRE O PORQUÊ DA SUA ESCOLHA	28
5. ESCREVA-O(A)	29
6. ESCREVA, EM POUCAS PALAVRAS, ALGO SOBRE O PORQUÊ DA SUA ESCOLHA.	30
7. LISTE DEZ PALAVRAS RELACIONADAS À MALA	31

8. CONSTRUA UM PEQUENO TEXTO CONTANDO UMA HISTÓRIA. UTILIZE AS DEZ PALAVRAS LISTADAS	32
9. ESCREVA PALAVRAS OU EXPRESSÕES QUE REPRESENTEM AS PALAVRAS LISTADAS	33
10. DADO O TÍTULO E FRAGMENTOS DO TEXTO, VOCÊ DEVERÁ CONTINUAR A HISTÓRIA UTILIZANDO OS NÚMEROS DADOS, CORRESPONDENTES ÀS PALAVRAS ESCOLHIDAS DA ATIVIDADE ANTERIOR	34
11. COMPLETE AS FRASES RAPIDAMENTE	36
12. EXPERIMENTE ILUSTRAR A PALAVRA “MALA” DE ACORDO COM AS SENSACIONES ESCOLHIDAS POR VOCÊ	37
13. VOCÊ, CRIARÁ UMA PEQUENA SITUAÇÃO DE DIÁLOGO COM A MALA ENCANTADA	38
14. ACRÓSTICO	39
15. ESCREVA UM PEQUENO TEXTO UTILIZANDO TODAS AS PALAVRAS DO ACRÓSTICO	40
16. CONSTRUA SEU ACRÓSTICO	41
17. SOLTE A IMAGINAÇÃO... PEGUE O LÁPIS OU CANETA E COMECE	42
18. DESCREVA AS SENSACIONES QUE SENTIU AO ESTAR NO SÓTÃO	43
19. ESCREVA UMA PEQUENA HISTÓRIA DE ACORDO COM A IMAGEM ESCOLHIDA	45
20. SUGESTÕES	46
21. AUTOAVALIAÇÃO	47

APRESENTAÇÃO

A história da “Mala Encantada” vai levá-lo a um mergulho no mundo imaginário, o qual irá auxiliá-lo a realizar atividades autoinstrucionais com oficinas temáticas de leitura e escrita criativa.

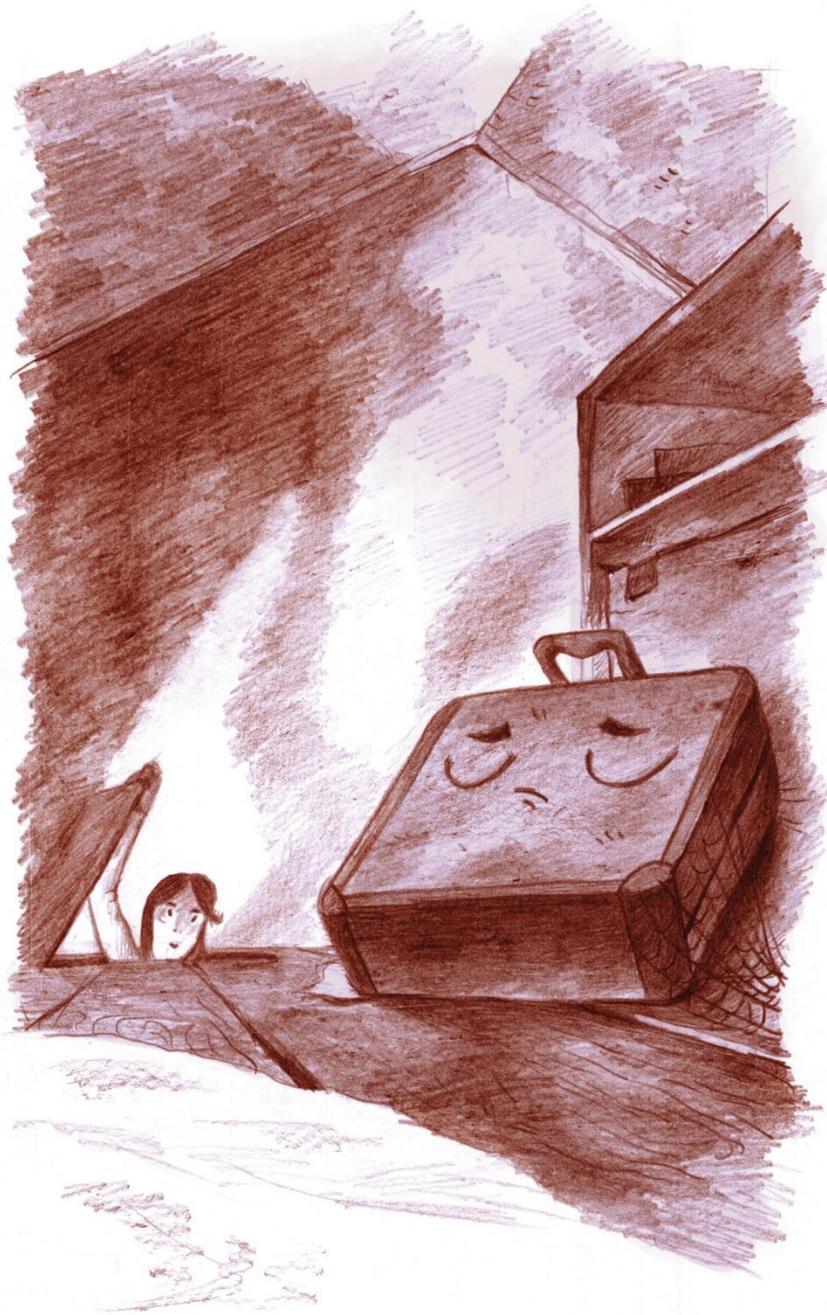
Você deve estar se perguntando o que são atividades autoinstrucionais, pois se trata de exercícios que você pode realizar sozinho, sem a presença do professor ou de outras pessoas. Porém, se necessário, deve solicitar auxílio. O importante é que você exercite o pensamento, a imaginação, a criatividade e a escrita.

Esse livro com caderno de atividades, além de ajudá-lo a escrever textos melhores, vai ampliar o seu domínio da leitura e da escrita, apresentando oficinas temáticas com uma sequência de atividades práticas e fáceis de serem executadas.

Ele só terá sentido se, em seu percurso, você perder o medo de escrever, soltar sua imaginação e (re)descobrir seu talento, sua capacidade de escrever e criar e ter a possibilidade de ir além do que está proposto aqui. Esse é o desafio!

Quero convidá-lo a participar desse mundo maravilhoso da leitura e da escrita e levá-lo a descobrir a magia que a palavra exerce sobre você.

Pronto para o desafio? Vamos começar a viagem? A sua mala está vazia a espera da bagagem.



Mala Encantada

CAPÍTULO I

O sótão

Era uma vez uma casa amarela muito grande com sobrado. Ela era afastada do centro da cidade de Revolândia e lá havia atirada num cantinho do sótão escuro e encortinado por teias de aranha, uma pequena e antiga mala solitária, empoeirada e surrada pelo tempo. Enclausurada e triste pensava: “O que será de mim?” A esperança de um dia alguém lhe resgatar daquele lugar horrível foi-se escada abaixo.

Entre um pensamento e outro a pobre malinha chorava. “Tanto servi a essa família que hoje me despreza, tantas alegrias e vivências compartilhamos, as viagens maravilhosas que fizemos por esse mundo a fora e também as que fazíamos por motivos tristes para acompanhar alguns funerais de amigos e familiares.” Esses pensamentos atormentavam-na e a tristeza a cada dia aumentava... aumentava.

Ela tinha ciência de sua vasta bagagem: muitas experiências vividas, sabedoria, cultura e por fim, lembranças esquecidas da família: “Antes só alegria; hoje só sofrimento. Isso fora um tsunami na minha vida!” e adormeceu cansada de tantos pensamentos ruins.

Um facho de luz invadiu o sótão por uma fresta quebrada da veneziana que a despertou. Então ouviu o gorjeio dos pássaros anunciando o amanhecer e pensou: “A quanto tempo não prestava a atenção nesses detalhes, até então insignificantes.”

E ficou intrigada com a vertiginosa mudança em seu comportamento. Seriam bons presságios? Veremos...

Nisso... como por encanto, ouve-se um estrondo seco, quando algo pesado é jogado no chão de madeira rompendo o silêncio e a poeira levantou e espalhou-se deixando sua visão confusa. Assustada

levou um tempo para perceber o que estava acontecendo. A dona Virgínia filha de seu Amaral, antigo dono da mala, atirou a tampa do alçapão para entrar no sótão. Agachada, resmungava, tossia e se abanava para afastar a poeira e as teias de aranha que se enredavam em seu corpo causando-lhe mal-estar.

Ao avistar a mala, surpreendida, gritou:

- Achei! Achei!

- Espero que seja essa que ela procura! - Exclamou aliviada e sorridente.

Deu uma rápida sacudida na mala a fim de retirar um pouco do pó que a envolvia. Como a mala não estava lacrada, caíram alguns trecos e ela juntou-os rapidamente, sem se deter do que se tratava.

No mesmo instante, a mala ficou aturdida com a situação e desesperada sem saber de seu destino, pensou: “o que será de mim agora?”

Tremendo de medo por não saber o seu destino, a mala desmaiou devido à comoção e só voltou a si quando sentiu o calor de uma mão abraçar a sua alça. Então, ainda tonta, indagou-se: “para onde estão me levando?”

Era o momento pelo qual tantos e tantos anos esperava, afinal todo esse tempo de devoção não poderia ficar em vão.

Depois de limpa, sentiu-se aliviada, mas ao mesmo tempo preocupada... Temerosa. Naquele instante pensou que, até então, estava jogada e esquecida, fora de moda, desatualizada, por essas e outras razões, as quais desconhece... E seguia se perguntando... “Por que só agora, após tantos anos? O que querem de mim? O que vão fazer comigo? Será o meu fim? Mas no abandono e na tristeza que eu estava vivendo, tenho que me preparar para o que der e vier...”

A Mala foi acalmando-se aos poucos e deixou seu futuro nas mãos do destino. Ela sempre acreditou na força do destino. Para ela, o curso do destino é mais forte do que a vontade, pois o que é pra você está escrito e ponto.

E, você leitor, o que está imaginando que vai acontecer com essa malinha tão sofrida? Será que ela vai ter uma vida feliz? Ou vai ser jogada fora?

CAPÍTULO II

As lembranças

A dona Virgínia ao abrir a mala, remexendo em seu conteúdo, surpreendeu-se e agitou-se. Parecia não acreditar no que estava encontrando... Era uma bagagem valiosa e inesperada, parte da história de sua família; cartas de seu pai para sua mãe, carnês de pagamentos e, o mais surpreendente, onze caixinhas, embaladas cuidadosamente. Ao abri-las, sacudiu levemente a cabeça e esboçou um sorriso. Havia em cada uma delas, um umbiguinho seco, de cor esverdeada e embaixo a identificação com o nome de cada filho. Já com os olhos úmidos pela emoção que a descoberta lhe causara, tratou de achar o seu. Nesse momento, uma lágrima escorregou e rolou pela face levando junto as lembranças.

A Mala pensou: “Meu Deus, é a filha de seu Amaral! Como poderia reconhecê-la após tantos anos? A última vez que a vi era menina... O tempo passa muito depressa... muito...”

Por isso as famílias têm por hábito guardarem em malas, gavetas, caixas, etc., fragmentos de momentos importantes de suas histórias para lembrarem no futuro, Você leitor já revirou gavetas e objetos que possam ter informações para constituição de sua história desde o nascimento? E antes de nascer? Essa investigação é importante para que você se descubra, é a sua história, a sua identidade. Quem sabe, seguir a intuição do poeta Mário Quintana em seus versos:

*Dona Cômoda tem três gavetas,
E um ar confortável de senhora rica.
Nas gavetas guarda coisas de outros tempos, só para si.
Sempre foi assim, dona Cômoda: gorda, fechada e egoísta*

Revire as gavetas, elas são lotadas de histórias e segredos por isso as cômodas são gordas.

Depois desse acontecimento, a vida da mala deu uma reviravolta. Foi como se o mundo se abrisse dando-lhe passagem para o desconhecido. Essa nova situação a assustou, não conseguia imaginar o que viria dali para frente, era como se jogar de um penhasco no escuro. Mas bem que gostou... Ela pensou: “Pior do que estava não vai ficar... Assim espero.” Suspirou profundamente, sentindo-se vazia por dentro.

Não deu outra! No dia seguinte foi recauchutada, não tanto, porque o interessante era deixá-la do jeitinho que era.

Dona Virgínia a levou para sua irmã Rosa e esta para a escola Dr. Pery junto com outras malas maiores.

Ao chegar lá, foi muito festejada por uma professora que estava ansiosa a sua espera, pois, segundo ela, a implantação de seu projeto de leitura e escrita, no 5º ano do ensino fundamental estava dependendo dessa mala tão idealizada por ela.

Ainda eufórica exclamou:

- Ela é bem como imaginei!!! Obrigada, colega Rosa. Ela será muito útil e pode contar que, ao final do ano letivo, a mala voltará às tuas mãos.

CAPÍTULO III

A surpresa

A mala ficou atônita com o seu novo destino: uma sala de aula!!!

Ela se perguntou apavorada: “Que farei numa sala de aula? Não dá para entender! Mas, a essa altura, topo qualquer coisa que vier! O importante é que saí daquele lugar horrível, solitária e esquecida. Fora como se renascesse.”

No dia seguinte...

Sobressaltou-se com uma zoeira, já estava acostumada à solidão



do sótão, ficou zozona com o barulho e com as crianças agitadas entrando na sala de aula. Para ela era uma experiência inédita. “Que loucura!”; pensou. Até, por um instante, pensou que aquela clausura era mais tranquila...

Com o passar do tempo, ela foi se acostumando com o novo ambiente e se adaptando aos poucos. Não foi muito fácil, como toda a mudança, nos desacomoda, mas não podemos ter medo de mudar, de ousar. As decisões em nossas vidas ajudam o destino a nosso favor, ou não. Pense nisso...

Após uma semana, já sentia falta do barulho, da alegria, da gurizada. Ela observou que, numa sala de aula, existe diversidade e com a diversidade existe troca e com a troca existe crescimento e com o crescimento existe conhecimento e com o conhecimento existe transformação. Ela estava aprendendo...

Até então, não sabia claramente da sua missão, mesmo assim, imaginou que era importante e inspiradora. Orgulhosa pensou: “Acertei na mosca!”

A professora então, lançou o seu projeto de letramento Mala Encantada, envolvendo leitura, produção textual e oralidade e a Mala ficou curiosa para saber que papel teria nessa história malucosa, mas ao mesmo tempo, sentiu-se importante. Sua vida realmente tinha mudado.

Ao descobrir que seria a personagem principal do projeto, emocionou-se e pensou: “Vejam que chique!!! Um verdadeiro milagre! Foi a mão sábia do destino, só pode. Tudo que lhe acontecia, ela dizia que o responsável era o destino.

Como personagem, a Mala seria tema do projeto e guardadora das produções dos alunos.

Ela percebeu a importância da sua função nesse processo, sentiu-se valorizada e ficou curiosa para saber o que iria acontecer nessa aventura da imaginação.

Pronta para enfrentar o tal desafio...

CAPÍTULO IV

O dia “D”

“Chegou o dia “D”! A minha nova casa está linda... Toda arrumada, bem colorida e tem até comes e bebes para convidar os visitantes importantes. Entre eles está a Diretora da escola, a Supervisora, o Vice-Diretor, o presidente do Conselho Escolar, funcionários da escola e alguns pais de alunos, até o guarda escolar veio...” Depois, ela soube que ele também era escritor. Jornalistas, comunicadores radiofônicos e escritores prestigiavam o evento de lançamento do projeto de letramento. E ela envaidecida pensava: “Como estou importante, o meu nome: Mala Encantada.”

A Mala espantada pensou: “Não sei bem... O que é isso projeto de letramento?” E com tudo aquilo acontecendo à sua volta e ao mesmo tempo, começou dar um piripaque nela, sua visão ficou turva e suas forças foram sucumbindo... Perdeu a consciência por um breve instante. Era muita emoção para um coração cansado e sofrido.

De súbito, retomou a consciência e ficara um tempo atordoada sem saber o que estava fazendo ali. Fora restabelecendo-se... a contagotas.

Recuperada do mal súbito, percebeu que as crianças com as classes em círculo, liam para os presentes suas histórias encantadas com a Mala, protagonista das narrativas.

Feliz com o que assistia, exclamou: “Meu Deus, nunca pensei em viver momentos tão divinos em minha vida de mala, acho até que estou sonhando!”. Beliscava-se para sentir-se viva.

A cada história lida, era uma emoção diferente, era como se ela estivesse vivido nelas. Após a leitura, as crianças colocavam os seus textos dentro da Mala para que ali ficassem bem guardados.

Nesse ato tão significativo para ela, suspirou profundamente,

como se fosse para esvaziar tudo aquilo que nela havia carregado. Então, pensou eufórica: “Vida nova, bagagem nova. Renovação total.”

Sentia que era uma bagagem bem diferente das que já havia carregado; essa, deixava-a leve, cheia de alegria e esperança.

O evento terminou, todos foram embora felizes, comentando o evento de letramento. A noite caiu... E o seu sono não chegava, estava agitada demais, mas aguardou-o com paciência, pois estava a pensar em tudo que acontecera de maravilhoso naquela sala de aula. Nisso, parou de repente e ficou com olhos esbugalhados, olhando para o nada e pensou rápido: “Agora, estou me dando conta de que essa é a bagagem mais valiosa que já tive. É o verdadeiro tesouro da humanidade: as letras que formam palavras e estas que formam frases que formam períodos, que formam textos. Tenho ciência dessa valiosa bagagem cultural.”

Embora não tenha a capacidade de escrever, tem outras como, a de absorver sua bagagem e de pensar. Sendo assim, adquiriu sabedoria e conhecimento ao longo dos anos em que serviu ao seu Amaral e a sua família nas viagens. Nunca foram para o exterior, pois suas viagens foram sempre interurbanas.

Passaram-se meses... Nesse período, a Mala participou de diversas atividades das oficinas de leitura, contação de histórias e produção textual. E ela pensava entusiasmada: “Como estou aprendendo com a turma. Os alunos me abastecem e me enriquecem com seus textos encantados e, assim, vou assimilando os conhecimentos.” A Mala queria, mais do que nunca, recuperar todo o tempo perdido naquele sótão: “só de lembrar fico enrijecida.”

A movimentação dos alunos na sala deixava-a maravilhada. A professora ficava às vezes estonteada com tanta agitação, mas produziam muito e eram entusiasmados com o que faziam e aprendiam. A professora adorava seus aluninhos, era dedicada e exigente. Ela repetia sempre que precisava lembrá-los:

- Leiam. Leiam muito, aproveitem bons livros que estão ao alcance de vocês na sala de aula e na biblioteca da escola. A leitura liberta, abre os horizontes, traz conhecimentos e permite que viajem sem sair do lugar. É tudo de bom!

E continuava seu discurso entusiasmada:

- Com cultura e sabedoria as portas vão se abrir com mais facilidade pra vocês. Aprendam isso enquanto sou viva!

Essa ladainha, eles já até decoraram, quando a professora começava a frase eles terminavam, assim como os jograis. A professora enfatizava sempre a importância da leitura para a vida, para resolver os problemas do dia a dia, etcetera e tal...

A Mala prestava bastante atenção em tudo que a professora ensinava. Ela apreciava inclusive as ladainhas...



CAPÍTULO V

O lançamento

Certo dia, a Mala amanheceu triste, sentia-se com se estivesse atada, apertada, tinha dificuldade em respirar. Era pura angústia, coitadinha: “Como gostaria de escrever, de contar minhas histórias e poder compartilhá-las com meus amiguinhos. Sei que não posso, sei que não possuo essa habilidade, mas às vezes me dá uma vontade incontrolável. Que fazer?” Pensou, pensou... E chegou à conclusão que já era uma privilegiada em estar ali: “Pra que mais? Já tenho tanto. Quantas malas gostariam de estar no meu lugar.” E foi se acalmando... Mas aquela vontade parecia ser mais forte do que ela.

Alguns dias se passaram e sua bagagem foi aumentando consideravelmente e a Mala contente com tantas histórias encantadas, cada uma mais interessante que a outra, e tinham um ponto em comum: ela, a Mala Encantada! Isso a fascinava, fazia sentir-se nas nuvens.

A professora chamava os alunos um a um e os ajudava na construção dos textos, ensinava-os a pensar e a estruturá-los, depois eles liam para a turma e era uma festa na aula.

A Mala adorava as contações de histórias. Ficava embevecida, vibrava, chorava, ria, as emoções ficavam à flor da pele.

O dia mais emocionante para a Mala foi quando, ao encerramento do projeto, a professora com seus alunos montaram um livro com as produções que ela guardava.

A Mala explodindo de emoção disponibilizou a sua bagagem. Era bonito de ver, todos participaram dessa construção, como se a professora fosse o mestre de obras, os tijolos os textos e os alunos os construtores da obra e a Mala a inspiração da obra.

“Tudo pronto.” Pensou a Mala... “Agora é só editar e expor para

a comunidade escolar que acompanhou todo o processo do projeto.”

O lançamento do livro foi um verdadeiro sucesso, estiveram presentes escritores renomados do Município, o que valorizou o evento. As crianças, juntamente com os pais presentes tiveram um papel fundamental na apresentação do projeto e do seu resultado: O livro Mala Encantada, Pé na Estrada. A Mala, com um sorriso de alça a alça, comentou pra si: “Foi um dia de conto de fadas, mágico!”

E satisfeita, sorriu: “Agora já sei o que é esse tal de letramento, é aprender a ler e a escrever com eficiência e saber direitinho o significado da leitura. Não é fácil, eu acompanhei e sei que é um processo lento, mas com dedicação e entusiasmo ele acontece!”

CAPÍTULO VI

A devolução

Dias depois... Encerrou o ano letivo. A professora começou a faxina nos armários da sala de aula. Retorna o que será utilizado no ano seguinte e descarta o que será desnecessário... E nessa faxina... A mala foi pro brejo!!! Ou pro sótão???

Ao acordar pela manhã, sentiu falta da algazarra das crianças e assustada pensou: “Não estou gostando desse silêncio, alguma coisa está para acontecer, minha intuição não falha! Meu Deus!” Se desesperou, pois sabia que o pior poderia acontecer... Ser devolvida para Dona Virgínia!

Ela não conseguia pensar com clareza: “Isso seria uma desconsideração”. Depois de tanto contribuir, inspirei crianças, fui peça importante, protagonista dos textos, virei personagem de livro e agora descartada novamente? Será mais uma traição do destino? Não... Não quero acreditar nisso!

Infelizmente, ela tinha acertado. Conforme o combinado com a colega, a professora, ao final do projeto, devolveria a mala. E foi o que aconteceu.

A Mala ao se dar conta do que estava por vir, desesperou-se, apavorada gritava para si: “Não, não pode estar acontecendo comigo, voltar para aquele sótão!!! Nem pensar, prefiro a morte!!! Socorro... Socorro...” O pânico era tanto que a coitadinha pensava: a sorte me abandonou, isso não é justo!!!

As lágrimas rolavam por aquela tampa de papelão enrugada e desbotada pelo tempo, encharcando-a de tristeza e mágoa. Era muito sofrimento...

A Mala nervosa desmaiou por longo tempo. Foi providencial. Por quê? Aguardem e leiam o próximo capítulo...



CAPÍTULO VII

A libertação

Pasme-se, leitor, a Malinha voltou para aquele sótão empoeirado e sujo, inconformada, só chorava... Chorava de desgosto. Chorou tanto que as lágrimas secaram e a tampa da mala com a umidade das lágrimas apodreceu e ela ficou feia, muito feia, estava se terminando, morrendo de tristeza. Esgotada, pensou: “Eu tenho que achar uma saída.” E veio um clarão em sua mente, até então, escura pelo desgosto: “Tudo que aprendi naquela sala aula, agora me servirá de lição para tentar levar a vida mais “leve e solta”... Como não lembrei que poderia usar dessa artimanha?”

A Mala começou a exercitar a imaginação através de seu pensamento e descobriu seu talento de ter uma imaginação fértil e criativa: “Aprendi que o pensamento tem poder e me transformei numa Mala Encantada, cheia de segredos, de vontades e de um mundo a ser explorado.”

A partir dessa descoberta, a Mala fez sua história através do pensamento, conheceu seu grande amor e foram felizes para sempre... E a sua imaginação a levava para qualquer lugar aonde queira ir.

Ela aprendeu que o corpo pode estar aprisionado, mas a mente não, podendo, através do pensamento, sonhar e realizar seus sonhos.

Experimente exercitar a imaginação. Porém, com a leitura tanto ela como você, leitor, terão mais possibilidades, não só de sonhar, mas de ser feliz.

A mala teve muito aprendizado. Um deles foi quando descobriu e reconheceu que enquanto não se libertasse dos seus medos, não se libertaria de sua cadeia...

Então, a partir dessa constatação, com o tempo ela foi exercitando a sua mente que elevou seu pensamento e sua imaginação e a fez concluir que, como Hamlet em Shakespeare, mesmo vivendo reclusa num sótão pode se considerar rainha do espaço infinito...



Agora, você me conhece o suficiente, dispense apresentações. Tenho uma proposta simples para exercitar a imaginação e a escrita é só seguir a sequência, sem pular as atividades. Você fará parte desse livro.

Quando interagir comigo, eu o conhecerei melhor e, assim, nos ajudaremos mutuamente e desbravaremos o universo encantado e criativo da linguagem escrita, da magia das palavras que nos leva a sonhar. Não é uma boa ideia?

Se você concordar, é imprescindível seguir as regras desse desafio:

- 1º Conheça minha história.
- 2º Não pule as atividades. Siga a sequência.
- 3º Tenha força de vontade. Não desista fácil!
- 4º Leia e trabalhe nesse livro, só quando tiver vontade e tempo.
- 5º Concentre-se.
- 6º Viva cada momento.
- 7º Vibre a cada atividade.
- 8º Liberte-se e seja verdadeiro.
- 9º Comemore quando superar seu medo de escrever.
- 10º Embarque nessa aventura!

... E boa viagem!

Procure realizar poucas atividades por dia para que sejam bem trabalhadas, pensadas e repensadas e, se necessário, refeitas. As atividades propostas neste livro tentarão fazer um aprendizado especial e criativo. Ao final desta caminhada você perceberá o resultado e fará sua autoavaliação e dirá se venceu ou não.

P.S.: Não se esqueça do dicionário e do material escolar (lápiz grafite e lápis de cor, canetas, borracha, apontador, etc.). Eles serão essenciais para a realização das tarefas!



Aperte o cinto e vamos à primeira atividade... Está preparado?

Gostaria de ser retratada pela sua imaginação. Como eu seria? Estou curiosa!

1. Desenhe a Mala Encantada da sua imaginação:

A large, empty, rounded rectangular box with a thin brown border, intended for drawing the 'enchanted suitcase'.



Agora, pegue uma caneta, ou lápis, de sua preferência. Imagine você arrumando sua mala para viajar.

2. Liste todos os pertences que você necessita levar na bagagem, procure não se esquecer de nada.



A mala está pronta. Não, não feche! Pense em alguma coisa ou sentimento que você gostaria que fizesse parte dessa bagagem...

3. Escreva-o(a):

A large, empty rounded rectangle with a thin brown border, intended for the student to write their response.



Se você o escolheu entre tantos(as) que vieram a sua cabeça, é porque ele(a) tem um significado importante para você.

4. Escreva, em poucas palavras, algo sobre o porquê da sua escolha. Seja conciso.



Vamos inverter a atividade... Pense em alguma coisa ou sentimento que você **não** gostaria de levar nessa bagagem...

5. Escreva-o(a) :

A large, empty rectangular box with rounded corners and a thin brown border, intended for writing the answer to question 5.



6. Escreva, em poucas palavras, algo sobre o porquê da sua escolha. Seja conciso.

A large, empty rectangular box with rounded corners and a thin brown border, intended for the student to write their response.



7. Liste dez palavras relacionadas à mala, contando com as já citadas:

1. Bagagem
2. Hotel
- 3.
- 4.
- 5.
- 6.
- 7.
- 8.
- 9.
- 10.



Concentre-se... A proposta é...

8. Construir um pequeno texto contando uma história. Utilize as dez palavras listadas. Tem que haver sentido e coerência.

A large, empty rectangular box with rounded corners and a thin brown border, intended for writing a short story.



9. Escreva palavras ou expressões que representem as palavras listadas. Seja rápido(a), escreva a primeira que lhe vier à cabeça:

Fonte: Bonifás&onze – 120 défis pour écrire 50 vie (autobiographie, blog, journal) Paris: Mango, 2008, 190 pp; p. 11,12,13 (adaptado).

1. Palavra triste: **saudades**
2. Palavra que você adora: **viagem**
3. Palavra doce: **bala de coco**
4. Palavra cheirosa:
5. Palavra feia:
6. Palavra bonita:
7. Palavra esportiva:
8. Palavra brava:
9. Palavra comprida:
10. Palavra fiel:
11. Palavra dessa manhã:
12. Palavra que você não suporta ouvir:
13. Palavra proibida para si:
14. Palavra repetida, repetida e repetida:
15. Palavra que magoa:
16. Palavra desajeitada:
17. Palavra dita sem pensar:
18. Palavra muito educada:
19. Palavra que dá medo:
20. Palavra de conforto:
21. Palavra que queima:
22. Palavra que anima:
23. Palavra de fé:
24. Palavra estranha:
25. Palavra de hoje:
26. Palavra do futuro:

Para passar para essa atividade, você, terá que ter concluído totalmente a atividade anterior.



10. Dado o título e fragmentos do texto, você deverá continuar a história utilizando os números dados, correspondentes às palavras escolhidas da atividade anterior. Importante: você terá que utilizar outras palavras para dar sentido à história.

Aventuras da Mala

Intrigas e rumores

5, 8, 12, 13, 14, 15, 21

Eu te peço segredo, não conta pra ninguém, mas.

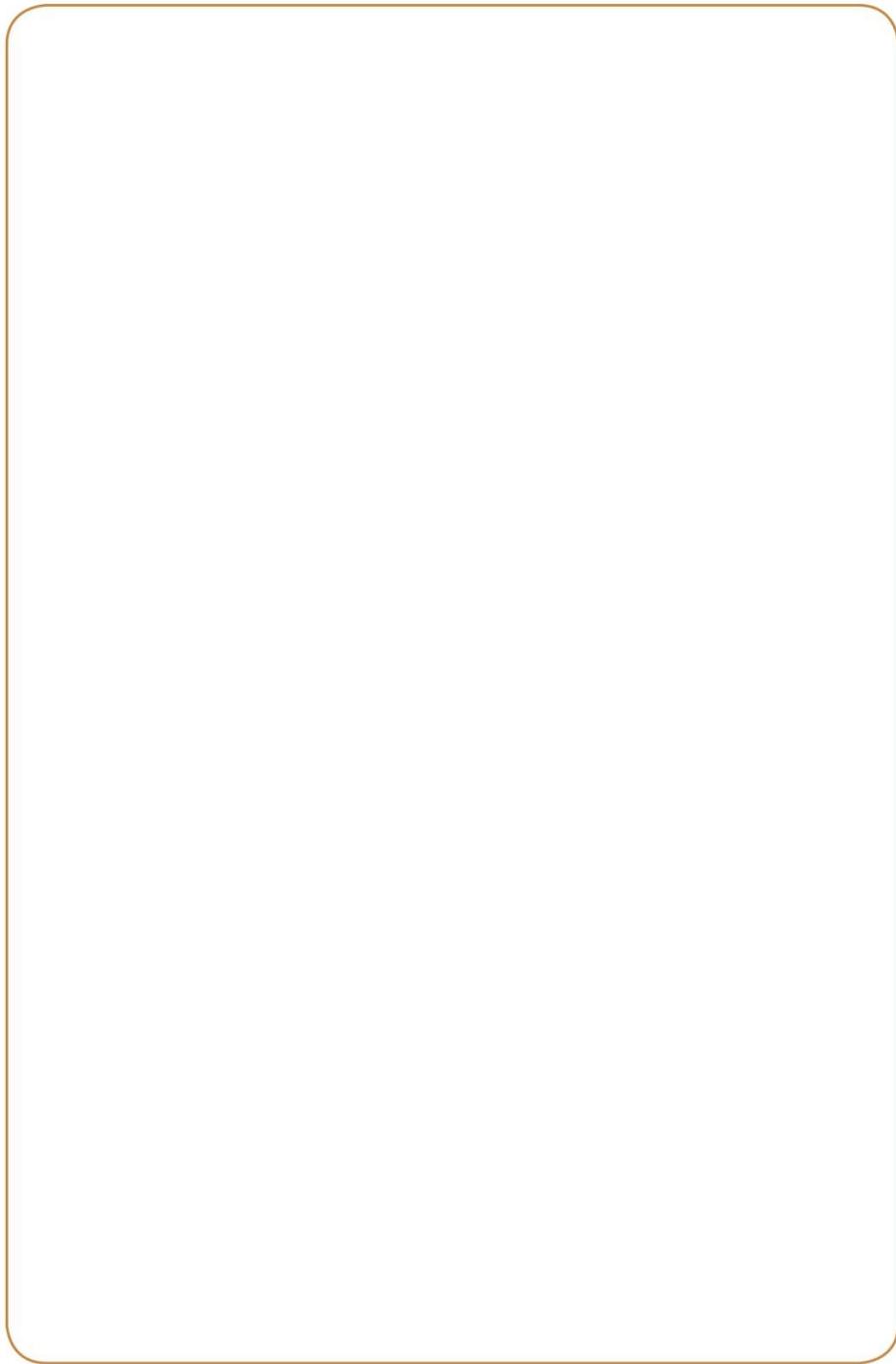
10, 17, 19, 20, 24

Apenas um sonho

6, 9, 11, 18, 20, 23

Fim

4. 6. 10. 11. 22. 26





A Mala Encantada pensa muito... E quando sozinha fica a exercitar sua mente. Coloque-se em seu lugar e...

11. Complete as frases rapidamente, com o primeiro pensamento que lhe vier à cabeça. Use palavras ou expressões:

- a) Quando estou solitário(a) eu...
- b) Como eu gostaria de reviver o dia...
- c) Dias felizes são aqueles em que eu acordo e...
- d) O meu maior sonho é...
- e) Minha maior alegria é...
- f) O provérbio de que eu mais gosto é...
- g) Dias perfeitos são esses em que...
- h) Quando estou cansado(a) e quero sair da rotina, eu...
- i) Eu me sinto completamente feliz quando...
- j) Quando eu cheguei a suas mãos, o detalhe que mais me chamou a atenção foi...
- k) Nesta cidade, a gente passa, a gente olha, a gente...
- l) Quando eu abro a janela do meu quarto, eu vejo...
- m) Se o tempo voltasse atrás, eu gostaria de...

[...] As palavras não nascem amarradas, elas saltam, se beijam, se dissolvem, no céu livre por vezes um desenho, são puras, largas, autênticas, indevassáveis.

(Carlos Drummond de Andrade. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988, p.94).



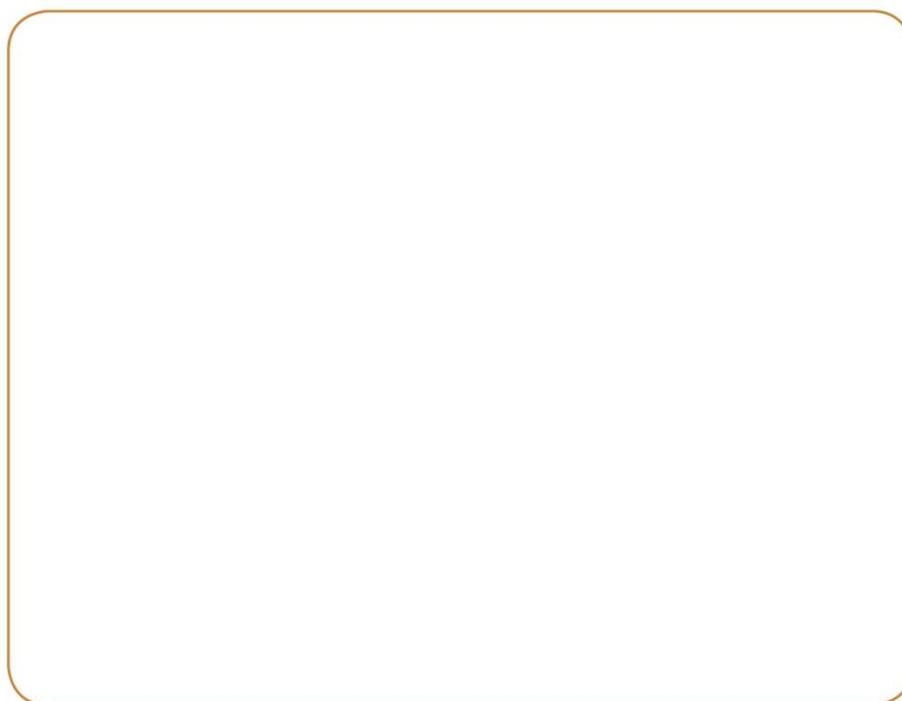
Vamos brincar com as palavras usando a imaginação e as sensações...

Ex:

Mala 

Mala apaixonada

12. Experimente ilustrar a palavra “MALA” de acordo com as sensações escolhidas por você, como no exemplo acima: (Mala apaixonada, Mala triste... Mala feliz, Etc.), agora é com você. Divirta-se:





13. Nesse espaço, você, criará uma pequena situação de diálogo com a Mala Encantada.

Você poderá usar travessão (-), Aspas (“ ”) ou balões  .

Não se esqueça de dar um título a esse diálogo:



ACRÓSTICO: É um gênero de composição poética bem antigo, que consiste em formar palavras ou mesmo frases inteiras com as letras iniciais, intermediárias ou finais. Você já fez um acróstico?

Então, prepare-se...

14. Primeira etapa da atividade: escrever quatro palavras com a mesma inicial de cada letra:

Medo,

A

L

A



15. Segunda etapa da atividade: escreva um pequeno texto utilizando todas as palavras do acróstico:

A large, empty rectangular box with rounded corners and a thin brown border, intended for writing a short text using the words from the acrostic.



16. Terceira etapa da atividade: construa seu acróstico (não esqueça do título).

Exemplo:

O Sapo e a Borboleta

Sabia que sou mais bonita?

A borboleta disse ainda ao sapo:

Pobre batráquio asqueroso,

O que você é me causa nojo!

[...]

(Dorival Pedro Lavirod)



Agora, aproveite esse espaço e... Viaje!!! Solte a imaginação, pegue a sua mala... E façam uma grande aventura. Conte essa história... A Mala será, juntamente com você, personagem dessa aventura:

17. Pegue o lápis ou caneta e COMECE...



Feche os olhos... Imagine-se no lugar da Mala Encantada, jogada naquele sótão empoeirado. Visualize todo esse espaço em detalhes... Viva intensamente esse momento... Concentre-se...

18. Descreva as sensações que sentiu ao estar no sótão...

A large, empty rectangular box with rounded corners and a thin brown border, intended for the student to write their response to the prompt.



Escolha uma das três imagens abaixo. Escolheu?



Fonte: <http://www.bocaonews.com.br/fotos/noticias/101717/mg/002.jpg>



Fonte: <http://img20.dreamies.de/img/793/b/nv2q66t93s6.jpg>

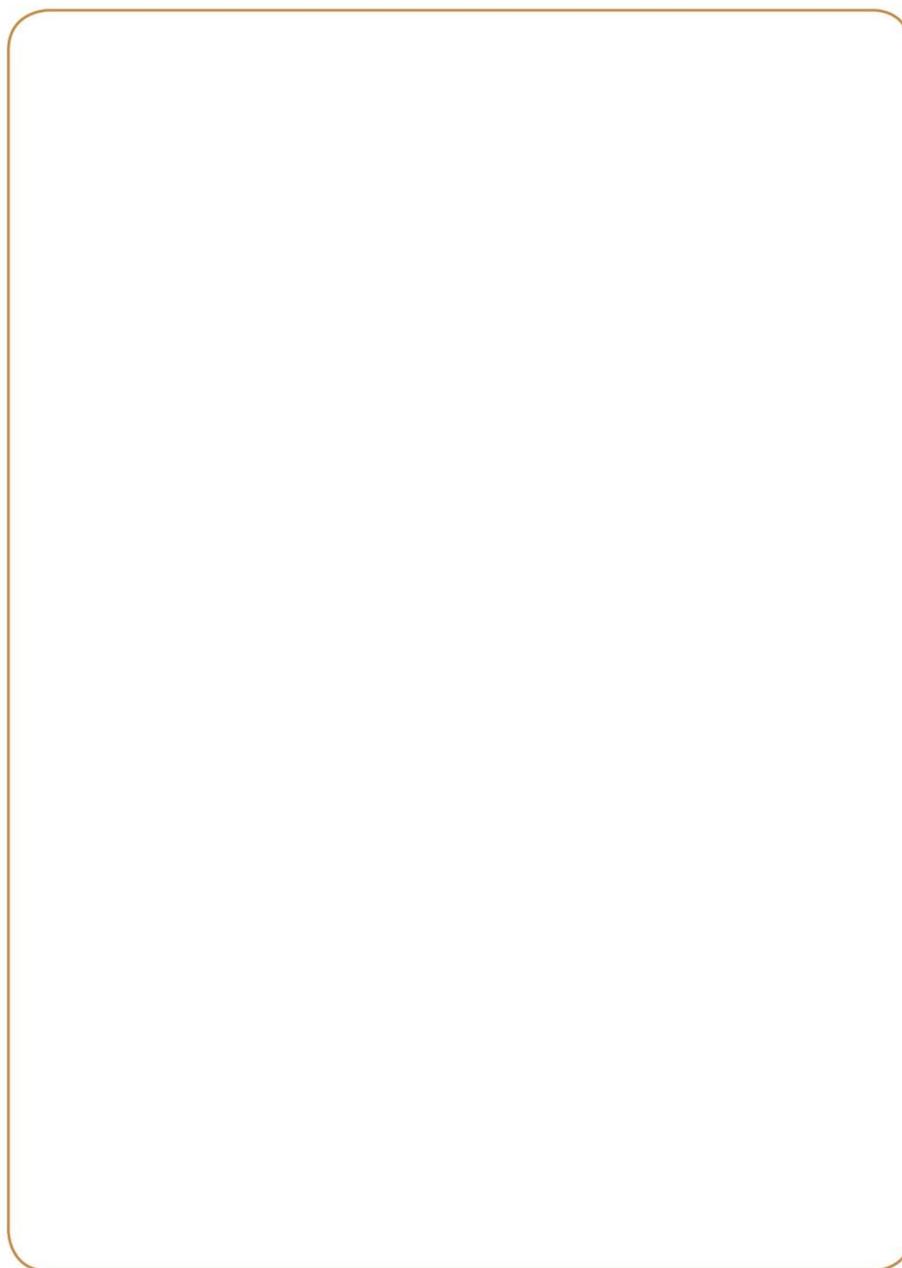


44

Fonte: <https://brunocavalcantiblog.files.wordpress.com/2013/08/mala.jpg>

19. Agora, escreva uma pequena história de acordo com a imagem escolhida e... Boa história!

P.S.: Não esqueça do título.





Você leu a história da Mala Encantada. Na sua opinião, o que poderia acontecer de diferente a partir do final da história?

20. Sugestões:

- Que tal retomar a história e criar outro acontecimento que leve a um novo final?
- Criar um novo personagem. Ele poderá dar outra solução ao conflito do conto.
- Retomar algum personagem do texto e fazer com que ele encontre uma solução para o conflito.

A large, empty, rounded rectangular box with a thin brown border, intended for students to write their suggestions for a different ending to the story.

Você passou por todas as etapas e realizou todas as atividades propostas?
Então, considere-se um VENCEDOR!

Faça uma pequena análise de sua trajetória por esse livro e pense o quanto você aproveitou, cresceu e se descobriu... Você é um escritor!

A large, empty, rounded rectangular box with a thin brown border, intended for the student to write their analysis and reflections.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Brasil Luís Antônio. Curso de Técnicas de criação literária para professores. Estado do Rio Grande do Sul, Guarani das Missões, RS, 2013.

Educação em Revista. Vol. 29, nº 1 Belo Horizonte Mar. 2013. (<http://dx.doi.org/10.1590/50102-469820130001100003>).

MESERANI, Samir Curi. Redação escolar: criatividade. 3ª ed. – São Paulo: Editora Discubra, 1971.

NASPOLINI, Ana Tereza. Tijolo por tijolo: prática de ensino de língua Portuguesa. São Paulo: São Paulo: FTD, 2009.

PRATES, Marilda. Encontro e Reencontro em língua Portuguesa: reflexão e ação. São Paulo: Moderna, 1998.

RICHE, Rosa, HADDAD, Luciane. Oficina da palavra: ler e escrever bem para viver melhor. 4ª ed. - São Paulo: FTD, 1991.

Esse livro além de contar a história de uma mala encantada por possuir características humanas, contém um caderno de oficinas temáticas com atividades autoinstrucionais (sem ajuda de terceiros).

É resultado da dissertação intitulada “ ‘Mala Encantada’: desenvolvendo estratégias voltadas ao letramento literário”, produzido no Curso de Mestrado Profissional em Ensino de Línguas da Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, visando auxiliar aos alunos do Ensino Fundamental a perderem o medo de escrever, sensibilizando-os e estimulando-os a exercitarem a leitura e a escrita, ajudando-os a vencerem as dificuldades e contribuindo para a produção de textos mais criativos, ampliando e enriquecendo seus horizontes para irem além do caderno e oportunizando-os a autoanálise.